

UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS SOCIAIS

Fábio Antônio da Silva

**A PASTORAL DA JUVENTUDE DA ARQUIDIOCESE DE MARIANA/ MG E SEU
PROCESSO DE FORMAÇÃO POLÍTICA**

Juiz de Fora
2024

Fábio Antônio da Silva

**A PASTORAL DA JUVENTUDE DA ARQUIDIOCESE DE MARIANA/ MG E SEU
PROCESSO DE FORMAÇÃO POLÍTICA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal de Juiz de Fora como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Ciências Sociais. Área de concentração: Cultura, Poder e Instituições.

Orientador: Prof. Dr. Jorge Gomes de Souza Chaloub

Juiz de Fora
2024

Ficha catalográfica elaborada através do programa de geração automática da Biblioteca Universitária da UFJF, com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

Silva, Fábio Antônio da.

A Pastoral da Juventude da Arquidiocese de Mariana/ MG e seu processo de formação política. / Fábio Antônio da Silva. -- 2024.
114 f. : il.

Orientador: Jorge Gomes de Souza Chaloub

Dissertação (mestrado acadêmico) - Universidade Federal de Juiz de Fora, Instituto de Ciências Humanas. Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, 2024.

1. Juventude. 2. Sociopolítica. 3. Religião. 4. Política. I. Chaloub, Jorge Gomes de Souza, orient. II. Título.

Fábio Antônio da Silva

**A PASTORAL DA JUVENTUDE DA ARQUIDIOCESE DE MARIANA/ MG E SEU
PROCESSO DE FORMAÇÃO POLÍTICA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal de Juiz de Fora como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Ciências Sociais. Área de concentração: Cultura, Poder e Instituições.

Aprovada em 27 de fevereiro de 2024

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Jorge Gomes de Souza Chaloub – Orientador
Universidade Federal de Juiz de Fora

Profa. Dra. Christiane Jalles de Paula
Universidade Federal de Juiz de Fora

Prof. Dr. Reinaldo Azevedo Schiavo
Universidade do Estado de Minas Gerais

Dedico este trabalho aos meus pais por me acompanharem na minha formação e aos meus irmãos pela presença constante.

AGRADECIMENTOS

A realização deste trabalho contou com várias pessoas, algumas que talvez nem saibam o quanto me ajudaram. Agradeço primeiramente a minha família que mesmo não entendendo “porque estudo tanto” sempre me apoiam nas minhas decisões, minha mãe Mirtes, meu pai Nilo (in memoriam), meu irmão Wilson, minha irmã Karina e meu cunhado Rodrigo. À Prefeitura Municipal de Senhora dos Remédios, na pessoa do Prefeito Willian Nunes Dornelas, que criou oportunidades para que eu conseguisse frequentar as aulas sem abandonar o emprego. À todos da Secretaria Municipal de Educação: Sônia, Ester, Adriana, Carmem Lúcia, Flaviana, Angélica, Juciléia, Marcilene, Jorge, Ana Carolina, Nádhia, Weverton, demais professores, Serventes Escolares e alunos que compartilham a luta do dia a dia comigo. Ao Willian César que durante o tempo que precisei me dedicar mais, segurou as pontas na secretaria. Aos meus amigos da Pastoral da Juventude, de perto e de longe, que contribuíram para o trabalho. Aqueles e aquelas que cederam o tempo para conceder entrevista o meu muito obrigado. Lara, Edson e Caio pelas conversas sempre frutuosas. Cláudio, Gabaldo, Sartori, Carlos Mexicano, Robson, Guilherme que são o combo perfeito que a UFJF me ofereceu. Ao Alexandre que desde a UEMG partilha comigo as alegrias e tristezas da vida acadêmica. Agradeço a todos os estabelecimentos de ensino por onde passei: E. E Cipriano Miranda, onde aprendi as primeiras letras; E. E. São José, onde me formei enquanto cidadão, e onde possivelmente passei os melhores momentos da vida. À Universidade do Estado de Minas Gerais por ter contribuído imensamente com a minha formação de Pedagogo e, posteriormente, de Cientista Social. Os professores Fabrício e Luis Ernesto pela companhia e conselhos certos. Um agradecimento especial à Universidade Federal de Juiz de Fora pela oportunidade de realizar esta pesquisa. Ao professor Jorge Chaloub que mais que orientador foi alguém que trouxe tranquilidade para o trabalho. Chris Jales por aceitar compor a banca e pelas dicas valiosas e ao Reinaldo pela disponibilidade para composição da banca e pela amizade de tantos anos. Enfim, agradeço a Deus que permitiu que chegássemos até aqui.

Esse sentido de comunidade é importante em termos humanos e potencialmente também a nível político. Não há necessariamente uma dicotomia entre a comunidade e a organização política; pelo contrário, a solidariedade comunitária pode facilitar a organização política. (Mainwaring, 1989, p. 237).

RESUMO

Esta pesquisa pretende analisar como é trabalhada a Dimensão Sociopolítica na Pastoral da Juventude da Arquidiocese de Mariana – MG. Foi orientada pela seguinte questão: quais são os principais desafios enfrentados pela Pastoral da Juventude no contexto do fortalecimento da extrema direita, no mundo e no Brasil, e das correntes carismáticas e conservadoras, no interior da Igreja Católica, assim como que tipo de reações e consequências esse movimento acarretou para a PJ. Nossa principal hipótese é a de que a Pastoral da juventude absorve elementos de outras expressões que trabalham a evangelização juvenil na tentativa de manter a sua boa relação com a hierarquia. Faremos uma pesquisa qualitativa que será embasada na análise de materiais de formação da PJ e na realização de entrevistas semiestruturadas com aqueles que participaram da Pastoral da Juventude da Arquidiocese de Mariana. O trabalho é importante pois ajuda a entender como a formação recebida pelos jovens, na PJ reflete em suas ações sociais e políticas.

Palavras-chave: Juventude; Sociopolítica; Religião; Política.

ABSTRACT

This research aims to analyze how the Socio-Political Dimension is addressed in the Youth Ministry of the Archdiocese of Mariana – MG. It was guided by the following question: what are the main challenges faced by the Youth Ministry in the context of the strengthening of the extreme right, both globally and in Brazil, and of charismatic and conservative currents within the Catholic Church, as well as what kind of reactions and consequences this movement has brought about for the Youth Ministry. Our main hypothesis is that the Youth Ministry absorbs elements from other expressions that work on youth evangelization in an attempt to maintain its good relationship with the hierarchy. We will conduct qualitative research based on the analysis of training materials from the Youth Ministry and on the conduct of semi-structured interviews with those who participated in the Youth Ministry of the Archdiocese of Mariana. This work is important because it helps to understand how the training received by young people in the Youth Ministry reflects on their social and political actions.

Keywords: Youth; Sociopolitics; Religion; Politics;

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ACB	Ação Católica Brasileira
CEB's	Comunidades Eclesiais de Base
ICAR	Igreja Católica Apostólica Romana
PJ	Pastoral da Juventude
RCC	Renovação Carismática Católica
TL	Teologia da Libertação

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	12
CAPÍTULO 1 – A IGREJA CATÓLICA APOSTÓLICA ROMANA NO BRASIL: AS VÁRIAS FACES DA MESMA IGREJA	23
1.1 – A IGREJA DA NEOCRISTANDADE E A INSERÇÃO NO MUNDO DA POLÍTICA	27
1.2 – DE UMA IGREJA FECHADA EM SI MESMA PARA UMA IGREJA ABERTA AOS PROBLEMAS SOCIAIS	29
1.3 – “HÁ, PORTANTO, MUITOS MEMBROS, MAS UM SÓ CORPO” (1 COR 12, 20): AS MUITAS TENDÊNCIAS QUE FORMAM A IGREJA CATÓLICA	38
CAPÍTULO 2 – A IGREJA CATÓLICA APOSTÓLICA ROMANA E O TRABALHO DE EVANGELIZAÇÃO DA JUVENTUDE PÓS 64	45
2.1 – A PASTORAL DA JUVENTUDE DO BRASIL	47
2.2 – ORGANIZAÇÃO DA PASTORAL DA JUVENTUDE	50
2.3 – A PEDAGOGIA E A METODOLOGIA DA PJ	57
2.4 – O PROCESSO DE EDUCAÇÃO NA FÉ	59
2.5 – A PASTORAL DA JUVENTUDE NA ARQUIDIOCESE DE MARIANA	62
CAPÍTULO 3 – A PJ DA ARQUIDIOCESE DE MARIANA PÓS 2013	72
3.1 – O ENCONTRO DE GERAÇÕES NA PJ MARIANA	85
3.2 – A DIMENSÃO SOCIOPOLÍTICA NA PJ MARIANA	98
3.3 – A PJ MARIANA HOJE	101
CONCLUSÃO	106
REFERÊNCIAS	110

INTRODUÇÃO

Religião e Política são elementos que, de certa forma, estruturam a sociedade. É praxe dizer que não se discute as preferências religiosas e políticas de cada um por serem geradoras de conflitos. O campo religioso brasileiro é rico compreendendo vários credos, várias formas de manifestar e praticar a fé. Esta diversidade é garantida pela constituição que configura o Brasil como um país laico, o que pressupõe liberdade de associação e prática religiosa.

A política, por sua vez, permeia a vida de todos que habitam a sociedade por normatizar e manter o ordenamento social. É comum a presença do político religioso que conduz a sua prática a partir do que preconiza a sua religião, não levando em consideração o impacto que pode causar naqueles que não compactuam da mesma crença.

Figura importante, tanto para as denominações religiosas quanto para a política, é o jovem. Nele é depositada a esperança de manutenção destas instituições. Por esta razão são vistos com bons olhos desde que não “inventem moda” que possam causar um mal-estar entre os membros mais experientes. É preciso parcimônia para evitar conflito entre as gerações e garantir a perpetuação da instituição e uma constante renovação de seus membros o que, segundo Mannheim (1982), no mundo moderno é inevitável que haja este conflito.

Dentre as religiões presentes no Brasil o catolicismo é a mais influente representado pela Igreja Católica Apostólica Romana (ICAR). Presente no país desde 1500, teve participação no desenvolvimento da história e da política brasileira. Sendo responsável pela formação e estruturação desta sociedade e, por muitos anos, sendo a opção religiosa da maioria dos cidadãos brasileiros.

A Igreja Católica Apostólica Romana é uma instituição muito forte e que demonstra uma solidez hierárquica como poucas. No entanto, em seu interior, apresenta várias formas de organização grupal e de relacionamento com o sagrado. São os chamados carismas que cada fiel, ou cada agrupamento de fiéis, em suas ordens e congregações, assumem e que garantem esta grande diversidade. Importante salientar que o termo “carisma”, neste caso, não tem relação com o conceito criado por Weber, mas, se refere, à forma que a igreja adota ao se referir aos dons, que, para ela, são dados pelo Espírito Santo. Esta diversidade de dons/carismas suscita disputas internas entre os diferentes grupos e associações, embora a ICAR

afirme que isto não impede que todos vivam em unidade em torno daquilo que os une e que, pelo contrário, esta multiplicidade de carismas seja uma riqueza para ela. Para tentar manter esta unidade, porém, é muito importante a edição de vários documentos, normas e regras baixadas pela autoridade máxima da Igreja, o Papa.

Esta diversidade é vivenciada em cada comunidade católica, em cada grupo. É natural, portanto, a existência de disputa de poder dentro da Instituição católica, pois estes carismas e esta convivência não estão livres de ideologias políticas. Esta disputa por posições dentro da Igreja atinge a todos, desde a mais alta hierarquia até os pequenos grupos reunidos nas comunidades.

Dentre esta diversidade destacamos os grupos que mantêm trabalho com a evangelização da juventude, em especial a Pastoral da Juventude (PJ). Formatada nos anos 1970, teve seu ponto máximo nos anos 1980 e 1990 e, a partir de escolhas feitas pela hierarquia da Igreja Católica, passa a enfrentar a resistência do clero e até mesmo de membros da comunidade, deixando evidente uma disputa de poder dentro da Instituição, principalmente a partir dos anos 2000.

O presente trabalho pretende analisar quais são os principais desafios enfrentados pela Pastoral da Juventude no contexto do fortalecimento da extrema direita, no mundo e no Brasil, e das correntes carismáticas e conservadoras no interior da Igreja Católica, assim como que tipo de reações e consequências esse movimento acarretou na PJ, entendendo sua vocação política como uma das bases para seu trabalho de evangelização da juventude.

Para tal adotou-se o método qualitativo com a utilização de entrevistas semiestruturadas e análise documental que nos permitirá atribuir significados à complexidade do nosso objeto. Por esta razão, utilizamos estas várias fontes a fim de assegurar que os resultados obtidos imprimam credibilidade à pesquisa. Neste sentido, nosso recorte espacial será a Arquidiocese de Mariana/MG, representada pelos grupos de base da Pastoral da Juventude desta Arquidiocese, bem como pessoas que tiveram passagem por estes grupos.

Sabe-se da importância de se fazer uma escolha consciente do caso a ser estudado. Isto se faz necessário para que ele possa representar, da melhor forma possível, o objeto a ser pesquisado e evitar uma generalização que possa acarretar vícios e vieses à pesquisa. Gerring e Cojocarú (2015) nos alertam a respeito deste recurso, por esta razão, optamos por analisar os materiais de formação produzidos pela PJ, as redes sociais e os canais de comunicação oficiais. Acreditamos que

utilizando da análise documental encontraremos elementos que possam confirmar ou refutar os dados obtidos em campo durante a realização das entrevistas. Esses dados documentais são discretos e não reativos, o que possibilita uma melhor reflexão sobre o objeto estudado, ajudando a entender todo o processo conforme aponta Bowen (2009).

As entrevistas contribuem para sanar as dúvidas que surgirem ao analisar os documentos e constrói, juntamente com eles, dados que ajudam a dar solidez ao trabalho. Para isto foram utilizadas entrevistas semiestruturadas e os entrevistados foram envolvidos com objetivo de se conseguir colher as melhores respostas como orienta Hermanowics (2002).

Estas entrevistas foram realizadas com jovens e adultos com passagem pela Pastoral da Juventude da Arquidiocese de Mariana/MG, que desempenharam papel de destaque na PJ arquidiocesana, ocupando os cargos de coordenador arquidiocesano, secretário arquidiocesano, articulador arquidiocesano ou assessor arquidiocesano. A motivação para entrevistá-los partiu da necessidade de ouvir aqueles que tenham uma visão abrangente da Arquidiocese de Mariana, devido a sua extensão territorial. Uma segunda motivação seria o desejo de que nos ajudasse a entender o processo pelo qual a PJ está inserida atualmente e como ela foi formada e desenvolvida neste território. Ressalta-se que a Arquidiocese de Mariana enfrenta dificuldades para implantar o Setor Juventude, que é a prioridade para a igreja do Brasil quando se fala em organização nacional dos trabalhos de evangelização juvenil.

Foram realizadas 11 entrevistas, sendo 10 individuais e 1 coletiva. Nestas foram ouvidas 13 pessoas. Duas entrevistas foram realizadas de forma presencial e 9 de forma remota, através da plataforma Google Meet, devido a diversos empecilhos, que inviabilizaram a realização das mesmas presencialmente. Destacamos que o uso deste modelo de entrevista não impactou no resultado final. Todos os entrevistados foram informados que seria mantido o anonimato e que estavam sendo gravados em duas mídias, gravação de tela e no gravador do celular, concordaram com a gravação e assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE. Importante salientar, também, que a pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal de Juiz de Fora – CEP/ UFJF, número do Parecer 6.278.218.

Quanto à região escolhida para o desenvolvimento do trabalho, ela se justifica pela importância da Arquidiocese de Mariana, a primeira de Minas Gerais, para o estado. A Arquidiocese de Mariana está presente em 79 municípios mineiros, com

variadas tendências do catolicismo presente no seu quadro e mantém um tradicionalismo muito forte, sobretudo nas cidades históricas. É sabido que a Arquidiocese de Mariana se manteve fiel ao conservadorismo católico até meados dos anos 80, quando da nomeação de D. Luciano Pedro Mendes de Almeida como arcebispo desta porção da Igreja Católica Apostólica Romana. Após a chegada dele os grupos com alguma ligação com a Teologia da Libertação passou a ter maior destaque e se fortalecer. Isto não significa que na arquidiocese não existissem grupos adeptos do Cristianismo da Libertação, mas que, a chegada de um bispo progressista impulsionou estes grupos. Este fenômeno, portanto, merece um aprofundamento, uma vez que foi aos poucos se tornando referência para as dioceses da região.

Faz-se importante, para este trabalho, também, a categoria juventude e como a mesma deve ser retratada para entender a sua presença na sociedade e sua forma de ação e inserção nos meios sociais e políticos. Para isto, é necessário entender a juventude, a visão que a sociedade tem dela e a sua relação com a religião e a política. A definição de juventude e do que é ser jovem ganha contornos diferenciados, no senso comum, levando-se em consideração aspectos sociais, emocionais, políticos e geográficos, sejam nas canções, nas poesias, nas propagandas de Televisão, nos programas televisivos, no mercado, nas Redes Sociais, nas Igrejas, no “correr” do dia a dia. Todos têm uma imagem formada do que é ser jovem e para eles tem uma mensagem.

Na novela o jovem é o sarado, bonitão, cheio de vida e planos. No comercial ele é ativo e dinâmico, ávido por consumir coisas novas. Nas páginas policiais eles são as vítimas e os algozes. Nas periferias dos grandes centros enfrentam a luta do dia a dia, muitas vezes não exercendo a sua juventude por já assumir papel de adulto. Nos prédios das classes médias, os jovens estão ocupados se preparando para o futuro e para dar respostas para a família. Enfim, cada sujeito, no seu meio, assume um modo de ser jovem.

A Pesquisa Juventudes no Brasil¹ aponta que, em 2021, havia cerca de 50 milhões de jovens no Brasil. Esta mesma pesquisa traz informações importantes que

¹ Pesquisa Juventudes no Brasil é uma investigação da Fundação SM, coordenada pelo Observatório da Juventude na Ibero-América (OJI), e realizada em parceria com pesquisadores de três universidades públicas sediadas no Rio de Janeiro – a Universidade Federal Fluminense (UFF), a Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UniRio) e a Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Foram realizadas 1.740 entrevistas, sendo 50% homens, 50% mulheres; 90% dos entrevistados em áreas urbanas e 10% em áreas rurais (no Brasil, a distribuição da população se dá com 87% de seus habitantes em áreas urbanas e 13% em áreas rurais).

nos permite refletir sobre a juventude e o modo de ser jovem e fazer uma análise sobre suas percepções e realidades, contribuindo para um maior entendimento sobre os jovens brasileiros. Segundo a pesquisa, que teve início no período que antecede as restrições devido à Pandemia da COVID 19, eles consideram a família, a saúde e a educação, respectivamente, como os aspectos mais importantes e a política como o menos importante em sua vida, o que se justifica pelo fato de julgarem a corrupção como o segundo tema que mais afeta sua vida pessoal.

Quanto à participação política e a forma de atuação política, a maioria declara que votou nas eleições de 2018, no entanto tiveram pouco contato com políticos e poucos se interessam por debater o tema. Isto reflete também na forma como entendem a participação política, apenas através do voto, pois a grande maioria não participa de nenhuma associação, grupo ou coletivo e a totalidade não participa de partido político.

Com relação à confiança nas Instituições, eles se mostram confiantes nas Igrejas e Organizações religiosas, nas Forças Armadas e no Sistema de Educação e a maior desconfiança diz respeito, novamente, às Instituições ligadas à política: Partidos Políticos, Congresso Nacional e Governo, respectivamente.

Vale ressaltar que esta pesquisa foi realizada num contexto em que o Brasil enfrentava grave crise política que refletia no aumento da desconfiança da população com relação a assuntos relacionados ao mundo político. Sabemos que a Pandemia da COVID 19 pode ter mudado a percepção destes jovens a respeito de vários aspectos pesquisados, uma vez que todos fomos afetados por esta tragédia mundial e, os jovens, foram os mais afetados tanto com relação ao emprego, ao lazer, à educação, enfim, aos mais variados aspectos de sua vida.

Partindo destas informações e na tentativa de conceituar e delimitar aquilo que entendemos como juventude, vale ressaltar as contribuições de Marialice Foracchi, pioneira nos estudos sobre esta temática, entendendo a juventude como uma condição social e não somente como indivíduos situados numa determinada faixa etária. Podemos, a partir do que nos apresenta Foracchi (1977, p. 302), entender a juventude como sendo “ao mesmo tempo uma fase da vida, uma força social renovadora e um estilo de vida”. Neste sentido é a etapa de vida em que o indivíduo está disponível para receber e apreender informações e formações que lhes serão válidos na fase adulta, que nos garante a imagem da juventude como uma etapa preparatória para a vivência na maturidade. É também, dotado de energia,

dinamicidade e espírito revolucionário que lhe credencia a ser um aglutinador de forças sociais potentes com as mesmas visões de mundo e anseios capazes de renovar o que está à sua volta. Soma-se a estas duas características o seu modo de ser, que, produzido pela e na sociedade, tende a entrar em choque com as gerações anteriores, pela forma questionadora que se apresentam seja no modo de falar, de andar ou de agir.

Novaes (2007) destaca os principais medos e anseios da juventude contemporânea e, a este respeito a Pesquisa Juventudes no Brasil aponta que 49% dos jovens sentem medo todo o tempo de serem assaltados, 47% tem medo da destruição do meio ambiente, 40% de não ter trabalho no futuro, 37% de ser atingido por bala perdida, 34% medo de ficar endividado, 29% de sofrer violência sexual e 23% de perder emprego. Percebemos que a pesquisa corrobora o que nos diz Novaes (2007) e demonstra que a juventude se entende inserida num ambiente hostil e desafiador para a sua efetiva participação social. É neste ambiente que o jovem se forma enquanto um ser social, como afirma Dayrell (2003) ao discorrer sobre como a sociedade constrói a categoria juventude a partir de visões idealizadas e como o jovem realmente vive e se relaciona neste ambiente.

O jovem, portanto, pode ser percebido como um sujeito que cria seu modo de ser e agir na sociedade e, como sujeito, tem suas próprias dinâmicas de vida que vão se organizando a partir de suas vivências, suas histórias, experiências, trocas e partilhas numa constante construção de si mesmo e do outro, numa via de mão dupla, tendo como pano de fundo a sua realidade, o espaço geográfico em que vive, suas experiências religiosas, culturais, políticas, bem como suas relações interpessoais.

Neste sentido, entendemos que há uma multiplicidade de grupos, de posições sociais, de modos de viver e experienciar o meio em que vivem. Por esta razão podemos caracterizar as juventudes, no plural, em detrimento de uma juventude única, homogênea, particular. Nesta diversidade de ambientes juvenis é que são, então, construídos os jovens como sujeito social, como afirma Dayrell (2003).

Ao falarmos de juventude e política podemos pensar por dois pontos de vista: o jovem como ator político ou como destinatário das políticas públicas. Entendemos a necessidade de discutir sobre as políticas públicas para a juventude, uma não excluindo a outra, mas complementando, e que a efetivação das mesmas é fator primordial para que os jovens desfrutem deste período da sua vida de forma plena. Entendendo a necessidade de discutir sobre a efetivação de políticas públicas para a

juventude nos diversos campos: educação, moradia, mobilidade, emprego, lazer e saúde, trataremos neste trabalho do jovem como agente político, protagonista de ações políticas na sociedade a partir de sua inserção num grupo religioso e, para isto, vale refletir sobre a percepção que os jovens têm sobre a política.

Ressalta-se que ao tratar de temas relacionados às juventudes e, principalmente, sobre sua forma de ver o mundo, deve-se levar em consideração que os jovens e a maneira com que se relacionam com o mundo mudam de acordo com a geração e, portanto, cada geração de jovens percebe seu meio de forma diferente.

Percebe-se, no entanto, a capacidade da juventude se unir em prol da resolução de entraves que impactam a vida dos cidadãos. Podemos citar os grandes movimentos de massa acontecidos sobretudo nos anos 1980 como o Movimento pelas Diretas Já, Movimento Sindical do ABC Paulista e os Movimentos Estudantis. Recentemente o problema era a mobilidade urbana, que fez com que a juventude se unisse no que ficou conhecido como Jornadas de Junho, em 2013. A pauta, que começou devido ao aumento do valor das passagens, culminou num grande movimento nacional com reivindicações dispersas resultando na proliferação do ator político apolítico.

Regina Novaes², em uma entrevista concedida aos pesquisadores Victor Oliveira e Mírian Lacerda, em 2021, elenca as principais reivindicações dos jovens:

“Se tivéssemos que escolher três demandas principais dos jovens de hoje, [uma delas] seria a questão de como adequar a vida escolar com a entrada no mundo do trabalho; (...) também a questão da violência que atinge particularmente os jovens. (...). Depois disso, existem outros, como: a saúde, [que] tem ganhado destaque, principalmente no que diz respeito aos direitos reprodutivos, as questões ligadas às drogas e a saúde emocional. (...). Eu colocaria também a cultura, já que os jovens têm usado muito a cultura, como maneira de construir autoestima, de se expressar. (...) Sem dúvida nenhuma, a questão da mobilidade também foi ganhando maior espaço. (...) A liberdade de ir e vir, a possibilidade do transporte para o estudo, para o trabalho e para o lazer. A questão do lazer é uma dimensão importante da vida juvenil.” (Oliveira *et. al*, p. 04, 2021)

As reivindicações são diversas e todas dizem respeito ao modo de se colocar no mundo, seja na escola, no trabalho, na cena cultural ou no lazer. Sabemos que todas estas necessidades são fontes aglutinadoras de jovens para a luta e a participação política.

² Regina Novaes é professora visitante da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO), no Programa de Pós-Graduação em Educação. Foi professora do Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Antropologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), onde orientou pesquisas de iniciação científica, dissertações de Mestrado e teses de Doutorado. Se dedica às pesquisas nos seguintes temas: movimentos sociais, juventude, religião, cultura, cidadania e violência.

Enfim, o jovem passa a se reconhecer enquanto sujeito pertencente a um coletivo e a partir desta tomada de consciência percebe a necessidade de, a partir do coletivo, fazer reivindicações a fim de suprir as carências percebidas. Neste movimento é que desponta e favorece a participação política dos jovens nos mais variados meios possíveis.

Dentre estes espaços de socialização da juventude destacamos a religião, ou os espaços religiosos. Tratados como futuro da igreja, são destinatários da Evangelização e preocupação constante dos líderes religiosos pois representam a continuidade da instituição religiosa na sociedade. E percebe-se que os jovens correspondem à expectativa ao aderir às experiências religiosas como nos mostra a pesquisa Juventudes do Brasil, pois de acordo com a mesma, 68,3% dos jovens entrevistados têm religião e 35% consideram ir à Igreja como um lazer. Dentre as instituições mais confiáveis, 36% confiam nas Igrejas e organizações religiosas.

Esta participação na vida religiosa se dá de diferentes formas de acordo com a afinidade do jovem com a proposta evangelizadora oferecida pela instituição. Vivemos num contexto do mundo globalizado, conectado e que dá respostas ágeis para as questões demandadas pelos indivíduos. Desta forma, a juventude vive a dinamicidade de sua vida no interior das igrejas que lhes oferecem um retorno, que lhes satisfazem imediatamente.

Sabe-se que os movimentos juvenis nas igrejas sofrem com a mudança de época, tais como todos os outros movimentos sociais, e a Igreja tenta acompanhar estas mudanças sem, contudo, abrir mão de seus valores éticos e morais. Numa sociedade capitalista e plural vive-se imersos numa pluralidade de opções para se viver a fé e o jovem procura a melhor forma de viver a sua espiritualidade.

Desta diversidade de oferta religiosa surge a mobilidade religiosa em que o religioso, seja ele jovem ou não, passa a experimentar diferentes maneiras de exercer a sua fé. Hervieu-Léger molda o termo bricolagem de crenças a fim de esclarecer este fenômeno e formata as figuras do peregrino e do convertido para exemplificar este modo de viver a fé e de construir a sua identidade religiosa. A eles são oferecidos “diversos recursos simbólicos colocados à sua disposição e/ ou aos quais eles podem ter acesso em função das diferentes experiências em que estão implicados” (Hervieu-Léger, 2015, p. 64). O peregrino experimenta em cada espaço religioso e absorve o que melhor lhe atende realizando este peregrinar pelas mais diferentes instituições

religiosas. O convertido seria aquele que volta à sua religião original e reafirma a sua fé, ou adere a uma nova, onde encontra motivos para saciar os seus anseios.

O jovem vive nesta dinâmica religiosa e, promovido pelas igrejas, encontra-se em grupos, local privilegiado para vivenciar a sua juventude, formar a sua identidade e reafirmar a sua pertença em contato com os outros jovens. Ao considerar o jovem como um sujeito social é importante considerar o grupo como este lugar onde ocorrem as trocas de experiências que, conseqüentemente, colaboram para a formação da identidade juvenil.

Dentre as diversas instituições religiosas e grupos que trabalham a evangelização das juventudes destacamos a Igreja Católica e o trabalho desenvolvido por ela para garantir o recrutamento e a permanência dos jovens para seu interior e, dentre os grupos destacamos a Pastoral da Juventude (PJ), objeto de estudo deste trabalho.

O processo de formação da PJ remonta aos anos 1970, portanto durante a Ditadura Militar. Ela se caracteriza como um movimento juvenil que fomenta o protagonismo juvenil e a evangelização dos jovens a partir da libertação pessoal, tendo como base o despertar da consciência crítica a respeito do meio em que o jovem está inserido, desde sua comunidade, passando pela sua família, sua escola e suas relações sociais. Pertencente à Teologia da Libertação, teve seu auge nos anos 1970 a meados dos anos 1990, assim como os grupos ligados ao Cristianismo da Libertação, e, se mantém nas comunidades ainda hoje com dificuldades de adesão devido à sua metodologia de trabalho.

Neste sentido, esta pesquisa se orienta a partir da questão: quais são os principais desafios enfrentados pela Pastoral da Juventude no contexto do fortalecimento da extrema direita, no mundo e no Brasil, e das correntes carismáticas e conservadoras no interior da Igreja Católica e que tipo de reações e conseqüências esse movimento acarretou na PJ? Vamos procurar responder a esta questão neste trabalho, que é dividido em três capítulos, organizados da seguinte forma: no 1º capítulo apresentamos um recorte da trajetória da Igreja Católica no Brasil no decorrer da história, destacando os acontecimentos que julgamos ser mais importantes e que contribuíram para a conformação do catolicismo como temos hoje. O 2º capítulo traz o histórico da formação da Pastoral da Juventude no Brasil e na Arquidiocese de Mariana. O 3º capítulo faz uma análise sobre a Pastoral da Juventude na Arquidiocese

de Mariana a partir das entrevistas e da análise dos documentos produzidos e utilizados pela PJ.

Nossa hipótese é que para se manter como um grupo reconhecido pela hierarquia da Igreja Católica a Pastoral da Juventude da Arquidiocese de Mariana se adapta à nova realidade eclesial. Os grupos passam a incorporar elementos de outras tendências além de agir com cautela quando tratam de assuntos polêmicos, que vão de encontro com a orientação da Igreja Católica.

Destaca-se que o pesquisador tem um envolvimento com a Igreja Católica, passando por diversos grupos durante a infância e adolescência e estabelecendo laços com a Pastoral da Juventude e com grande parte dos seus integrantes. Entendemos e assumimos os riscos e dificuldades que seriam enfrentados neste sentido, para que a pesquisa fosse desenvolvida com a imparcialidade necessária para que o resultado final não fosse comprometido.

Por outro lado, entendemos que o fato do pesquisador conhecer o campo não invalida a pesquisa uma vez que ele pode contribuir com aquilo que, por esquecimento ou mesmo por omissão dos entrevistados, não for dito. Entendemos a preocupação das ciências sociais em não produzir estudos enviesados a partir do momento em que o envolvimento com o objeto produza parcialidade. Recorremos, portanto aos antropólogos que orientam sobre a necessidade de maior relacionamento com o objeto. Neste sentido Geertz (1989) chama atenção para a necessidade de se estudar nas aldeias e não as aldeias. Isto implica um envolvimento e apreensão dos códigos e dos sistemas comunicacionais e culturais deste espaço.

Estranhar o familiar implica a seriedade do pesquisador em manter a distância necessária e possibilita sua exposição e

“um confronto com outros especialistas, com leigos e até, em certos casos, com representantes dos universos de que foram investigadores, que podem discordar das interpretações do investigador.” (Velho, p. 131)

Neste sentido esta aproximação pode deixar de ser um problema e pode ser a oportunidade para crescimento e enriquecimento da pesquisa ao ser colocada neste confronto.

Sobre a pesquisa destaca-se também a importância da mesma ao observarmos que, nos últimos anos, há poucos trabalhos que se debruçam sobre a atuação pastoral da Igreja Católica. Portanto, pretendemos com esta pesquisa contribuir para um debate do tema de forma transdisciplinar, abordando o envolvimento da juventude religiosa progressista no ambiente político. Na construção deste debate, espera-se

fomentar maior reflexão sobre esta parcela da população, em especial a sua inserção no meio social e político, na medida em que o país assiste o avanço da extrema direita, bem como a formação de grupos conservadores com grande presença de jovens, cada vez mais organizados e com capilaridades fortemente estruturadas, o que contribui para o seu fortalecimento político.

CAPÍTULO 1

A IGREJA CATÓLICA APOSTÓLICA ROMANA NO BRASIL: AS VÁRIAS FACES DA MESMA IGREJA

Dentre as religiões cristãs, o catolicismo representado pela Igreja Católica Apostólica Romana (ICAR), é uma das maiores e mais influentes do mundo. Responsável por influenciar modos de viver, editar regras, ética e moral para que seus adeptos vivam em sociedade. Sua doutrina tem grande penetração mundial, orienta a dinâmica social e as palavras de seu líder supremo, o Papa, são pautas de debates em todo o mundo. Sabe-se que esta religião possui um estado, governado por este líder, o Vaticano, e que as decisões por ele tomadas impactam na vida de milhões de fiéis espalhados pelo mundo. Fiéis estes que devem obediência à palavra e às ordens da hierarquia sob o risco de sofrer a pena maior desta igreja: a excomunhão e, conseqüentemente, não alcançar a vida eterna, motivo pelo qual os fiéis estão ali reunidos e praticando as orientações advindas do magistério da Igreja.

Neste capítulo vamos, através de um resgate histórico dos principais acontecimentos da Igreja e suas relações com a sociedade, buscar compreender a trajetória percorrida pela instituição Igreja Católica, bem como dos grupos que a mantém e sustenta. Espera-se que os fatos acontecidos nos ajudem a contar a história de formação da Igreja como a conhecemos hoje. Sabemos que a Igreja Católica Apostólica Romana é a maior denominação cristã do Brasil, embora venha perdendo fiéis ao longo dos tempos, especialmente para as igrejas cristãs neopentecostais. No entanto, ela ainda é presença forte na sociedade e no meio político e social brasileiro como orientadora e formadora de milhares de pessoas.

Vimos nos últimos anos que o posicionamento do atual Papa, Francisco, tem causado grande espanto na comunidade internacional pelo teor progressista. Estes posicionamentos suscitam debates entre aqueles que o apoiam e aqueles que tem resistência contra seu modo de gerir a Igreja Católica, especialmente no que diz respeito à doutrina. Sabe-se que a ICAR é um celeiro de disputas por poder e, estas disputas ficam cada vez mais evidente uma vez que as Redes Sociais se tornaram a arena onde os mais diferentes grupos expõem suas opiniões na tentativa de convencer seus seguidores sobre qual a doutrina mais correta e qual é a ética e moral católica verdadeira.

A última pauta levantada pelo Papa Francisco foi a respeito da autorização para abençoar casais do mesmo sexo com a publicação da Declaração *Fiducia supplicans*³, do Dicastério para a Doutrina da Fé. A partir das declarações do Papa os grupos, conservadores e progressistas, se organizaram para dar o seu aval. No Brasil, nos últimos anos, vimos aumentar em organização e quantidade os grupos conservadores que desejam uma Igreja mais voltada para a tradição, mais piedosa, fechada em si mesma em detrimento dos grupos mais progressistas que buscam a vivência de uma religião aberta ao novo, encarnada na sociedade e na vida do povo, menos clerical e preocupada com a justiça social. Estes grupos estão nas paróquias e comunidades, mas estão se digladiando também na Internet, utilizando as Redes Sociais para disseminar a sua ideologia.

Não é só o Papa Francisco que está à mercê do julgamento destes grupos. Junta-se a ele sacerdotes, a exemplo do Padre Júlio Lancelotti, organizações como a própria Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB) e até atividades como a Campanha da Fraternidade.

Nesta seara destaca-se os “caçadores de Hereges”, grupo conservador que tem perfis nas principais Redes Sociais no Brasil e que conta com 52.500 seguidores do TikTok⁴, seu administrador possui 450 seguidores no Instagram⁵ e 4.800 no Facebook⁶. Nas Redes ele se apresenta como “Católico Apostólico Romano, Acólito, Tradicionalista, Anti comunista, sou de direita, contra aborto”. Em seus perfis ele se encarrega de postar textos curtos, vídeos e imagens onde defende a fé católica a partir de figuras Conservadoras como Padre Paulo Ricardo, Fraternidade São Pio X, D. Marcel Lefebvre dentre outros expoentes tradicionalistas Católicos.

Outro influente católico brasileiro é o que, em suas redes, se apresenta como “católico, Jornalista, Palestrante, Professor, Criador da Iniciativa O Bom Combate e da formação Invencível de defesa da fé”, o paranaense Bernardo Küster. O blogueiro

³ *Fiducia supplicans* (Confiança suplicante) é um documento da Igreja católica, promulgado pelo Dicastério para a Doutrina da Fé e assinado pelo seu Prefeito, o Cardeal Fernández.

⁴ Conf. https://www.tiktok.com/@martelodoshereges15?is_from_webapp=1&sender_device=pc Acesso em: 23/12/2023

⁵ Conf. https://www.instagram.com/carlos_souza_15?igsh=djVvaWptYzB0MjFv Acesso em 23/12/2023.

⁶ Conf. <https://www.facebook.com/profile.php?id=100049816023933&mibextid=ZbWKwL> Acesso em 23/12/2023.

ostenta 20 mil seguidores no Facebook⁷, 1240 seguidores no TikTok⁸, 529 mil no Instagram⁹, 999 mil inscritos e mais de 95 milhões de visualizações no Youtube¹⁰. Conhecido nas redes sociais, Bernardo, se diz um perseguido após ser responsabilizado por disseminação de fake News em suas redes chegando a ser investigado na CPI das Fake News. Um de seus últimos trabalhos foi o documentário “Eles estão no meio de nós” que traz fortes críticas à Teologia da Libertação afirmando que esta seria a infiltração da Esquerda e do Comunismo na Igreja Católica.

Outro importante ator no campo conservador católico brasileiro é o Centro Dom Bosco que conta com 474 mil inscritos e mais de 40 milhões de visualizações no youtube¹¹. Este grupo de católicos tornou-se conhecido durante a realização da V Campanha da Fraternidade Ecumênica, realizada pela CNBB e Igrejas Cristãs brasileiras em 2021. Eles se definem

“(...) Como uma comunidade defensora da “verdadeira doutrina” da Igreja católica, o CDB afirma promover a formação de “soldados de Cristo por meio da via espiritual e intelectual para atuar na cultura defendendo a fé verdadeira”. Os pilares religiosos do Centro são “rezar, estudar e defender a fé”, ostentando o desejo de “ver novamente de pé a Cruz de Cristo na sociedade brasileira, [tendo como missão] ajudar a Santa Igreja Católica na salvação das almas”. Ao mesmo tempo, o Centro defende o que compreende como verdadeira tradição católica, sendo um imperativo sinalizar os erros doutrinários e disciplinares em que incorrem tanto a hierarquia quanto os fiéis católicos.” (Carranza e Teixeira, 2023).

Por outro lado, destacamos grupos progressistas que possuem menos penetração nas redes sociais a exemplo do grupo intitulado “Igreja – Povo de Deus – em movimento” que conta com 12 mil seguidores no Facebook¹² e se apresentam como

“Leigos e leigas, religiosos e religiosas, padres e membros de outras confissões – que animados pelo Evangelho do Reino, revelado plenamente por Jesus de Nazaré, o Senhor Ressuscitado, busca atualizações desse mesmo Evangelho nas inspirações fundamentais do Concílio vaticano II, nas conclusões das 5 conferencias episcopais latino-americano, no conjunto dos documentos da Conferência dos Bispos do Brasil e nos Planos pastorais.” (Facebook Igreja – Povo de Deus em movimento)

⁷ Conf. <https://www.facebook.com/profile.php?id=100049816023933&mibextid=ZbWKwL> Acesso em 23/12/2023.

⁸ Conf. https://www.tiktok.com/@bernardokusteroficial?_t=8irgFbchk0c&_r=1 Acesso em 23/12/2023.

⁹ Conf. <https://www.instagram.com/bernardopkuster?igsh=MWh0MDJqem52dDVrYQ> Acesso em 23/12/2023.

¹⁰ Conf. <https://youtube.com/@BernardoKuster?si=qdeVJaosl99ze0wB> Acesso em 23/12/2023.

¹¹ Conf. <https://youtube.com/@centrodombosco?si=9ICqCfHWGhuxPUfl> Acesso em 23/12/2023.

¹² Conf. <https://www.facebook.com/IgrejaPovodeDeusemMovimento?mibextid=ZbWKwL> Acesso em 23/12/2023

Outro grupo é o “Mente Pejoteira” que tem o foco nos jovens pertencentes à Pastoral da Juventude (PJ) e conta com 8.100 seguidores no Facebook¹³, 8.200 seguidores no TikTok¹⁴ e 9.200 no Instagram¹⁵. No Facebook se colocam como sendo “Para todos que sonham e dedicam suas vidas na construção da civilização do amor”. Eles se prestam a postar montagens com a estética da Teologia da Libertação, invocando uma religiosidade popular. Traz reflexões acerca de problemas sociais e promove ações e eventos da Pastoral da Juventude.

Nesta mesma linha o perfil do Instagram “Igreja dos pobres” conta com cerca de 77 mil seguidores¹⁶ e se dedica a postagens de cunho progressista, de apoio ao Padre Júlio Lancellotti, ao papa e, como o “mente Pejoteira”, posta trechos de vídeos e mensagens que invocam reflexão sobre a justiça social. Na descrição afirmam que “Só seremos a Igreja de Jesus se formos a Igreja dos Pobres”.

Estes grupos, organizados em perfis da internet, emitiram suas opiniões e motivaram seus seguidores a debaterem as declarações do Papa Francisco sobre a bênção a casais homoafetivos, sobre atuações do Padre Júlio Lancelotti, sobre declarações e notas emitidas pela CNBB e sobre a Campanha da Fraternidade. Entre posicionamentos contra e a favor não faltaram estranhamentos e comentários odiosos, em ambos os grupos. Estes posicionamentos evidenciaram aquilo que a Igreja Católica vive no dia a dia: a disputa de poder e da detenção do que é certo e do que é errado de acordo com a linha teológica seguida por determinado agrupamento, mas, dessa vez, num ambiente que dá maior visibilidade.

Sabe-se que passamos por um momento de acirradas disputas no campo político com a ascensão da extrema direita, principalmente a partir das jornadas de junho de 2013, e que esta disputa se dá, principalmente, na arena digital. Vários grupos se formaram e passaram a dominar o discurso nas redes, muitas vezes embasados na disseminação de mentiras a partir de posts que impactam pelo sensacionalismo a ele empregado. Sobre este assunto Machado e Miskolci (2019) relatam que

“Os protestos de 2013 podem ser tomados como o ponto de inflexão histórico a partir do qual disputas políticas passaram a se dar dentro de uma retórica antipartidária, que aos poucos foi se aproximando de uma gramática moral que alimentaria uma cruzada “saneadora” contra a corrupção. Uma rede de

¹³ Conf. <https://www.facebook.com/MentePJoteira?mibextid=ZbWKwL> Acesso em 23/12/2023.

¹⁴ Conf. https://www.tiktok.com/@mentepejoteira?_t=8irhLTYeIYE&_r=1 Acesso em 23/12/2023.

¹⁵ Conf. <https://www.instagram.com/mentepejoteira?igsh=bDJIMXlwdHhhd3Zj> Acesso em 23/12/2023.

¹⁶ Conf <https://www.instagram.com/mentepejoteira?igsh=bDJIMXlwdHhhd3Zj> Acesso em 23/12/2023.

websites de perfil político conservador emergiu angariando um número considerável de seguidores nas redes sociais que repercutiam suas notícias – incluído o que hoje é chamado de *fake news* – levando-os às ruas – o que até então era muito mais frequente por parte de grupos progressistas, como demonstrado, por exemplo, pela Marcha da Maconha, pela Marcha das Vadias, pelo Movimento do Passe Livre etc.” (Machado e Miskolci, 2019, p.

Estes embates ultrapassam o campo político e afetam as outras áreas, inclusive a religiosa, e muitas vezes são orientados por bases religiosas, também. Portanto, por trás do discurso da verdadeira fé, da defesa da tradição católica está também um discurso moral, religioso conservador. Da mesma forma, percebemos grupos de esquerda que dominam o outro lado da moeda, ou seja, os grupos da ala mais progressista da Igreja Católica. Que estão organizados, muitas vezes, em movimentos sociais, integram partidos políticos, sindicatos e procuram lutar por justiça social e em defesa dos Direitos Humanos.

Esta disputa está nas comunidades católicas e afeta a todos os fiéis mesmo aqueles que, por um motivo ou outro, estejam alheio aos acontecimentos. A questão religiosa brasileira é de suma importância para a estruturação dessa sociedade, que já nasce sob o signo da religião. E, neste sentido, grande parte da população está envolvida e organiza a sua vida a partir de preceitos religiosos. O que vimos ascender nas redes sociais é o reflexo de disputas internas, que acontecem dentro das estruturas da religião católica, potencializada pelo poder destas ferramentas digitais e pela polarização política que a cada dia se faz mais presente nos círculos sociais. Entendemos, portanto, que a relação entre religião e política é elemento constituinte e ordenador do campo religioso brasileiro.

1.1 - A IGREJA DA NEOCRISTANDADE E A INSERÇÃO NO MUNDO DA POLÍTICA

A Igreja Católica Apostólica Romana no Brasil passou por diferentes fases. De acordo com o contexto social e histórico ela se organiza de modo a garantir sua presença e importância. Na década de 1920, portanto, a Igreja Católica no Brasil inicia a fase da Neocrisandade. A ICAR vinha da recente separação do estado que acarretou em grandes perdas para ela, como a proibição do Ensino religioso nas escolas, e estava preocupada com a sua restauração. Este foi o período em que a Igreja se firma como uma importante instituição no Brasil. Ela opta, portanto, por maior atuação e visibilidade no campo político. Procura estabelecer parceria com o Estado e, desta forma, garantir seu status quo.

O maior defensor destas práticas era o bispo D. Sebastião Leme, que “argumentava que o Brasil era a maior nação católica e que a Igreja deveria tirar proveito desse fato e marcar uma presença muito mais forte na sociedade”. (Mainwaring, p. 41, 1989). Neste período, portanto, houve grande mobilização de intelectuais católicos através de instituições como o Centro Dom Vital.

O Centro D. Vital foi fundado em maio de 1922 com total apoio de D. Sebastião Leme. Teve como fundador e primeiro presidente o intelectual católico Jackson de Figueiredo. Um dos principais objetivos do Centro Dom Vital era o de “irradiar a cultura católica e lutar contra as ideias liberais-positivistas e materialistas, de forma a recristianizar a sociedade.” (Soares, p. 70, 2014). Era parte, portanto, dos instrumentos que a Igreja Católica utilizaria para se firmar e consolidar o seu poder e influência novamente na sociedade.

É importante nos determos sobre o Centro Dom Vital pois ele será responsável pela formação de uma consciência cristã nacional e era onde se encontravam os intelectuais católicos que se destacavam por serem “os leigos de maior destaque na restauração católica”, segundo Mainwaring (1989) a exemplo do próprio Jackson de Figueiredo, Alceu Amoroso de Lima e Gustavo Corção. Sabe-se que ele atravessou dois momentos importantes em que o pensamento social daquele que o presidia determinava a sua ação.

Num primeiro momento, presidido por Jackson de Figueiredo, se destacava o aspecto do combate ao socialismo, ao liberalismo e ao positivismo. Neste período o Centro Dom Vital assumia uma posição antidemocrática e reacionária, refletindo o pensamento do seu presidente, que era de inclinação integralista. Muito moralista, Jackson de Figueiredo acreditava que se manter fiel à moralidade e à ética católica era a chave para a resolução dos problemas. Sua aversão à democracia fica evidente quando a critica e afirma que

“(…) uma democracia pura, jamais passou de sonho e de ideal, não tendo outros exemplos na história além das tentativas, sempre desgraçadas, de algumas cidades gregas e, em outras épocas, de algumas poucas cidades da Europa Ocidental, não menos infelizes. Jamais um grande povo tentou realiza-lo.” (Figueiredo, p. 132, 1922)

Após a morte trágica de Jackson de Figueiredo, assume a presidência do Centro Dom Vital o crítico literário Alceu Amoroso de Lima, que utilizava o pseudônimo Tristão de Athayde, em 1928. A partir dos anos 40 há, por parte de Alceu, uma maior abertura aos ideais democráticos. Alceu, apesar da proximidade com Jackson de

Figueiredo e de D. Sebastião Leme, é influenciado pelo pensamento de Jacques Maritain que condena regimes totalitários e ditatoriais. Importante salientar que esta abertura para um pensamento mais democrático não se deu de imediato. Alceu estava em processo de conversão à religião Católica por meio de Jackson de Figueiredo e, portanto, carregava consigo aqueles mesmos ideais do seu mentor que foram se modificando à medida que entrava em contato com o pensamento de Maritain. Portanto, sua visão de mundo era carregada de um conservadorismo católico muito influenciado por D. Sebastião Leme, de quem também, era admirador.

Sobre o Centro D. Vital é mister acrescentar a importância da Revista A Ordem, periódico em que os leigos intelectuais católicos tinham espaço para publicar os seus pensamentos e servia como ferramenta essencial para a disseminação do pensamento católico.

Neste período da história da Igreja no Brasil

“Enquanto a Hierarquia manobrava à volta do Poder sob o comando do cardeal do Rio de Janeiro, os leigos tentavam aprofundar a sua participação na vida da Igreja e do país. Os Centros D. Vital estiveram na origem da maioria dos novos movimentos. Os seus militantes lançaram, em 1933, as bases da Ação Católica, formaram a Confederação Nacional da Imprensa Católica e criaram o embrião das universidades católicas. O seu braço político, a LEC (Liga Eleitoral Católica), assegurou a eleição de vários militantes à Assembleia Constitucional de 1934, entre os quais Plínio Correa de Oliveira, que viria a ser o fundador da TFP (Tradição, Família e Propriedade), a mais famosa organização da extrema-direita católica depois do golpe de Estado militar de 1964.” (Alves, p. 37, 1979)

Percebemos, portanto, que os esforços para o retorno da igreja ao cenário político e social lograram êxito. Importante observar, também, a participação mais ativa dos leigos neste processo, não só apenas como expectadores, mas ativamente, se envolvendo nas diversas questões e contribuindo para a difusão da moral e da ética católica em todos os meios, inclusive, incluindo muitos deles como força de lei na Constituição do país.

1.2 - DE UMA IGREJA FECHADA EM SI MESMA PARA UMA IGREJA ABERTA AOS PROBLEMAS SOCIAIS

Vimos os esforços empreendidos pela Igreja Católica Apostólica Romana para recristianizar a sociedade brasileira e, ao mesmo tempo, reconquistar o espaço político que foi se perdendo ao longo do tempo. Este movimento, no entanto, foi feito pela hierarquia e pela elite intelectual católica e era necessário começar envolver o

povo que estava disperso vivendo uma religiosidade popular e participando estritamente de assuntos devocionais. Isto se dava, principalmente, pelos fiéis leigos não serem considerados dignos de participar de assuntos mais elaborados, a não ser que se fizessem parte da elite intelectual.

Alceu Amoroso de Lima, no entanto, chamava atenção para a necessidade do envolvimento dos católicos em três frentes. Alerta ele,

“Três me parecem ser, em ordem hierárquica crescente, os deveres de todos os católicos que, neste momento, reconhecem a necessidade de optar entre os caminhos que se nos deparam em nosso futuro e almejam manter o Brasil cristão, curando-o dos males que lhe vieram, mesmo no terreno espiritual, dos defeitos de sua formação histórica: 1º - dever social; 2º - dever cultural; 3º - dever espiritual.” (Athayde, p. 270, 1932)

Observamos a preocupação com a manutenção do Brasil como um país cristão e a necessidade de todos se esforçarem para isto como um dever cristão, ou seja, uma missão partindo de trabalhos de cunho social, que ele atribuía um menor valor hierárquico e muitas vezes realizados a partir de práticas caritativas, além de desempenhar importantes papéis na cena cultural e, a mais importante delas, se manter fiel à dimensão e prática espiritual.

Dentre os vários esforços para maior engajamento do fiel católico, que atendia a necessidade da formação, desponta a Ação Católica. A Ação Católica era uma associação de leigos, oriunda da Itália, que pretendia ser espaço para que os leigos participassem do ministério da Igreja no seu próprio ambiente. Muito vinculada à Igreja, teve em Pio XI seu grande impulsionador e entusiasta que via nesta organização um meio para dar respostas às demandas daquela época, ou seja, anos 20 do século XX.

A Ação Católica Brasileira (ACB) se articula a partir de 1935. Neste momento ela se organizava tendo como inspiração o modelo italiano. Sua finalidade inicial era ser um espaço para a “defesa dos valores e princípios cristãos por parte dos leigos católicos no campo da atuação política.” (Souza, p. 10, 2006). O primeiro presidente da ACB foi o intelectual católico Alceu Amoroso de Lima, que, como vimos, era colaborador do Arcebispo do Rio de Janeiro, Cardeal D. Sebastião Leme, e presidente do Centro Dom Vital.

“Um dos fundamentos, logo colocado em prática na ACB, foi a de incentivar que os ensinamentos sociais concernentes à doutrina da Igreja ministradas aos operários fossem, preferencialmente, por colegas da mesma profissão, previamente formados. Este processo de doutrinação começaria com os jovens, adotando o método de Ver, Julgar, Agir, especialmente adaptado à mentalidade concreta do operário. Surgiram em seguida os diversos ramos das moças, de estudantes, de adultos que

posteriormente seriam unificados, porém, mantendo os ramos especializados, sob a autoridade e a orientação da hierarquia eclesiástica.” (Souza, p. 10-11, 2006)

A primeira fase da Ação Católica foi marcada por uma formação catequética muito sólida e a Igreja Católica conseguiu adentrar nos diversos meios ofertando esta formação. Era, portanto, um movimento de orientação conservadora, que se baseava estritamente no Catecismo da Igreja Católica e no que ele trazia a respeito das ações de cunho social. No entanto, o movimento foi tomando outro rumo no solo brasileiro uma vez que incorporou e se moldou de acordo com a realidade do país. Outro fator que contribuiu para estes novos rumos da Ação Católica Brasileira foi o processo de formação do seu presidente, Alceu, e isto refletiu inclusive na maneira de se organizar, abandonando pouco a pouco o modelo italiano.

Alceu Amoroso de Lima é uma figura interessante de se observar, uma vez que sua conversão passou por uma mudança de bases teológicas, a exemplo do que aconteceu no catolicismo brasileiro, quando consideramos a CNBB como a representante deste catolicismo. Se nos anos 1920 e 1930 Alceu era adepto de uma religião católica conservadora e moralizante que flertava com o integralismo, aos poucos, tendo contato com a obra de Maritain, foi-se modificando suas convicções e se tornou um dos grandes nomes entre os intelectuais católicos progressistas. Trajetória parecida teve D. Helder Câmara que de integralista passou a ser referência na defesa dos Direitos Humanos, contra a Ditadura Militar e tornou-se o maior representante do episcopado brasileiro, quando se pensa em esquerda católica. Neste sentido é que o catolicismo brasileiro foi se desenhando tornando-se um campo diverso.

A mudança do agir da Ação Católica Brasileira causou preocupação na hierarquia e nos intelectuais conservadores da Igreja ao perceberem que estava tomando a forma de um catolicismo mais crítico, inclusive à própria hierarquia, já que

“(...) a exemplo de diversos documentos papais sobre a Ação Católica em geral, a Ação Católica Brasileira deveria se abster de ligar-se à facções políticas e manter-se sempre ligada à hierarquia católica, como auxiliar no processo de restauração de uma ordem cristã.” (Soares, p. 100, 2014)

A partir do abandono do modelo italiano de organização, que priorizava a divisão entre homens e mulheres e a adoção do modelo belga e francês, que organizava os fiéis leigos a partir do seu lugar de atuação, as diferenças entre os

defensores do modelo mais conservador e igrejeiro e dos adeptos ao modelo modernizador e progressista foi se intensificando.

O modelo Belga e Francês priorizava a organização a partir do meio específico em que os leigos se encontravam: juventude, operários, camponeses, e isto facilitava a compreensão da situação a que estavam expostos já que a metodologia utilizada (*ver-julgar-agir*) favorecia isso. Neste sentido, era ambiente propício para a formação crítica dos participantes. Esta postura dos militantes da Ação Católica Especializada incomodou a hierarquia e

“A discussão na assembleia geral da CNBB em 30 de setembro de 1965 sobre a Ação Católica é reveladora do estado de espírito dos bispos (...) O arcebispo de Juiz de Fora¹⁷ dizia que o trabalho válido da Ação Católica era o dos velhos militantes ‘que tiveram uma formação mais sólida no sentido da vida sobrenatural e do verdadeiro apostolado, sempre dócil à autoridade eclesial’. A Ação Católica especializada de hoje comprometeu-se de tal forma na ação política que perdeu as suas antigas características de ‘formação espiritual’. Acrescenta que conseguiu recuperar numerosos militantes depois de ter reorganizado o movimento e que todos os militantes ‘se submeteram à orientação do arcebispo’.” (Alves, p. 132, 1979)

Alguns pontos chamam a atenção a partir da colocação do Arcebispo de Juiz de Fora, D. Geraldo Maria de Moraes Penido. O primeiro é que nota-se que a militância católica, especialmente da Juventude Universitária, havia se envolvido efetivamente com a política e este envolvimento causava algum resultado, a ponto de incomodar a hierarquia. A Igreja, portanto, ganhava notoriedade no meio político e num contexto de ditadura, ganhava o desafeto dos militares. O segundo ponto é que para a hierarquia o leigo só é um bom cristão católico se ele se submete às ordens dos seus superiores, ou seja, os bispos. E, neste segundo ponto, a formação crítica só é válida se, juntamente com ela o cristão for doutrinado para prestar obediência total ao clero e aos bispos. Causa desconforto aquele leigo que não obedece a hierarquia qual cordeiro a seu dono.

Neste período, em 1952, a despeito das críticas e demonstrando essa guinada a um catolicismo mais crítico e envolvido nas questões sociais, especialmente ao praticado pela Ação Católica, D. Helder Câmara, como já mencionado, desponta como protagonista deste importante movimento e a fundação da própria Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB) está enraizada na Ação Católica Brasileira (cf. Souza, 2006) a partir desta transformação sofrida no seu modo de agir.

¹⁷ Dom Geraldo Maria de Moraes Penido, foi bispo da diocese de Juiz de Fora de 1967 a 1977. Cf. <https://arquiocesejuizdefora.org.br/historico/> Acesso em 03/01/2023.

Os anos 60 foram de importantes acontecimentos para a Igreja no mundo. No Brasil viveu-se o início da Ditadura Militar e, a crise que antes a Igreja Católica enfrentava com o estado pode ser notada dentro da própria instituição. Isto porque vários grupos, de pensamentos teológicos diferentes e com percepções de como vivenciar a fé divergentes, foram surgindo e se formando no campo religioso católico brasileiro.

Estes grupos eram organizados, seja através da própria instituição ou de maneira voluntária, observando um processo histórico e acompanhando todo um contexto social e econômico mundial. Isto impacta a organização eclesial uma vez que a Igreja está inserida na sociedade e se apresenta como a salvadora das almas e isto só se daria pelo afastamento do mundo. Esta blindagem contra as coisas mundanas e a crença de que só na igreja todos seriam salvos era fartamente anunciada pelo clero e pela hierarquia, afirmando que “fora da Igreja não há salvação”. Esta postura contribuiu para torná-la fechada em si mesma e motiva a realização do Concílio Vaticano II (1962-1965) que foi um acontecimento importante de abertura ao trabalho laical e de gestar novas formas de relacionamento entre a Igreja e o mundo.

Necessário salientar que o Concílio Vaticano II foi responsável por uma mudança profunda no modo de agir da Igreja no mundo, que reverberou e trouxe novos ares para a Igreja do Brasil e que ainda hoje se fazem presentes como: a valorização dos leigos e a tendência à descentralização clerical. O Vaticano II, também, agiu para tornar a igreja mais próxima do povo, incentivando o envolvimento em diversas frentes na sociedade. Esta postura acirra ainda mais os ânimos daqueles que eram contrários a esta modernização da Igreja e, ainda hoje, muitos não aceitam as reformas que a Igreja Católica Apostólica Romana sofreu a partir da realização deste importante evento.

Na esteira da realização do Concílio Vaticano II, que trouxe importantes mudanças estruturais para a Igreja Católica do mundo, com destaque para a América Latina,

“(…) dois bispos visionários, Manuel Larraín e Helder Câmara, procuram Paulo VI propondo que ele convocasse para a América Latina uma assembleia geral para equacionar o Vaticano II, a segunda do continente, uma vez que Rio de Janeiro havia celebrado a primeira, em 1955. O papa acolheu a ideia e propôs assisti-la pessoalmente, fazendo sua abertura oficial.” (Ferreira, p. 3, 2017)

Estavam lançadas, portanto, as bases para a realização da Conferência Episcopal Latino-americana de Medellín (1968) que teve grande repercussão, não só para a América Latina, mas para o mundo, uma vez que, a partir da inspiração e do método, já amplamente utilizado pelos adeptos do Cristianismo da Libertação, coloca o pobre como o centro da ação evangelizadora que, passa a ter um novo significado uma vez que o essencial é a libertação integral do homem.

A partir de Medellín, portanto, inaugurava-se em território latino-americano o novo jeito de ser Igreja, oficializando, portanto, este modo de agir que os pertencentes à esquerda católica, assim chamados pelos conservadores para desqualificá-los enquanto cristãos, já praticavam. A divisão entre os fiéis católicos que já existia se acentua na medida em que os aspectos políticos começam a se destacar. De um lado os conservadores, com dificuldades em se adaptar ao novo modelo de igreja e em aceitar todas as mudanças que estavam. Do outro os progressistas que viam com entusiasmo os rumos que a Igreja Católica estava tomando.

Era uma disputa de poder, de quem estava certo ou de quem praticava a religião de maneira a obter a salvação eterna e de quem estava errada e estava contribuindo para a perdição do fiel. A preocupação de ambos os grupos era legítima porque o objetivo deles era a salvação das almas: uns para a eternidade e para isto era necessário viver uma vida de retidão, observando o magistério e o catecismo da igreja e ser fiel aos ensinamentos de Cristo; os outros, também para a eternidade, mas se preocupando em salvar as almas a partir do momento terreno e a partir de uma condição de vida digna, como também ensina Cristo.

Buscar a salvação já na vida terrena não soava bem para os conservadores e lutar para alcançar esta salvação a partir da concretização da justiça social lembrava a eles a prática de um inimigo da Igreja Católica: o comunismo. Por isto estes adeptos a este modo de praticar a religião eram chamados, por eles, de esquerda católica, ligando-os assim ao comunismo. Para se desvencilhar deste rótulo e demonstrar unidade com a igreja e obediência à hierarquia, a esquerda católica se utilizava das encíclicas papais. Era a prova de que se guiavam pelo Magistério da Igreja e, igualmente, condenavam o comunismo, mas, também, o capitalismo. O argumento era de que ambos eram condenáveis por usar as pessoas para aprisioná-las e usá-las para a manutenção do seu sistema e isto vai de encontro

àquilo que pregavam, ou seja, a libertação integral do indivíduo. (Cf. Silva e Baptista, 2020)

No Brasil os ecos de Medellín e, conseqüentemente, do Vaticano II encontraram forte adesão embora

“Sem nunca ter sido dominante, o cristianismo da libertação foi muito presente na Igreja Católica brasileira desde os anos 1950, pois era mobilizado por CEB, pastorais operárias, parte da hierarquia católica e alguns teólogos brasileiros, como Frei Betto e os irmãos Leonardo e Clodovis Boff.” (Pleyers, p. 4, 2020)

A partir da Ditadura Militar, inaugurada em 1964, movimentos da esquerda revolucionária se organizaram. O objetivo destes grupos era lutar para que o ciclo de torturas e de caça àqueles que não concordavam com o regime tivesse fim. Desta forma, o estado democrático de direito seria reestabelecido no Brasil.

Inicialmente a Igreja se colocou a favor da Ditadura, mas ao longo do processo a defesa dos Direitos Humanos e da liberdade se colocaram como fator para a luta contra a Regime Antidemocrático, além do imperativo que o Documento Justiça e Paz, fruto de Medellín, assinado por D. Helder Câmara, Gustavo Gutierrez e José Grimillion, trazia que expressava um “combate às ditaduras latino-americanas e à opressão dos trabalhadores” (Godoy, p. 32, 2020). Este Documento “denunciou as injustiças sociais e sugeriu um maior engajamento da Igreja na luta por mudanças estruturais, econômicas e políticas na América Latina” (Godoy, p. 32, 2020).

Neste contexto as inspirações de Medellín tiveram, portanto, papel primordial na formação do pensamento católico progressista e contrário à realidade que estava posta. Sabe-se que Medellín encoraja a organização a partir das Comunidades Eclesiais de Base (CEB's) e que ali seria o lugar privilegiado para se viver o Evangelho encarnado em sua realidade. O objetivo era que à luz da Palavra de Deus o povo pudesse interpretar a sua vida, observando os sinais dos tempos e reconhecendo as amarras que a sociedade impunha. Com forte inspiração no método utilizado pela Ação Católica Brasileira, *Ver - Julgar - Agir*, as CEB's rapidamente se tornaram locais para se discutir e gerar soluções a respeito das dificuldades enfrentadas pela comunidade.

O Documento final da Conferência de Medellín é dividido em três blocos: (1) Promoção humana, (2) Evangelização e Crescimento da Fé e (3) Igreja Visível e suas estruturas.

“(…) no primeiro bloco prega-se que o desenvolvimento integral e libertador das pessoas é o novo nome da paz e que a justiça deve ser ensinada e vivida concretamente ante a miséria recorrente

que brada aos céus. De igual modo, anuncia que a educação é caminho para o almejado desenvolvimento integral. Ela, portanto, deve ser libertadora. A juventude e a família, grandemente afetadas pelas mudanças na sociedade, são mecanismos de especial atenção para a Igreja.” (Ferreira, p. 6, 2017)

As CEB's, portanto, são, também, local para se promover a educação e, consequentemente a liberdade integral do homem, através da partilha da Palavra e debates acerca das situações em que cada sujeito vive em sua comunidade, atribuindo e interpretando estes sinais frente às estruturas sociais a que estavam inseridos.

Neste sentido, as CEBs, produtos do Cristianismo da Libertação, foram um espaço privilegiado de formação de militantes políticos, uma vez que trabalhava na perspectiva de motivar a ação na sociedade. Elas também contribuíram para o fortalecimento dos movimentos sociais e de sindicatos além de participarem da fundação de partidos políticos, a exemplo do Partido dos Trabalhadores (PT) uma vez que “as CEB eram grupos de formação religiosa, mas também social. Nelas, os participantes discutiam as escrituras sagradas, mas também refletiam sobre sua vida cotidiana e as injustiças presentes nela.” (Pleyers, p. 05, 2020).

Neste momento a Igreja no Brasil, através da CNBB, dava todo apoio e suscitava pautas que promoviam os debates e a reflexão a respeito das questões sociais inclusive organizando, a partir de 1964, nacionalmente a Campanha da Fraternidade que

“(...) é uma ação ampla de evangelização realizada anualmente no tempo da Quaresma. O principal objetivo é despertar a solidariedade dos cristãos e da sociedade a respeito de um problema real que atinge a sociedade brasileira, buscando caminhos e soluções para enfrentar e solucionar tais problemas.” (CNBB, 2019)

A Campanha da Fraternidade é organizada até os dias atuais e, frequentemente, alvo de ataques dos grupos conservadores da Igreja Católica, evidenciando a disputa por poder que persiste nela.

Em 1979, em Puebla, foi realizada a 3ª conferência episcopal latino-americana e, nesta, já consolidada os apontamentos de Medellín acrescenta o Jovem, juntamente com o Pobre, como opção preferencial para o trabalho missionário e evangelizador.

Todo este processo que a Igreja Católica ia sofrendo motivava a organização de grupos que reverberaram no Brasil e foram muito fortes, principalmente nas décadas de 1970 e 1980 do século XX, orientando e originando movimentos e pastorais preocupados com a evangelização a partir da reflexão e conscientização

sobre as condições de vida e, conseqüentemente com a valorização da dignidade humana.

O processo de redemocratização brasileira evidenciou a importância das organizações de base da Igreja Católica, que foi uma instituição central durante o período de luta contra a ditadura militar. Os grupos ligados à Teologia da Libertação eram importantes meios para conscientização e formação do povo.

No entanto, nos anos 1980 o Cristianismo da Libertação sofreria um enfraquecimento, resultado das políticas conservadoras que o Vaticano sofreria com a eleição do Papa Polonês, João Paulo II, que “associou os interesses, apresentados por adeptos da Teologia da Libertação, pelas análises marxistas à opressão do regime comunista ateu em seu país de origem” (Pleyers, p. 6, 2020).

Segundo Pleyers (2020), os ataques que minaram a Teologia da Libertação partiram do Vaticano em quatro frentes:

“A primeira frente foi a da teologia. Em 1983, o novo chefe da Congregação para Doutrina da Fé, cardeal Josef Ratzinger, futuro Papa Bento XVI, publicou uma nota chamada “Dez observações sobre teologia de Gustavo Gutiérrez”. No ano seguinte, na “Instrução em certos aspectos da Teologia da Libertação”, ele alertou sobre os riscos de novas heresias e desvios associados ao contato com a ideologia marxista (COMPAGNON, 2006). Um terceiro texto foi publicado em 1985: ‘Sobre liberdade e libertação cristã’. Embora, nesse documento, as críticas fossem mais moderadas, inclusive ressaltando alguns aspectos da Teologia da Libertação, como a atenção dedicada aos pobres, o texto tratava dessa questão apenas como espiritual, retirando do contexto sócio-revolucionário (Löwy, 1997, p. 73).

A segunda frente de ataques foi a repressão dos adeptos ao movimento da Teologia da Libertação, com a imposição de sanções aos padres católicos mais críticos. Um exemplo foi o teólogo brasileiro Leonardo Boff, sentenciado a ‘um ano de silêncio’ e mais uma série de punições, até ser levado a renunciar ao sacerdócio em 1992.

A terceira frente de repressão, que teve o impacto mais forte nos grupos progressistas da igreja brasileira, foi uma sistemática nomeação de bispos conservadores para ocupar o lugar dos progressistas que se aposentavam. Isso incluiu a nomeação de um bispo da Opus Dei muito conservador.

Por fim, na quarta frente, esses ataques contra os progressistas católicos foram combinados com um crescente apoio a perspectivas, grupos e rituais conservadores. O Vaticano e a nova hierarquia da Igreja Católica brasileira estimulavam correntes religiosas baseadas numa religiosidade emocional em vez do compromisso social. Um exemplo é o movimento espiritual católico chamado Renovação Carismática, no qual ritos, cerimônias e eventos religiosos são, em muitos aspectos, similares aos das igrejas pentecostais, além de ser dada demasiada importância a questões morais associadas à sexualidade, enquanto se desdenham as causas sociais” (Pleyers, p. 6-7, 2020)

Combinado com uma sociedade que caminha para se tornar, nos anos 1990 e 2000, individualista, com o avanço das políticas neoliberais, que coadunam e motivam a individualidade, os grupos de tendência conservadora e os neopentecostais chegam

e ocupam a cena na Igreja Católica. Fator que contribuiu para isto também foi o esvaziamento das comunidades rurais e o inchaço da zona urbana que apresentou novos desafios para a Igreja católica que ela não conseguiu superar abrindo espaço para o trabalho das Igrejas Neopentecostais.

1.3 - “ HÁ, PORTANTO, MUITOS MEMBROS, MAS UM SÓ CORPO” (1 COR 12, 20): AS MUITAS TENDÊNCIAS QUE FORMAM A IGREJA CATÓLICA.

Todo este processo histórico pelo qual a Igreja Católica Apostólica Romana passou, bem como os diferentes movimentos de articulação política e social desenvolvidos, tanto pela hierarquia quanto pelos leigos nas associações, movimentos e centros católicos, foram construindo modos de experimentar e praticar a religiosidade.

Vários grupos foram se formando tendo como pano de fundo a doutrina católica, mas com bases e convicções teológicas diferentes. A Igreja procura se manter unida mesmo diante de tamanha diversidade. Neste sentido, na estrutura da Igreja Católica há, portanto, diferentes formas de vivenciar a fé e os grupos e movimentos católicos se organizam de acordo com sua afinidade e seu modo de ser e se relacionar com o sagrado. Gramsci (1999) afirma que

“Toda religião, inclusive a católica (ou antes, sobretudo a católica, precisamente pelos seus esforços de permanecer “superficialmente” unitária, a fim de não fragmentar-se em igrejas nacionais e em estratificações sociais), é na realidade uma multiplicidade de religiões distintas e frequentemente contraditórias: há um catolicismo dos camponeses, um catolicismo o dos pequenos burgueses e dos operários urbanos, um catolicismo das mulheres e um catolicismo dos intelectuais, também este variado e desconexo.” (Gramsci, 1999, p. 115)

Tais modelos ou tendências de Igreja foram analisados por diferentes autores, seja partindo do ponto de vista eclesial, seja do ponto de vista das Ciências Sociais. Enquanto os teólogos Leonardo Boff e João Batista Libânio consideram o aspecto teológico-pastoral do exercício da religião, o filósofo Antônio Gramsci, o sociólogo Michael Löwy e o cientista político Scott Mainwaring levam em consideração a relação de poder e as relações sociais existentes no interior da ICAR.

Neste sentido Leonardo Boff caracteriza quatro modelos de Igreja: (1) Igreja da Totalidade, (2) Igreja Mãe e Mestra, (3) Igreja Moderna e (4) Igreja a partir dos pobres (Boff, 1994, p. 21-32), na mesma direção J. B. Libânio apresenta quatro cenários: (1) Igreja da Instituição, (2) Igreja do Carisma, (3) Igreja da Pregação e (4)

Igreja da Práxis Libertadora (Libânio, 2009). Antônio Gramsci apresenta três tendências: (1) integristas, (2) Jesuítas e (3) modernistas (Gramsci, 2015, p. 167); Michael Löwy descreve as tendências: (1) fundamentalista, (2) Conservadora e Tradicionalista, (3) Reformista e Moderada e (4) radicais (Löwy, 2016, p. 81) e Mainwaring destaca três facções: (1) Tradicionalistas, (2) modernizadores e (3) Reformistas (Mainwaring, p. 56-57, 1989).

Categorizar as associações, movimentos e pastorais presentes na Igreja Católica nos ajuda a compreender a diversidade de grupos que ela possui. Isto nos ajuda a perceber que desde a mais alta hierarquia até os leigos presentes nas comunidades estão inseridos nesta dinâmica mesmo que inconscientemente.

Na tentativa de identificar cada grupo, adotaremos, portanto, o termo “tendência” para se referir a cada agrupamento e as nomenclaturas: (1) Tradicionalistas, (2) Modernizadores Conservadores, (3) Reformistas e (4) Radicais. Esta classificação facilitará o nosso entendimento e permitirá que relacionemos cada grupo à sua tendência e, conseqüentemente, a seu modo de praticar a religião.

Faz-se necessário ressaltar que, inspirados em Max Weber, construiremos tipos ideais para interpretar estes grupos. Permite-nos, portanto, a partir destas características, identificar e categorizar cada pastoral, movimento ou associação da Igreja Católica. Weber, portanto, nos auxilia a refletir sobre:

“Qual é, em face disso, a significação desses conceitos de tipo ideal para uma ciência empírica, tal como nós pretendemos praticá-la? Queremos sublinhar desde logo a necessidade de que os quadros de pensamento que aqui tratamos, ‘ideais’ em sentido puramente lógico, sejam rigorosamente separados da noção do dever ser, do “exemplar”. Trata-se da construção de relações que parecem suficientemente motivadas para a nossa imaginação e, conseqüentemente, ‘objetivamente possíveis’, e que parecem adequadas ao nosso saber nomológico. (Weber, p. 107, 2004.).”

Assumindo, portanto, os tipos ideais weberiano vamos identificar as características de cada tendência presente na Igreja Católica Apostólica Romana e relacioná-las ao espectro político partidário. Isto nos ajudará a compreender os discursos dos membros de cada grupo a respeito dos mais variados assuntos, não só os religiosos. Facilitará, também, o reconhecimento de cada indivíduo a partir do grupo que ele integra. Vamos, portanto, conceituar cada tendência e encaixar o grupo que a ela adere.

Observamos que os tradicionalistas são compostos por grupos e pessoas que são apegados à doutrina, à hierarquia, aos dogmas, à Instituição, à tradição. Possuem ideias fundamentalistas, adeptos de uma igreja mais voltada para si com

ideais ultraconservadores. Apegados ao Catecismo da Igreja Católica, às orientações do Concílio de Trento, principalmente no que diz respeito à liturgia. São críticos ao Concílio Vaticano II.

Boff, chama atenção para o fato de que nessa tendência

“A Igreja se entende como a exclusiva portadora da salvação para os homens; atualiza o gesto redentor de Jesus mediante os sacramentos, a liturgia, a meditação bíblica, a organização da paróquia ao redor de tarefas estritamente religioso-sagradas. O Papa, o bispo e a estrutura hierárquica da Igreja em geral constituem os eixos organizadores da compreensão da Igreja; ela é essencialmente clerical no sentido de que sem o clero, ordenado no sacramento da ordem, nada de decisivo pode acontecer na comunidade. Cultivam-se a tradição, a exatidão das fórmulas ortodoxas oficiais e a fixação canônico-jurídica da liturgia com os fiéis.” (Boff, p. 21, 1994)

Mainwaring, por sua vez, diz que “esse grupo acreditava que a Igreja deveria seguir no combate à secularização e no fortalecimento da presença da Instituição na Sociedade” (Mainwaring, p. 56-57, 1989).

Notamos, portanto, a importância que os tradicionalistas dão para a presença da Igreja, enquanto instituição que rege a vida da sociedade e portadora da salvação. Centralizada na figura dos padres e bispos, que são os legítimos portadores desta salvação. Os leigos são os colaboradores. Desta tendência podemos destacar grupos tais como a *Opus Dei*, os *Arautos do Evangelho* e *Tradição, Família e Propriedade*, pois são movimentos que não abrem mão do Direito Canônico e não aceitam reformas tais como o Concílio Vaticano II. Estes grupos, no espectro político partidário, tem inclinações também ultraconservadoras. Entendem a política e o político como sendo designados por Deus.

Os Modernizadores Conservadores possuem um ar moderno ao mesmo tempo que procuram manter a tradição, no entanto, utilizam-se da emoção e do individualismo para se aproximar e conquistar mais fiéis. São hostis aos grupos ligados à Teologia da Libertação, são conservadores e com forte presença dentre as classes dominantes. São adeptos da Teologia da Prosperidade, atribuindo à fé e ao fiel a responsabilidade por conseguir seus objetivos, através do poder sobrenatural. Dão ênfase à experiência do Espírito, valorizam a emotividade, a moral e dão especial atenção às questões ligadas à sexualidade. Se aproximam dos Tradicionalistas embora estes os rejeitem principalmente no que diz respeito à forma que se celebram a Missa.

“É o triunfo do carisma, da espiritualidade, da mística, das experiências pessoais e subjetivas. Carisma entende-se em contraposição à instituição, sem que haja oposição entre ambas. É o lado subjetivo de inspiração, de originalidade, de espírito, de vida. A Igreja católica é

duplamente carismática: vive do carisma do Espírito Santo e sua própria Instituição é tocada por essa força do Espírito. (...). Nesse cenário, o atual surto religioso, espiritual, místico encontrará incentivo e campo propício para crescer no interior da Igreja.

A Escritura frequentará as mãos dos fiéis, que encontrarão nela, de maneira imediata e literal, conselhos, consignas de ação, palavras de estímulo e questionamentos. Não se recorrerá aos aparatos científicos, mas à espontaneidade da leitura direta. Ela será lida como um livro de consolo e receitas pessoais a modo dos livros de autoajuda com o reforço da autoridade de Deus.

A teologia visará mais a nutrir o coração, o lado emocional da vida cristã do que a iluminar a inteligência. (...) cultivar-se-á uma de natureza espiritual em vista de nutrir a espiritualidade carismática em expansão.

A liturgia se transformará na grande festa religiosa e emocional, que se prolongará em ritos alegres e estéticos ao sabor da criatividade da comunidade.” (Libânio, 2009)

Caracterizado por Löwy como uma “corrente poderosa e hostil à Teologia da Libertação e organicamente associada às classes dominantes (e também à Cúria Romana) (Löwy, p. 81, 2016), os grupos e movimentos ligados à Renovação Carismática Católica são os representantes desta corrente teológica. Pode-se afirmar que no espectro político estão alinhados a um conservadorismo flertando, muitas vezes, com pautas ultraconservadoras.

Os Reformistas são formados pelas diversas Congregações Religiosas que trabalham especialmente com Educação. São hábeis com a pregação da Palavra e com a realização de missões. Passam a imagem de defensores dos pobres. Se promovem e se destacam nas obras caritativas que realizam, no entanto, estão a serviço da elite, principalmente nos assuntos educacionais. Os colégios católicos pertencentes às Congregações, em sua maioria, atendem à elite brasileira visto o alto valor das mensalidades. “As escolas e universidades católicas adquirirão maior importância em vista de formar leigos preparados intelectualmente para o mundo moderno” (Libânio, 2009).

Dentre os mais conhecidos podemos citar os Salesianos, os Maristas, os Jesuítas, os Redentoristas, os Dominicanos, os Passionistas, enfim, Ordens e Congregações Religiosas preocupadas em articular e vivenciar a Fé e a Ciência. Procuram, dar instruções e mensagens catequéticas, muitas delas embasadas na Doutrina Social da Igreja, Libânio afirma que

“A contribuição da Igreja para a constituição de uma Sociedade justa e fraterna se expressará por meio de seus ensinamentos sociais. Ocupar-se-á a mídia como lugar de evangelização, se não da fé, ao menos, de valores cristãos. Enfrentar-se-á com mais criticidade o fenômeno religioso.” (Libânio, 2009)

Desta maneira, orientam os fiéis a se posicionarem politicamente analisando cada matéria a fim de optarem para a que representa um mal menor para a fé e a moral cristã, a que estão sempre defendendo. Dentro do espectro político são moderados na atualidade, embora, saibamos do grande envolvimento dos Dominicanos, por exemplo, na luta contra a Ditadura, sendo inclusive acusados e subversivos. Percebemos, inclusive, como Löwy que

“(com uma certa autonomia intelectual com relação às autoridades romanas), pronta para defender os direitos humanos e apoiar certas demandas sociais dos pobres: essa é a posição que prevaleceu na Conferência de Puebla, em 1979, e (até certo ponto) na Santo Domingo, em 1992.” (Löwy, p. 81, 2016)

Por fim, os Radicais são caracterizados pela vivência da Fé atrelada à realidade onde os fiéis estão inseridos e vivendo no dia a dia. A opção preferencial pelos pobres é o eixo central desta tendência, por esta razão são solidários e participantes dos diversos movimentos sociais.

Libânio descreve esta tendência e destaca que nela

“Predominará a leitura popular da Escritura nos círculos bíblicos, em que se articulam fé e vida. A teologia seguirá o método desenvolvido na América Latina nas últimas décadas: ver, julgar e agir. A Igreja se estruturará em comunidades de base. Surgirá a figura nova da Assembleia do Povo de Deus, como órgão orientador principal da Igreja local.

A catequese, a liturgia, a pastoral assumirão a perspectiva libertadora. Multiplicar-se-ão as celebrações da Palavra sem ministro ordenado. (...) O leigo assumirá relevância maior na coordenação das comunidades e nos ministérios, redimensionando o papel do clero e, por conseguinte, sua preparação nos seminários. (...) A presença da Igreja na Sociedade se tornará mais expressiva e crítica, seja por meio de seus ensinamentos sociais, seja mediante práticas pastorais sociais. (...) valorizar-se-á o papel da religiosidade popular, seja sob o aspecto de expressão da vida do povo, seja sob as suas possibilidades libertadoras.” (Libânio, 2009)

A estrutura que sustenta esta tendência de Igreja são as Comunidades Eclesiais de Base, e, conseqüentemente, os grupos ligados à Teologia da Libertação. No âmbito político se situam à esquerda sendo, inclusive, fomentadores de políticas públicas e incentivadores para que os fiéis participem ativamente da vida política. São grandes motivadores e participantes dos movimentos sociais, partidos políticos e sindicatos. Tiveram participação importante na fundação do maior partido de esquerda do Brasil, o Partido dos Trabalhadores - PT.

Feita esta conceituação de cada tendência compreendemos o quão diversificado e vasto é o campo religioso católico no Brasil. Identificar cada grupo, não é tarefa fácil pela própria dinâmica que acontece no dia a dia das paróquias. Existe a disputa por poder mas, na grande maioria das vezes, esta disputa acontece nos quadros de elite da Igreja como as coordenações de cada grupo e movimento,

os conselhos e a própria hierarquia da Igreja. Na vivência real e na convivência no chão das comunidades e paróquias estão todos se relacionando. É o fiel que tem consciência crítica bem desenvolvida e participa de vários movimentos sociais, mas é professor de uma escola católica que presta serviço para as elites. Outro fiel faz parte de uma pastoral social e frequenta o Grupo de Oração da Renovação Carismática Católica. Enfim, estas características de cada grupo estão presentes, mas não impedem que os leigos transitem entre elas, como acontece em todo campo religioso brasileiro.

Quem não está alheio a isto são aqueles que fazem questão de lutar por maior espaço na Igreja, seja por status, seja para a salvação eterna. E eles estão presentes, como dito, nas Coordenações e conselhos diversos e, também, nas Redes Sociais onde demonstram todo seu conhecimento e tenta utilizar do poder de convencimento para angariar apoio, adeptos ou mesmo para salvar as almas de incultos que não descobriram ainda qual é a verdadeira face da Igreja Católica Apostólica Romana.

Enfim, muitas pessoas pensam conhecer a Igreja Católica e seus trabalhos. Afinal, todos convivemos com ela, mesmo os não praticantes. Toda cidade ostenta a Igreja Matriz e, muitas delas foram construídas em volta desta Igreja. A grande maioria dos brasileiros já participou de alguns de seus ritos. O calendário católico rege a disposição e a agenda de compromissos brasileira. No entanto, são muitas igrejas dentro da mesma igreja. São muitas as relações construídas e vividas no interior da mesma. São muitas disputas, muitas formas de vivenciar e se relacionar com o sagrado presente nesta denominação cristã.

Para compreender estas relações é necessário este resgate histórico para entendermos que, mais do que a Salvação eterna, a Igreja, ou a hierarquia da Igreja, busca também status social que é personificado quando se tem penetração e poder de voz e de convencimento dentro das estruturas de dominação política e social, ou seja, dentro do estado, no interior do governo.

Portanto, estas pistas lançadas a partir de momentos históricos e sociais importantes são necessárias para compreender a posição que a Igreja ocupou e ocupa hoje na sociedade e, conseqüentemente, o posicionamento dos grupos e dos indivíduos que a compõe nesta mesma rede de influências.

Esta é a chave para fazermos a leitura dos discursos presentes nas redes sociais que, travestidos de discurso religioso, trazem muito de uma convicção política

por trás. Percebemos que este agir político é muito influenciado pela prática e crença religiosa. Isto explica as falas conservadoras de religiosos, principalmente daqueles apegados à tradição e as falas com teor progressista, que vai de encontro com as orientações eclesiais, daqueles que não são apegados à Instituição, mas que utilizam dela para concretizar o projeto e modelo de mundo que idealizam. Enfim, estudar religião e sua relação com a política contribui para a compreensão destes comportamentos e de como isto interfere nas tomadas de decisões no campo político.

CAPÍTULO 2

A IGREJA CATÓLICA APOSTÓLICA ROMANA E O TRABALHO DE EVANGELIZAÇÃO DA JUVENTUDE PÓS 1964

A Igreja Católica Apostólica Romana é fortemente controlada pela hierarquia. Como uma instituição mundial possui divisões que facilitam a organização e controle. Focando na organização da Igreja Católica no Brasil, temos como órgão centralizador a Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), fundada em 1952, que por sua vez se divide em 19 regionais. Estes Regionais, que é representado por um estado brasileiro ou um conjunto de estados próximos, são divididos por Províncias Eclesiásticas. Estas são compostas pela Arquidiocese, chamada de Sé Metropolitana, e Dioceses. Neste capítulo vamos focar na Arquidiocese de Mariana/ MG e na Pastoral da Juventude ali instalada, que é o nosso objeto de pesquisa.

A arquidiocese de Mariana tem uma importância, não só por ter sido a primeira diocese criada em Minas Gerais, mas por seu valor histórico, pois cobre um dos territórios mais importantes para a história do Brasil. Com sede em Mariana – MG, a Diocese foi criada no dia 06 de dezembro de 1745 através da Bula Papal *Cander Lucis Aeternae* do Papa Bento XIV e instalada no dia 17 de dezembro de 1748, quando D. Frei Manoel da Cruz tomou a posse canônica como primeiro bispo.

Fazendo um recorte da atuação e dos posicionamentos da Arquidiocese de Mariana durante a ditadura militar no Brasil percebe-se que inicialmente a hierarquia era favorável ao regime e que, com o passar do tempo, esta simpatia foi-se acabando. Destacamos a figura de D. Oscar de Oliveira que utilizava do jornal O Arquidiocesano para demonstrar seu apoio à Ditadura e para alertar os cristãos do perigo de misturar política com religião. (Cf. Oliveira, 2005)

Há relatos, no entanto, que este era um bispo muito inteligente, que não costumava reprimir os movimentos e grupos progressistas que surgiam na arquidiocese, a grande maioria deles de inclinação à Teologia da Libertação, mas, chamava atenção para que os grupos não se tornassem um grupo político. (Oliveira, 2005)

Seu sucessor, D. Luciano Pedro Mendes de Almeida, veio da arquidiocese de São Paulo no ano de 1988, onde era auxiliar de D. Paulo Evaristo Arns e trabalhava especificamente com a Pastoral do Menor. De família importante, especialmente no ramo da educação, D. Luciano tinha ideias mais progressistas e sob seu pastoreio

foram se multiplicando os grupos, movimentos e pastorais de cunho progressista na Arquidiocese de Mariana. Sobre a transferência de D. Luciano para Mariana, da maior cidade da América Latina para uma cidade no interior de Minas Gerais, muitos acreditam que foi uma espécie de retaliação do Vaticano para que seus ideais não se multiplicassem e ganhasse notoriedade a partir de uma grande cidade.

Portanto, “escondê-lo” em Mariana, cidade histórica e muito apegada às tradições, seria o melhor remédio para minar o avanço desta religiosidade ligada à tendência radical do catolicismo. Pleyers (2020, p.6-7) salienta sobre as estratégias que o Vaticano teria articulado a fim de atacar a Teologia da Libertação e, com isto enfraquecer sua atuação e presença nas comunidades. Podemos, portanto, inferir que esta transferência fez parte destas estratégias juntamente com outras ferramentas e pontos de atuação que procuravam atingir este objetivo.

O resultado desta transferência foi a multiplicação de iniciativas pastorais numa arquidiocese grande em extensão territorial, com problemas sociais diversos. Durante o governo de D. Luciano os movimentos sociais, a exemplo do Movimento dos Atingidos por Barragens (MAB), se consolidaram no território arquidiocesano, assim como as várias iniciativas pastorais progressistas. Muitas destas iniciativas ainda são mantidas em prática na Arquidiocese de Mariana como a Dimensão Sociopolítica, a Pastoral da Juventude, a Pastoral da Criança e do Menor, dentre outras.

Atualmente a Arquidiocese de Mariana abrange 79 municípios mineiros, possui 130 paróquias, 03 Quase Paróquias, 01 Reitoria e 01 Curato (cf. PAE 2016, p. 5). Para facilitar a sua organização ela está dividida em cinco regiões pastorais: (1) Norte, (2) Sul, (3) Leste, (4) Oeste e (5) Centro. Que, por sua vez, se dividem em foranias, que são um conjunto de paróquias. Estas regiões têm grandes diferenças sociais, geográficas, econômicas, enfim, demandam atenção e um trabalho diferenciado entre elas. A ação evangelizadora da Arquidiocese de Mariana se dá a partir desta instância organizativa e, as pastorais e movimentos presentes na arquidiocese tem uma organização que parte delas também.

Dentre as mais variadas iniciativas pastorais temos a Pastoral da Juventude que tem como foco o trabalho com os jovens espalhados pelo território da Arquidiocese. Esta Pastoral está presente na Arquidiocese desde 1988 e é ligada à pastoral da Juventude do Brasil. Vamos, portanto, apresentar a Pastoral da Juventude

do Brasil para a partir dela focar na Pastoral da Juventude da Arquidiocese de Mariana, que é parte integrante da mesma.

2.1 - A PASTORAL DA JUVENTUDE DO BRASIL

A Pastoral da Juventude surgiu como um instrumento da Igreja Católica com objetivo de evangelizar o jovem a partir da vivência comunitária. Após o fim da Ação Católica Especializada houve um período em que o trabalho com a juventude católica na perspectiva de motivação à reflexão sobre o meio social foi interrompido. Neste ínterim, surgem as iniciativas de evangelização da juventude com foco no trabalho de evangelização a partir das emoções, da dicotomia entre o certo e o errado e voltado para as questões eclesiais. (Maia, 2015, p. 50)

Estes movimentos, muitos em atividade até hoje, trabalham com uma metodologia diferente da proposta pela pastoral nascente. O foco principal deles eram os encontros de massa, geralmente aos finais de semana, que seguiam uma programação com temas preestabelecidos. Já a Pastoral da Juventude, por se organizarem a partir e nas Comunidades Eclesiais de Base (CEB's), utiliza os pequenos grupos de jovens como estratégia para facilitar uma evangelização voltada para a formação Integral, ou seja, que contemple a totalidade do indivíduo. (Maia, 2015, p. 50)

Portanto, se organizando a partir das comunidades de base e, também, a partir de seu meio específico, herança da Ação Católica Especializada, a Pastoral da Juventude compreendia também as especificidades dos jovens brasileiros. São representantes destas específicas a Pastoral da Juventude do Brasil (PJ), a Pastoral da Juventude Estudantil (PJE), a Pastoral da Juventude Rural (PJR), a Pastoral da Juventude do Meio Popular (PJMP). Neste trabalho abordaremos a Pastoral da Juventude do Brasil, comumente chamada de PJ.

É necessário, portanto, compreender o que é a Pastoral da Juventude, sua organização, metodologia e identidade. Vimos que na Igreja Católica há uma diversidade muito grande de formas de praticar a religião. Portanto, nem todo grupo de jovens pode ser chamado de Pastoral da Juventude. Neste universo de grupos espalhados pelas paróquias é essencial distingui-los para melhor compreendê-los e compreender a proposta de atuação.

Neste sentido o Subsídio de Estudos “*Somos Igreja Jovem: Pastoral da Juventude um jeito de ser e fazer*” (2012), que apresenta esta pastoral, pontua os principais traços de sua identidade e destaca que

“A partir de 1994, a PJ, em seus Encontros Nacionais, foi buscando clarear a sua identidade enquanto grupo organizado da Igreja Católica. Em Divinópolis (MG), em 1996, ela pontuou sete aspectos como sendo sua identidade: 1. Somos Pastoral da Juventude organizada dentro da Igreja Católica, no Brasil, com linha e metodologia própria, aberta ao novo e com acolhimento dos anseios da juventude, garantindo o seu protagonismo, evangelizando de forma inculturada na realidade em que vivemos. 2. Somos jovens felizes, apaixonados, ternos e motivados pela fé. Encaramos a vida com potencial criativo muito grande, valorizando a arte (dança, poesia, música...), o lazer, o corpo, o símbolo, a cultura, com ardor, sonhos e amor pela causa do Reino de Deus. 3. Somos jovens das diversas realidades regionais do país, na maioria empobrecida e, a exemplo de Jesus Cristo e da Igreja da América Latina, fazemos opção pelos pobres e jovens. Encontramo-nos em grupos para partilhar e celebrar a vida, as lutas, os sofrimentos e cultivar a amizade baseada em uma formação integral e mística próprias. 4. Somos grupos de jovens motivados pela fé, atuando dentro das comunidades eclesiais, a serviço da sua organização e animação. 5. Atuamos, também, na sociedade, inseridos nos movimentos sociais, com destaques para a participação política partidária, movimentos populares e outras organizações que lutam em defesa da vida e da dignidade humana. 6. Organizamo-nos de acordo com as coordenações dos grupos, paróquias, setores ou regiões pastorais, dioceses e regionais, inseridos na Igreja Católica do Brasil e da América Latina. Assim construímos e registramos nossa história, criando unidade na diversidade. 7. Diante de uma política desumana de manipulação dos meios de comunicação social e de uma realidade tão diversa, ousamos assumir e propor os projetos da Pastoral da Juventude do Brasil, como alternativa na construção da Civilização do Amor, sendo presença gratuita e qualificada no meio da juventude, atuando também em parceria com outras pastorais e organizações da sociedade.” (Silva *et. al.* 2012, p. 18-19)

Percebemos, portanto, vários aspectos que corroboram que esta pastoral está fortemente, ao menos no documento, ligada às práticas do Cristianismo da Libertação personalizadas nas Comunidades Eclesiais de Base.

Em um dos pontos é demonstrada a intenção de acolher os anseios da juventude e garantir o seu protagonismo e evangelizar a partir do seu meio. Desta forma inferimos que a PJ entende o jovem como um sujeito social dotado de desejos e inseridos numa realidade que é considerada no processo de evangelização. Neste sentido Novaes (2007) aponta os medos da juventude contemporânea: medo de sobrar, por falta de trabalho, por falta de oportunidades, medo de morrer, principalmente devido à violência, e o medo de não se conectar, num mundo totalmente conectado. Estes medos, no entanto, impulsionam o jovem a buscar o seu espaço, assumindo o protagonismo de sua vida. Destaca-se que estes jovens experimentam e partilham a vida numa sociedade que, cada vez mais, cobra posturas e responsabilidades que muitas vezes eles não estão preparados para enfrentar e isto pode despertar estes medos.

Em contrapartida, o ser jovem é encarado, pelo senso comum, como sujeitos situados num espaço de tempo de transição, de mudanças, de tomadas de decisões, de formação e apreensão daquilo que foi introjetado durante a infância, isto claro, levando-se em conta os aspectos biológicos e psicológicos do sujeito, mas, também, aquele período socialmente acordado de preparação para a fase adulta.

Dayrell (2003) considera o jovem como um sujeito social, que convive com um modelo de juventude, construído pela sociedade, a partir das imagens de transitoriedade, romântica e de crise, ou seja, o jovem é visto como um vir a ser, que está num tempo de vida em preparação para a vida adulta, que vive momentos de crise familiar, coletiva, social, crises existenciais e, por outro lado, traz consigo a vitalidade, a liberdade, a beleza da juventude e a dinamicidade.

Entendemos, portanto, que a PJ, concordando com Dayrell (2003) e Novaes (2007), considera o jovem como portador de uma história de vida, inserido na sociedade, que possui desejos e receios e que se configura como um ser a partir das relações e das oportunidades oferecidas a eles no seu núcleo comunitário influenciados pelas qualidades destas relações.

O jovem, portanto, pode ser percebido como um sujeito que cria seu modo de ser e agir na sociedade. Como sujeito, tem suas próprias dinâmicas de vida que vão se organizando a partir de suas vivências, suas histórias, experiências, trocas e partilhas numa constante construção de si mesmo e do outro, numa via de mão dupla. Tudo isto tendo como pano de fundo a sua realidade, o espaço geográfico em que vive, suas experiências religiosas, culturais, políticas, bem como suas relações interpessoais.

A PJ, portanto, oferece o grupo de jovens e o considera como espaço aglutinador de jovens de diversas realidades, na maioria empobrecidos, que partilham a vida, a luta, o sofrimento, os desejos e os receios valorizando a cultura e a arte juvenil. É ali, neste local, que é trabalhada a formação integral, que, fatalmente, contribui para a formação da identidade do sujeito. Destaca-se ainda que buscam uma atuação dentro das Comunidades Eclesiais de Base e também nos diversos segmentos da sociedade como movimentos sociais e partidários que possuem o mesmo ideal de defesa da dignidade humana.

Sabe-se que os grupos da Pastoral da Juventude não agem isolados e que possuem uma organização para garantir que o trabalho realizado obtenha resultado. Destacamos, portanto, alguns aspectos importantes apresentados em seus

documentos que trazem a forma como a PJ se apresenta. Tentaremos identificar pontos da organização, a metodologia utilizada e sobre a formação integral. Acreditamos que, a partir destes elementos poderemos compreender melhor como se realiza e se concretiza tanto a formação crítica do indivíduo quanto o exercício do protagonismo juvenil. Enfim, partindo destes apontamentos tentaremos compreender as estratégias que a PJ estabeleceu ao longo do tempo para se manter dentre as Pastorais Sociais em atividade na Igreja Católica.

2.2 - ORGANIZAÇÃO DA PASTORAL DA JUVENTUDE

A forma de organização da Pastoral da Juventude passou por um processo de debates, até para que se entendesse a melhor forma de se estruturar. Na década de 1970 a discussão era se esta organização se dava a partir das classes sociais ou se dava pelo espaço de atuação do jovem na sociedade. O argumento de quem defendia a organização a partir das classes sociais era de que, desta forma, a voz dos jovens ali reunidos fosse validada. O que não ocorreria, segundo os defensores desta forma de organização, se tivessem organizados a partir dos locais de atuação, pois poderia reproduzir os discursos da sociedade e, assim, o discurso dos jovens das classes mais altas prevaleceria. Por outro lado, os que acreditavam na organização a partir dos meios específicos destacava que seria a oportunidade para desenvolver senso de fraternidade, justiça e solidariedade entre os jovens de classes sociais diferentes (cf. Martins, 2000).

Tendo optado pela organização a partir do meio que atuam surgia, portanto, a PJ Geral e as específicas: Pastoral da Juventude Estudantil (PJE), Pastoral da Juventude do Meio Popular (PJMP), Pastoral da Juventude Rural (PJR) e Pastoral Universitária (PU). A ideia era que os jovens fossem formados na PJ Geral e militassem nas específicas, no entanto, segundo Martins (2000) a prática foi diferente pois os jovens não entravam nas específicas a partir da PJ Geral e os que ingressavam na PJ Geral, ali permaneciam.

Em 1995, no 3º Encontro Nacional, definiu-se, portanto, pela extinção do termo PJ Geral adotando o termo Pastoral da Juventude do Brasil e estabeleceu-se uma nova forma de articulação

“O terceiro Encontro Nacional foi o último da trilogia “Quem Somos”. Entre outras motivações soava forte o grito pela definição da sigla, ou seja, a que

melhor refletiria a identidade. Conclui-se que: PJ é o nome que melhor identifica esta articulação de experiências, respeitando a caminhada que se faz nas dioceses e regionais do Brasil. E ainda ressaltou: 'É ao lado das PJs (PJE, PJR, PJMP) que queremos construir um novo tempo para a PJ do Brasil, onde a missão nos une como discípulos de Jesus Cristo no serviço aos jovens, sobretudo os jovens empobrecidos e excluídos'." (Silva *et al.* 2012, p. 134)

Neste sentido, portanto, PJ determina aqueles que se reúnem nas suas paróquias sem o vínculo com algum meio específico. A instância de organização, portanto, passa a ser a PJB que reúne todos os representantes das específicas, responsáveis por expressar os anseios da juventude de seu meio para serem debatidos e transformados em ações a serem desenvolvidas em seu respectivo grupo.

A PJ segue a organização da Igreja do Brasil, representada pela Conferência Nacional dos Bispos do Brasil, a CNBB. Possui as coordenações de Base paroquial, passando pelas regiões diocesanas, dioceses, regionais da CNBB até a Coordenação Nacional que, congregava junto com as demais específicas no chamado Setor Juventude, hoje Comissão Episcopal Pastoral para a Juventude da CNBB. Faz-se necessário ressaltar que o Setor Juventude da CNBB foi criado em 1983 com a "missão de animar a PJ, PJR, PJMP e PJE e a relação com as congregações e movimentos juvenis" (Estudos da CNBB n.76, p.106 [Marco Referencial da PJB]).

Em 2007 é aprovado o Documento 85 que, em um cenário de recrudescimento das expressões da Teologia da Libertação no âmbito da Instituição, traz como "novidade", a organização do "Setor Juventude" nas igrejas particulares, indicando que cada igreja particular construa sua estrutura, pensando no Setor como um espaço de articulação que congrega todas as experiências e práticas de evangelização com Juventudes. Aos poucos essa "indicação" foi ganhando força política e pastoral nas dioceses e regionais, chegando a incidir na organização do Setor Juventude Nacional, que deixa de ter como base de organização as PJ's e adota a multiplicidade dos agentes evangelizadores das Juventudes

Em 2011, há a aprovação da "Comissão Episcopal Pastoral para a Juventude" no âmbito da CNBB que substitui o antigo Setor Juventude. A PJ passa a ser mais uma dentre tantas, demonstrando que aquele modelo não atendia toda a juventude católica. Desta forma, a CNBB entende a multiplicidade de grupos, de posições sociais, de modos de viver e experienciar o meio que vive e a pluralidade de expressar a fé e, caracteriza, como Dayrell (2003), as juventudes, no plural, em detrimento de uma juventude única, homogênea, particular. Nesta diversidade de ambientes juvenis

é que são, então, trabalhadas as ações evangelizadoras, a partir do meio atendendo o que diz no Documento 85 da CNBB (2007)

“Conhecer os jovens é condição prévia para evangelizá-los. Não se pode amar nem evangelizar a quem não se conhece. Por esse motivo, iniciamos com alguns elementos das realidades juvenis, buscando conhecer a geração de jovens cuja evangelização se apresenta como um dos grandes desafios da Igreja neste início do século XXI. É necessário ter em conta a variedade de comportamentos e situações da juventude hoje e a dificuldade de delinear um único perfil da mesma no mundo e no Brasil. Além do mais, trata-se de uma situação exposta à oscilação constante, marcada ainda com maior impacto pela velocidade social das mudanças culturais e históricas, com as vulnerabilidades e potencialidades dos jovens, tudo isso confrontado com uma experiência significativa da Igreja quanto à evangelização da juventude.” (CNBB, 2007, p. 15)

Quanto à organização institucional percebemos que a PJ segue rigorosamente aquilo que orienta a própria igreja do Brasil. No entanto, salienta-se que, em seus documentos, a PJ apresenta as suas diretrizes para a coordenação e para os grupos que se trata de uma coordenação concêntrica, abdicando de uma estrutura piramidal, natural nas instituições com forte presença da hierarquia. Na teoria uma coordenação concêntrica seria uma estrutura que as demandas partem dos Grupos de Base, centro, para a Coordenação Nacional, na borda, que definem as ações a serem realizadas a partir das questões enviadas.

Esta maneira de se organizar vai de encontro à organização da própria Igreja que prioriza a hierarquia e a organização piramidal. A organização em forma de pirâmide permite que a instituição mantenha forte regulação e sustentação. Este aparato bem estruturado e forte o suficiente garante o poder espiritual e político da Igreja perante o povo que ela governa e diante das diversas associações, movimentos, pastorais e instituições que estão sob a sua guarda, prontas para cumprir as ordens oriundas desta hierarquia. Sabe-se que isto não é garantia para manter o povo fiel à Igreja, haja vista a perda de fiéis da Igreja Católica para outras denominações.

Ao falar na organização e estrutura de funcionamento da Pastoral da Juventude, deve-se voltar o olhar para as figuras do coordenador e do assessor. O coordenador, desde aquele do grupo de base até o da instância nacional, deve ser jovem, de até 30 anos e ele é a referência do grupo. Ele é responsável por, segundo Silva *et. al.* (2012, p. 79), “coordenar, preparar, executar, planejar e avaliar sem dificuldade uma reunião de grupo ou uma atividade da PJ”.

O assessor, por sua vez, é o adulto, maior de 30 anos, que já passou pelo processo da PJ e está ali para acompanhar o processo grupal e individual, orientando inclusive na formulação do Projeto de Vida dos membros do grupo. O assessor possui um conhecimento acumulado que é repassado para o jovem. Embora nos documentos é frequentemente citada a figura do assessor como aquele que acompanha o processo dos jovens, o fato de partilharem o mesmo espaço num determinado tempo (Mannheim, 1982) faz com que possa haver um choque de realidades ao mesmo tempo em que as experiências vividas são repassadas por quem já está a mais tempo para os que estão chegando.

Esta estrutura procura garantir coesão e sustentar os trabalhos desenvolvidos pela Pastoral da Juventude. Ela é responsável por sistematizar as ações, tomar decisões, representar a instituição perante a Igreja e, agir de forma a sustentar os grupos de base que estão inseridos nas paróquias. Dentro desta estrutura temos presentes aqueles que fazem parte do quadro de elite da Pastoral da Juventude, e, portanto, sujeitos mais atuantes na disputa por poder na hierarquia.

Sabe-se que a Igreja Católica, como dito anteriormente, abriga outras diferentes expressões juvenis que trabalham a evangelização partindo de outros fenômenos e bases teológicas de acordo com o seu carisma e orientação. Vale ressaltar que no cristianismo a definição de carisma difere da definição clássica weberiana. Carisma, nesse caso, diz respeito aos dons que os cristãos acreditam que recebem do Espírito Santo (cf. Bíblia Sagrada 1 Cor 12).

Entendendo, portanto, a convivência destes vários grupos, movimentos, pastorais com inspirações diversas, diferentes carismas, modos de agir e de se conectar com o sagrado dentro da Igreja Católica, podemos inferir que existam entre estas várias tendências uma disputa por poder. A Igreja Católica possui também uma estrutura organizativa que abriga diferentes conselhos, colegiados, conferências onde são tomadas as decisões que afetam diretamente os fiéis espalhados pelas comunidades e paróquias.

Portanto, estar presente nestes espaços é a oportunidade de validar, não só para o seu grupo, mas para todo um conjunto de leigos, a sua visão do que seja a vivência verdadeira da espiritualidade, a forma de conexão com o sagrado que é válida, as melhores práticas devocionais a serem postas em ação para alcançar a salvação. Ou seja, o movimento presente nestes locais de decisões tem a hegemonia

e, conseguem espalhar a sua ideologia em forma de discurso e de ações para toda a organização eclesial.

Segundo Antônio Gramsci (2017), a hegemonia é uma disputa a ser feita no plano cultural e o intelectual é o portador da verdade e traduz o que está acontecendo no mundo. Desta forma se dá a disputa pelo poder na Igreja Católica, aqueles que ocupam cadeiras nos espaços de decisão são os condutores dos modos de se viver a espiritualidade e praticar a religião, implantando então a sua cultura na totalidade da Igreja, correndo-se o risco de anular a identidade e homogeneizar toda a diversidade de carismas presentes na ICAR.

Percebemos isto na organização da Igreja Católica a partir do Setor Juventude da CNBB. Há diferentes grupos que se ocupam da evangelização juvenil, no entanto, a PJ ocupava este lugar e orientava os trabalhos para todos os outros grupos, sendo eles de orientação pastoral ou não. Detinha esta hegemonia e esta tendência era promovida pela hierarquia em detrimento das outras.

A Pastoral da Juventude, assim como as CEB's e a Teologia da Libertação, teve uma grande adesão na Igreja Católica nos anos 80 e início dos anos 90, com organizações de grupos, tanto de jovens quanto de famílias, que se reuniam nos chamados Círculos Bíblicos, em várias paróquias do Brasil. Neste período, a PJ era a responsável pela Evangelização da Juventude no Brasil, tendo cadeira na CNBB através do Setor Juventude.

Com o aumento do Pentecostalismo e o Neopentecostalismo, a Igreja Católica começou a perder fiéis para esta nova vertente do cristianismo, que apresentavam novas formas de se conectar com o Sagrado através de uma teologia mais intimista (cf. Rocha e Duque, 2020). Neste sentido, as práticas devocionais e populares amplamente difundidas pela ICAR começaram a não ser mais atrativas para uma sociedade cada vez mais individualista.

A Renovação Carismática Católica (RCC) passa a ser mais conhecida e difundida no Brasil, este que é um movimento Pentecostal dentro da Igreja Católica. Portanto, para atrair mais fiéis, a Igreja passa a investir mais nesta corrente teológica e é quando a Teologia da Libertação e os movimentos e pastorais ligados a ela começam a enfrentar um certo declínio. Pleyers (2020) ao elencar as estratégias encampadas pelo Vaticano na tentativa de anular a Teologia da Libertação aponta que o

“Vaticano e a nova hierarquia da Igreja Católica brasileira estimulavam correntes religiosas baseadas numa religiosidade emocional em vez do compromisso social. Um exemplo é o movimento espiritual católico chamado Renovação Carismática, no qual ritos, cerimônias e eventos religiosos são, em muitos aspectos, similares aos das igrejas pentecostais, além de ser dada demasiada importância a questões morais associadas à sexualidade, enquanto se desdenham as causas sociais.” (Pleyers, 2020, p. 6-7)

Sabe-se que o Setor Juventude da CNBB foi criado em 1983 com o objetivo de animar os jovens presentes nos grupos de jovens das PJ's. Desde então, a assessoria e secretaria nacional do Setor Juventude eram indicações do conjunto das PJ's. Esta foi a realidade da Evangelização da Juventude da Igreja Católica durante os anos 1970 até meados dos anos 1990. Todas as paróquias que possuíam grupos de jovens o identificavam como Pastoral da Juventude, mesmo que o grupo assumisse uma forma antagônica de realizar os trabalhos.

As atividades nacionais que compreendiam trabalho com a juventude eram pensadas e organizadas pelo Setor Juventude, mas, como visto, era composto pelas PJ's, logo a PJ que era a responsável pela criação dos materiais. Logicamente traria neles assuntos relativos à realidade social do jovem e metodologia de trabalho inspirada no método *Ver, Julgar, Agir*. Podemos citar como exemplo o Dia Nacional da Juventude (DNJ), criado em 1985 quando da promulgação pela ONU deste como sendo o Ano Internacional da Juventude. O DNJ tinha a PJ como principal organizadora do texto base que orientava as atividades. No entanto, a partir de 2011, com a nova configuração do Setor Juventude, a PJ passa a não ser mais a detentora da elaboração deste material.

A partir da inserção cada vez mais forte da Renovação Carismática nas paróquias e, mais que isso, nas mídias sociais, a cúpula da Igreja Católica foi percebendo que precisava dar atenção a este movimento que vinha neste crescente e ganhava mais adeptos a cada dia devido a sua forma de chegar aos fiéis através do forte apelo emocional. Outro fato importante de se perceber é que os Pentecostais Católicos, assim como os de outras vertentes do cristianismo, possuem uma postura mais conservadora, inclusive no que se refere à política, colocando-se numa posição contrária ao que a PJ procura se colocar e formar os jovens de seus grupos. (cf. Pleyers. 2020)

Na prática isto significou uma mudança de abordagem com relação à Evangelização das Juventudes. As atividades nacionais, como já mencionado, antes organizadas pelas PJ's através do Setor Juventude, agora são organizadas pelos

diversos grupos presentes na Comissão Episcopal Pastoral para a Juventude e, passam a dar mais ênfase à relação com o sagrado.

Percebe-se que a hierarquia acompanhou o processo histórico ao dar mais ênfase a um ou outro sujeito eclesial. Nas décadas de 70/80 início da década de 90, em que o cenário político social demandava atenção e era palco de lutas diárias capazes de aglutinar fiéis em torno de um ideal, a Igreja apostava e apoiava os grupos que conseguiam despertar uma consciência crítica e coletiva que era utilizada a favor de toda a sociedade.

A partir da década de 1990, com a ascensão do neoliberalismo, uma cultura mais intimista, consumista, em que as pessoas se viam em relações cada vez mais marcadas pelo emocional, a igreja se viu dentro de um processo de perda cada vez mais significativa de fiéis para outras denominações religiosas. Era preciso mobilizar forças capazes de “bater de frente” e com elementos eficazes que atendessem aos anseios dos fiéis. A Renovação Carismática Católica possuía estes requisitos por ser capaz de se comunicar através da emoção, de manejar bem os meios de comunicação social e estar presentes na vida das pessoas.

A disputa, a partir de então, se dá nas instâncias da CNBB, mas também se dá no dia a dia, nas comunidades e nas mídias sociais. A Igreja enquanto instituição inserida no mundo capitalista sofre reflexos desta sociedade e precisa se colocar no meio para oferecer o seu produto, que no caso é a salvação. Os fiéis passam, portanto, a ser os consumidores.

No caso da Evangelização das Juventudes, o fato de ter a abertura para outros grupos participarem das instâncias de decisão e tomada de poder indica que a Igreja entendeu esta dinâmica capitalista. A PJ, que era a “dona da feira” passa a ter uma “barraca” juntamente com os outros movimentos de evangelização da juventude. E ali, nesta feira, eles devem traçar estratégias para atender as demandas que os fiéis, jovens, trazem.

Segundo Shoshana Zuboff (2019), o neoliberalismo inaugura também uma nova forma de organização social, a sociedade moderna está em sua segunda fase, nesta segunda modernidade a sociedade de massas dá lugar à sociedade dos indivíduos. O que fazia sentido na primeira modernidade, o pensamento de uma massa de indivíduos já não faz a partir deste momento em que o indivíduo se basta, diz Zuboff:

“A primeira modernidade suprimia o crescimento e a expressão do eu em favor de soluções coletivas; já na segunda modernidade, o eu é tudo que temos. O novo senso de soberania psicológica irrompeu pelo mundo muito antes de a internet aparecer para intensificar suas reivindicações. Nós aprendemos por meio de tentativa e erro como costurar nossa vida para mantê-la unida. Nada é de graça. Tudo precisa ser revisto, renegociado e reconstruído em termos que façam sentido para nós: família, religião, sexo, gênero, moralidade, casamento, comunidade, amor, natureza, relações sociais, participação política, carreira, alimentação...” (Zuboff, p. 53, 2019)

Na sociedade do indivíduo, portanto, a busca por um sentido de vida se faz mais importante e é nesta seara que o neoliberalismo agiu oferecendo aos indivíduos aquilo que o satisfazia, bens e serviços pensados para ele, onde ele se sente o senhor das suas ações.

Esta nova dinâmica social reverbera na religião onde os indivíduos buscam soluções para seus problemas individuais. O coletivo, as ações sociais e caritativas são realizadas para satisfação pessoal e não para os destinatários da ação. A disputa por poder e por fiéis para adesão ao modo de viver a fé, para a venda da salvação, se dá neste campo. A PJ e demais grupos devem oferecer a estas jovens respostas para as suas questões mais íntimas. Por isto faz sentido uma religião mais voltada para o emocional e, neste sentido, a tendência modernizadora conservadora sai na frente em relação aos radicais uma vez que oferece a salvação a partir de práticas devocionais mais intimistas, enquanto os radicais, tendência a qual pertence a PJ, procura oferecer a salvação coletiva a partir das ações realizadas em seu meio, para toda a comunidade.

É neste cenário que a PJ se encontra e se organiza. Dentro de uma instituição maior, traçando linhas de ações e estratégias para desenvolver seu trabalho respeitando a sua identidade ao mesmo tempo que, em contato com as outras expressões absorve elementos que vão agregando ao trabalho dentro de uma pedagogia e com uma metodologia historicamente construída.

2.3 - A PEDAGOGIA E A METODOLOGIA DA PJ

Outro elemento herdado da Ação Católica pela PJ é a sua pedagogia de trabalho. Organizada em pequenos grupos acredita que assim as atividades serão melhor desenvolvidas. Outro ponto a favor da organização em pequenos grupos é a facilitação para a participação de todos nas formações e, especialmente, nas tomadas

de decisões. Muito importante para a PJ é a formação crítica do jovem, assim como nas Comunidades Eclesiais de Base, berço de sua estruturação.

Para garantir a participação de todos utilizam o método amplamente trabalhado pelas Comunidades Eclesiais de Base. Esta metodologia de trabalho contém três passos importantes: *Ver, julgar e Agir*. Ao longo do tempo e do desenvolvimento e aprimoramento deste método a PJ acrescentou os seguintes passos: *Rever e Celebrar*. Este método também, comumente chamado “metodologia do ver, julgar e agir” é usado pelas pastorais ligadas, como a PJ, à Teologia da Libertação (TL), vertente da Igreja Católica que, como já vimos, acredita e trabalha uma evangelização que parte da realidade do indivíduo, procurando realizar aqui na terra uma sociedade mais justa e igualitária.

Este método de trabalho parte do ver a situação da sociedade, julgar, a partir das leituras bíblicas e agir a fim de transformar a realidade. Após é momento de avaliar a ação desenvolvida e celebrar os resultados obtidos. Silva *et. al.* destaca que

‘Dentro da vivência desse método (...): (1) o ver, como tomada de consciência da realidade com base em fatos concretos da vida cotidiana, buscando suas causas, conflitos e as consequências que se podem prever para o futuro. Tem como finalidade uma visão mais ampla, profunda e global; (2) o julgar, análise dos fatos e da realidade e da caminhada de acordo com os ensinamentos da fé, dos documentos da Igreja, da Palavra de Deus e das ciências sociais. Possibilita tomar consciência das estruturas injustas da sociedade e das posturas diante da mesma; (3) o agir, momento de concretizar, numa ação transformadora, o que se compreendeu acerca da realidade. É o compromisso e a prática. São as decisões quanto ao futuro. Parte das necessidades das pessoas e busca atacar as raízes dos problemas. Faz com que todos participem; (4) o revisar, ato de avaliação. Trata-se de verificar o grau de cumprimento dos objetivos e a forma de assumir responsabilidades, de avaliar o processo, de se perguntar pelas consequências das ações realizadas e de encontrar formas para avaliar os avanços, superar as dificuldades e continuar avançando; (5) o celebrar é o momento de festejar e comemorar o processo, o descobrimento da realidade pessoal e social, o encontro e o compromisso pela transformação da realidade. Celebram-se as vitórias, as conquistas e os fracassos, as alegrias e as tristezas, as angústias e as esperanças, a vida do grupo, a penitência e a conversão, a união e a organização.’ (Silva *et. al* 2012, p. 66)

Neste sentido o jovem é evangelizado na pretensão de despertar o seu protagonismo partindo do meio social em que está inserido para transformar a sua realidade promovendo uma vida digna para todos os que nela habitam. O trabalho em pequenos grupos, portanto, facilita a formação integral do jovem, ou seja, uma formação que leva em conta não só a sua relação com o transcendente, mas a sua relação consigo mesmo, com o outro e com a sociedade. A formação integral, neste sentido, contribui para a reflexão e forma a consciência crítica que estimula a

participação do jovem e conseqüentemente seu protagonismo. Isto promove a ação transformadora do seu meio social.

Observa-se que esta maneira de evangelizar se afasta do modo tradicional da Igreja Católica que privilegia o catecismo e o ensino de sua moral e ética a partir de dogmas e de todo um aparato estabelecido pela hierarquia que faz com que a pessoa evangelizada se adeque ao que foi lhe apresentado, pois a salvação vinha daquilo que a Igreja oferecia.

Por este motivo, esta evangelização suscitava debates a partir das situações concretas geradoras da reflexão, que eram frequentemente atribuídas ao método marxista de análise da realidade. Isto causa constrangimentos dentro da própria Igreja Católica e faz os grupos alinhados à Teologia da Libertação serem comumente acusados de querer implantar o comunismo nas comunidades e paróquias. O comunismo que é um inimigo declarado da Instituição.

Percebemos, também, nesta maneira de praticar a fé traços do marxismo, especialmente na chamada filosofia da práxis, ou seja, um exercício de reflexão a partir de sua realidade para ter argumentos e elementos para transformá-la. Entende-se, portanto, a partir da utilização deste método o porquê da Teologia da Libertação, a qual a PJ está intimamente ligada, configurar uma vertente da Igreja Católica diretamente associada a uma prática religiosa mais progressista. É uma corrente mais à esquerda que aborda temas sociais na tentativa de libertação integral do ser humano. As pastorais ligadas à TL mantêm como um dos focos principais de sua ação a Evangelização atrelada a uma formação crítica e social. Diante disto, ao pensarmos nas várias tendências que coabitam a Igreja Católica a Pastoral da Juventude está agrupada dentre os Radicais.

2.4 - O PROCESSO DE EDUCAÇÃO NA FÉ

A PJ, seguindo esta metodologia de trabalho, insere nos grupos o que denominam de Processo de Educação na Fé e, neste processo, como nos mostra o Subsídio de Estudos *“Somos Igreja Jovem”* (Silva *et al*, 2012, p. 58-59), encontram-se as cinco Dimensões da Formação Humana: Personalização, Integração, Evangelização, Conscientização e Capacitação técnica. Quando se diz formação integral é na formação destas cinco dimensões que a PJ está se referindo. Cada

dimensão é trabalhada ao longo dos encontros, algumas com mais enfoques que as outras em determinados períodos.

A PJ acredita que o trabalho de evangelização com a juventude e o consequente despertar para o protagonismo juvenil alcançará resultados na medida em que estas dimensões forem bem trabalhadas. Para isto, organizam diversos encontros, momentos de formação e atividades na perspectiva de motivar e subsidiar o desenvolvimento de cada uma das dimensões e, com isto, formar uma jovem liderança capaz de atuar na igreja e na sociedade de maneira a lutar pela justiça social e, desta forma, edificar o Reino de Deus aqui na terra.

Cada uma destas dimensões diz respeito às várias relações que o jovem deve estabelecer e, trabalhar bem a fim de se tornar um adulto equilibrado, consciente, responsável, justo e solidário. Desta forma, de acordo com o Subsídio de estudos da PJ, temos as seguintes dimensões e seus significados:

“• Personalização: é onde a gente responde ‘quem sou eu?’. É o esforço de tornar-se pessoa, descobrir-se, possuir-se, aceitar-se, trabalhar-se. Tudo isso para que a pessoa se conheça melhor. Essa dimensão exige trabalhar o autoconhecimento: interesses, aspirações, história, valores, sentimentos, limitações. Também exige a autocrítica: revisão pessoal, busca permanente de superação e mudança de atitudes para o testemunho coerente. Exige, ainda, a autorrealização: sentir-se amado, capaz de amar, de ser terno, saber construir seu futuro e sua realização. • Integração: é a capacidade de descobrir o outro e superar os bloqueios de comunicação para conhecer o outro, gerar afeição e cooperação, confrontar ideias e dons. Nessa dimensão estabelecemos os nossos relacionamentos. Ela pode ser experimentada nos grupos de convivência social, lugar da convivência com o diferente, espaço de diálogo permanente. • Evangelização: é a caminhada que devemos dar para a educação da nossa fé, as respostas para a nossa existência, nosso destino, nossa mística, nossa vivência sacramental, nossa formação catequética permanente, nosso contato com a Palavra. É perceber o que nos move e nos anima. É sentir a presença de Deus na história. Assumir a presença do Deus que salva em Jesus. Conhecer o conteúdo da fé em comunidade. • Conscientização: responde à pergunta ‘onde estou e o que faço aqui?’. Descobrir o mundo e se fazer sujeito da história, com senso crítico, capacidade de analisar e participar. A conscientização nos leva ao compromisso com política, com a cidadania, com os direitos humanos, com a defesa da vida, do trabalho, da ecologia e com a participação em outros espaços de atuação. • Capacitação: procura responder ao nosso ‘como fazer?’. É preparar-se para a ação de planejar, executar, revisar, criar, encantar, festejar, seja na vida pessoal, na formação, na participação, na coordenação ou na organização da vida e do trabalho.” (Silva *et al.* 2012, 58-59)

Destas, a Dimensão da Conscientização visa a formação política, o incentivo ao trabalho nos movimentos sociais e partidários, a defesa dos Direitos Humanos. O trabalho que se realiza a partir das diretrizes que orientam esta dimensão nos permite inferir que ela é a responsável pela formação de militantes políticos, na grande maioria, de esquerda.

Fruto desta metodologia de formação e do incentivo para que houvesse aproximação da PJ com movimentos sociais e partidários é a existência de políticos que tiveram passagem pelos grupos de base. São políticos que têm um discurso fortemente ligados à defesa dos Direitos Humanos e das minorias. Como exemplo, citamos alguns nomes, dos cenários nacional, estadual e regional. Deputados federais, senadores, deputados estaduais, vereadores, presidentes de partidos políticos, todos alinhados à pautas e filiados à partidos de esquerda, como Randolfe Rodrigues - PE (Senador – REDE Sustentabilidade), Jean Willys - BA (ex Deputado Federal - PT), Patrus Ananias – MG (Deputado Federal - PT), César Medeiros – MG (ex Deputado Federal - PT), Hermano – MG (ex vereador de Ponte Nova/MG - PT), Mateus Leão – MG (Vereador de Nova Era/MG - PT) , Bruna Monalisa – MG (Presidente do PT de Ouro Preto – MG), Leleco Pimentel – MG (Deputado Estadual – PT), dentre outros.

Percebe-se que, em grande medida, a PJ contribui para a formação de quadros da esquerda brasileira. E isto frequentemente gera conflitos uma vez que muitos deles, ou quase a totalidade, são identificados como comunistas, abortistas, ou seja, adjetivos que vão de encontro com aquilo que a Igreja Católica prega. E, desta forma, à Pastoral da Juventude também são direcionadas estas críticas, uma vez que a preocupação em formação de militantes políticos é mais valorizada do que a promoção de momentos de louvor e oração.

A Pastoral da Juventude do Brasil, portanto, é o resultado deste processo de formação e organização que teve seu início nos anos 1970 num contexto de Ditadura Militar em que a articulação de grupos, como grêmio estudantis, não era bem-vindo para o governo. No entanto, identificamos seu fortalecimento a partir da década de 1980 e o início da sua perda de poder a partir do final dos anos 90.

Esta organização contribuiu para que a PJ se fizesse presente em grande parte do território brasileiro contribuindo para a formação de jovens lideranças, tanto eclesiais quanto políticas. A ascensão do conservadorismo católico, incentivada e combinada com a ascensão do conservadorismo político, contribui para que a disputa por poder na Igreja Católica fique mais evidente e, neste cenário, a Pastoral da Juventude se mantém como uma das forças progressistas, juntamente com as pastorais sociais, que resiste na Igreja Católica.

Entendendo a forma de organização, a metodologia e as dinâmicas de trabalho que estruturam a Pastoral da Juventude temos elementos para situar a Pastoral da

Juventude da Arquidiocese de Mariana que é o nosso objeto de pesquisa. Isto foi necessário para confrontar a realidade da PJ de Mariana bem como sua maneira de se organizar e manter o trabalho com a forma de organização e trabalho apresentado pela PJ Nacional em seu documento norteador. Novamente fazemos a opção pelo Tipo Ideal Weberiano, na tentativa de identificar elementos presentes na prática confrontando-os com a teoria. Desta forma, podemos compreender o modo de ser e de agir da PJ Mariana e, conseqüentemente, de seus membros, bem como os conflitos que podem ser gerados nas relações estabelecidas na Arquidiocese de Mariana.

2.5 - A PASTORAL DA JUVENTUDE NA ARQUIDIOCESE DE MARIANA

Na Arquidiocese de Mariana, a Pastoral da Juventude teve seu processo de formação ligado aos movimentos de jovens como o Shalom e Emaús, que na década de 1970 eram responsáveis pela evangelização da Juventude e a formação de grupos de jovens nas diversas paróquias da Arquidiocese. Como vimos, o vazio criado pela extinção da Ação Católica Especializada foi ocupado pelos movimentos de encontro. Estes movimentos desenvolvem um trabalho antagônico ao proposto pelos grupos ligados à Teologia da Libertação uma vez que utilizam de uma técnica de encontros fechados e previamente programados. Geralmente reúnem uma grande quantidade de jovens, num fim de semana, e exercitam a emoção e a espiritualidade para a conversão dos jovens. Estes jovens, ao voltar para a sua comunidade, assumem o compromisso de viver a sua espiritualidade participando das atividades da paróquia. É um trabalho que visa a formação de jovens cristãos para a atuação intraeclesial com ações caritativas pontuais.

Na década de 1980, cidades como Barbacena e Conselheiro Lafaiete, as maiores da Arquidiocese, contavam com inúmeros grupos de jovens. Padre Gilson e Padre Cássio¹⁸, ambos trabalhando em Conselheiro Lafaiete, reúnem, em 1986, representantes destes grupos de jovens a fim de motivarem a conhecerem a proposta de trabalho da Pastoral da Juventude. No ano seguinte, portanto, com a transferência dos padres citados para outras paróquias este trabalho foi interrompido até que, em

¹⁸ Gilson José de Oliveira, reside hoje em Ponte Nova, professor e assessor parlamentar. Autor de Fé, Ética e Política e Filosofia e Educação, publica também: artigos, poesias e crônicas. José Cássio Martins, hoje é professor no Colégio Nossa Senhora de Nazaré, em Conselheiro Lafaiete, onde reside.

1988, D. Oscar de Oliveira¹⁹ nomeia Padre Gilson como assessor religioso da PJ na Arquidiocese. É dada a largada para que ele movimentasse as lideranças juvenis das paróquias para a construção da PJ.

É interessante observar que o ponto de partida para que a Pastoral da Juventude se efetivasse na Arquidiocese de Mariana dependeu da nomeação de um padre pela hierarquia, representada pelo bispo diocesano, D. Oscar. Já vimos que D. Oscar possuía um perfil conservador, que não era simpático à politização dos grupos religiosos. Por outro lado, ele permitia o agrupamento de leigos com a ressalva de que se atentassem com os ideais da Teologia da Libertação.

É mister salientar que vivíamos num momento histórico propício para se realizar trabalhos de base com a juventude, visto que estávamos no fim da Ditadura Militar, época de crescente participação popular em torno de reivindicações como as eleições diretas. Neste período houve também uma migração dos grupos de jovens do Shalom e Emaús para os grupos de base da PJ.

Para melhor organizar os trabalhos da PJ no território arquidiocesano foi realizada em 1988 uma pré-Assembleia Arquidiocesana desta pastoral. Foi em 1988, também, que D. Luciano Mendes²⁰ toma posse como Arcebispo de Mariana, após a renúncia de D. Oscar.

O episcopado de D. Luciano foi frutífero para as pastorais sociais da Arquidiocese de Mariana, inclusive para a PJ, que encontrou oportunidades e se espalhou para várias paróquias. D. Luciano organizou a Arquidiocese em regiões pastorais a fim de facilitar o trabalho, visto que a Arquidiocese abrangia, naquela época, 76 municípios. Há relatos que a PJ se estruturou a partir das regiões antes mesmo que a arquidiocese e que este modelo foi aperfeiçoado e aplicado para o restante dos trabalhos desenvolvidos no território arquidiocesano.

Durante este tempo de presença na Arquidiocese de Mariana a Pastoral da Juventude realizou várias atividades e produziu muitos materiais. Os materiais produzidos na arquidiocese complementavam os que eram recebidos de instâncias superiores como da Coordenação Nacional ou mesmo da CNBB. Estes materiais são

¹⁹ D. Oscar de Oliveira foi o 3º arcebispo de Mariana e esteve à frente da Arquidiocese no período de 1960-1988. De postura conservadora o então arcebispo apoiou abertamente a Ditadura Militar, não dava muito abertura para as iniciativas da teologia da Libertação e apoiava as CEB's orientando que estas não se politizassem demais deixando de lado as questões espirituais. (Cf. Oliveira, 2005)

²⁰ D. Luciano Pedro Mendes de Almeida, S. J., foi o 4º Arcebispo de Mariana no período de 1988 à 2006 é reconhecido como o responsável pela maior abertura e oportunidade para os setores progressistas atuarem na Arquidiocese de Mariana. (cf. Oliveira, 2005)

importantes para o dia a dia do grupo. São livros, subsídios de estudos com temáticas que trabalham as cinco dimensões da formação integral a partir de um tema.

Sabe-se que na PJ são realizadas ações chamadas de Atividades Permanentes. São propostas pela PJ Nacional e assim descritas no Subsídio de estudos *Somos Igreja Jovem* (2012);

“As Atividades Permanentes das Pastorais da Juventude são o resultado de pensar e agir, enquanto juventude, nas diversas realidades que existem dentro e fora da Igreja. Assim, as Atividades Permanentes (APs), a cada ano, trazem uma sequência de temas a serem discutidos dentro das três atividades – Semana da Cidadania – SdC; Semana do Estudante – SdE; e Dia Nacional da Juventude – DNJ, que caminham em consonância com a proposta de trabalho com a Igreja do Brasil, uma vez que os temas acompanham as discussões permeadas pela Campanha da Fraternidade refletindo os caminhos que as Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora (DGAE) sugerem.” (Silva *et al.* 2012, p. 154)

Além das Atividades permanentes, a PJ Nacional desenvolve campanhas pontuais a exemplo da Campanha Nacional contra a Violência e Extermínio de Jovens e a Campanha Nacional de Enfrentamento aos Ciclos de Violência contra a Mulher. De projeção nacional estas campanhas nascem a partir da própria juventude reunida em Assembleia. Elas são assim apresentadas pela PJ

“A Campanha Nacional Contra a Violência e o Extermínio de Jovens é uma ação articulada de diversas organizações para levar a toda sociedade o debate sobre as diversas formas de violência contra a juventude, especialmente o extermínio de milhares de jovens que está acontecendo no Brasil. Com isso, a Campanha objetiva avançar na conscientização e desencadear ações que possam mudar essa realidade de morte. A Campanha nasceu da reflexão da 15ª Assembleia Nacional das Pastorais da Juventude do Brasil (ocorrida em maio de 2008), fruto da indignação crescente dos/as delegados/as presentes naquela assembleia e da revolta ante ao crescente número de mortes de jovens no campo e na cidade, em todos os cantos do país.” (Batista, 2010)

Com o fim da Campanha contra a Violência e Extermínio de Jovens, foi aprovada em 2017 a realização da Campanha de Enfrentamento aos Ciclos de Violência contra a Mulher que

“(...)tem a intenção de contribuir com a desnaturalização do machismo, através dos espaços de atuação da Pastoral da Juventude, e inclusive dentro das próprias instâncias de organização da PJ. Porém, ainda mais do que isso, a Campanha intenciona provocar as e os jovens a refletirem sobre as diferentes fases e roupagens da violência contra a mulher, a fim de que sejam promovidas mudanças de comportamentos e mentalidades.” (PJ, 2018)

Estas atividades e campanhas, portanto, também são desenvolvidas pela Pastoral da Juventude da Arquidiocese de Mariana com diversas ações nas diferentes comunidades. No entanto, a fim de desenvolver atividades que reflitam a realidade dos jovens da arquidiocese, além da Semana da Cidadania, Semana do Estudante, Dia Nacional da Juventude e as campanhas nacionais, a PJ da Arquidiocese de

Mariana incorpora os Seminários das PJ's, que com o tempo passou a se denominar Seminário da Juventude para abarcar todas as expressões e trabalhos de evangelização juvenil, Assembleias e Cursos de Formação em Etapas ao seu calendário. Todas estas atividades demandam a produção de materiais específicos que refletem o momento atual que estão atravessando, não só a PJ, mas a juventude brasileira e arquidiocesana.

Os materiais são ricos em informações, tanto escritas quanto visuais. A partir da análise destes documentos nota-se que, com o passar do tempo, a PJ foi se estruturando dando mais ênfase em alguns aspectos e a alguma dimensão, que pode ser interpretado como uma tentativa de dar respostas às movimentações ocorridas na sociedade e na igreja que, inquietavam os jovens dos grupos de base, mas, principalmente os coordenadores e assessores.

Juntamente com os materiais produzidos, faz-se necessário refletir sobre a época e sobre quem os produziu. Sabemos que nestes anos de presença da PJ na Arquidiocese de Mariana, percebe-se a formação de três gerações de pejeiros. Acompanhamos aqui a percepção das gerações feita pelos próprios jovens pertencentes a PJ Mariana.

Cabe ressaltar que por gerações, como Karl Mannheim (1982), entendemos que são caracterizadas não somente o ritmo do tempo cronológico e biológico dos indivíduos, mas, as situações compartilhadas. Gerações, portanto, são definidas por uma perspectiva situacional dos indivíduos

“O fenômeno sociológico das gerações está baseado, em última análise, no ritmo biológico de nascimento e morte. (...) Não fosse pela existência de interação social entre seres humanos, pela existência de uma estrutura social definida, e pela história estar baseada em um tipo particular de continuidade, a geração não existiria como um fenômeno de localização social; existiria apenas nascimento, envelhecimento e morte. (...) precisamos antes de tudo tentar compreender a geração como um tipo particular de situação social.” (Mannheim, p. 72).

A PJ contribui e mantém em seus quadros, na figura de assessores e coordenadores, um campo propício para a coexistência de indivíduos que experimentam as mesmas situações e, por vezes, promove certos conflitos geracionais. Estes conflitos são causados na medida em que o assessor não entende o seu papel enquanto acompanhante do jovem, ou seja, a prática difere da teoria. Se a PJ defende o protagonismo juvenil, em tese, o assessor deveria apenas acompanhar e ser suporte para o jovem, principalmente nas tomadas de decisões e em seus posicionamentos.

Identificamos, portanto, que a primeira geração de pejoteiros está situada entre o início da estruturação desta pastoral na Arquidiocese de Mariana, na década de 1980, e o início do século XXI, com a realização do que ficou conhecido como Ano da Base, realizado em 2001. Período em que as atividades arquidiocesanas deram uma pausa para que se realizassem e fortalecessem os trabalhos nas paróquias.

A segunda geração, herdeira do Ano da Base, se caracteriza pela intensificação dos trabalhos de base, investimento na formação técnica da juventude, tanto em nível regional quanto em nível arquidiocesano. Destaca-se, inclusive, um curso de extensão em parceria com a Faculdade Arquidiocesana de Mariana (Seminário de Filosofia). Culminou com uma reflexão sobre, de novo, o distanciamento das bases.

A terceira geração, situada na segunda década do novo milênio até os dias atuais, é preocupada em reaproximar-se das bases, ao mesmo tempo em que se dedica à formação técnica dos jovens e dos assessores e que, dentre os vários desafios, enfrentou a Pandemia.

É necessário salientar que esta tentativa de agrupamentos geracionais se dá para facilitar a pesquisa e por percebermos traços importantes que marcam cada uma delas. Isto não significa que o jovem de uma geração não contribui e atua em outra geração, sendo na condição de coordenador ou assessor, como observado anteriormente.

Importante também, nesse resgate histórico, dar alguns destaques nas atividades desenvolvidas por cada uma destas gerações, para entender como cada uma delas percebia o papel enquanto formadores e evangelizadores dos jovens nestes grupos. Além de contribuir para compreendermos o contexto histórico, o material produzido e ser suporte para as análises das entrevistas que serão feitas no capítulo seguinte. Vale ressaltar, novamente, que tal como Mannheim (1982) consideramos geração como o espaço de tempo partilhado, desta forma podemos destacar:

1ª geração (1988-2003) – Coube a esta geração a tarefa de formar os grupos e expandir os mesmos pela Arquidiocese. Foi responsável por trazer a metodologia utilizada pela Pastoral da Juventude e apresentá-la para os grupos já existentes e para os que iam se formando ao longo do processo. Durante este período foram realizadas seis assembleias arquidiocesanas, que foram responsáveis por discutir, organizar e estruturar a PJ, a partir de coordenações diocesanas e regionais.

Neste período surgiram as primeiras crises de acompanhamento, pois havia poucas pessoas para assumir a assessoria e exercer este papel tão importante para o desenvolvimento das atividades. Uma vez que os assessores, como mencionado e determinado nos documentos oficiais, são aqueles que já passaram pelo processo. Portanto, a crise de assessoria acontecia também pela falta de pessoas que já tivessem vivenciado a experiência da PJ.

Outro destaque desta geração foi a criação do Seminário Arquidiocesano da PJ, encontro que reúne vários jovens durante um fim de semana, divididos em cursos temáticos, com objetivo de contribuir para a formação técnica e com a evangelização a partir de debates e oficinas. Estes seminários são uma espécie de mapeamento e capacitação de novas lideranças jovens, para garantir a continuidade da PJ nas paróquias.

Acontecimento importante nesta geração também, foi a estruturação das PJ's específicas e, o fim das mesmas no território arquidiocesano. A arquidiocese de Mariana é muito extensa, com predominância da zona rural. Neste sentido a Pastoral da Juventude Rural teve boa aceitação, mas a crise de acompanhamento que assolava a PJ acabou atingindo a PJR. Isto também aconteceu com a Pastoral da Juventude Estudantil que tinha uma boa presença.

Esta geração foi marcada pelo forte trabalho de formação política dos jovens, culminando com um projeto chamado "Desperta Cidadão", que elegeu um Deputado Estadual e um Deputado Federal, sendo este um dos jovens "fundadores" da PJ na Arquidiocese.

O fim desta geração é marcado pela reflexão de que a coordenação estava afastada das bases e, por isto, foi preciso parar os trabalhos arquidiocesanos para que fosse dada maior atenção aos trabalhos nas paróquias e regiões. Este movimento fez surgir os seminários regionais, que são a reprodução dos seminários arquidiocesanos, porém, abrangendo um menor território.

2ª geração (2003-2014) – A segunda geração foi responsável por organizar o grande número de jovens e grupos que foram se juntando à PJ a partir do ano da Base. Procuraram manter e aprimorar os trabalhos já existentes. Em parceria com a Faculdade Arquidiocesana de Mariana promoveu um Curso de Extensão Universitária com foco na Capacitação de lideranças juvenis.

Esta geração investiu em pautas que eram discutidas em nível nacional, como a Campanha Nacional Contra a Violência e Extermínio de Jovens, em participação

nos eventos arquidiocesanos promovidos pelas pastorais sociais da arquidiocese: Romaria dos Trabalhadores, Fórum Social Pela Vida, Grito dos Excluídos.

Durante este período, para que não se repetisse o afastamento das bases, foram realizados, também, projetos de formação regionais e seminários regionais. Estes projetos tinham o objetivo de manter um quadro de lideranças jovens bem formados em todas as regiões, uma vez que nas formações arquidiocesanas não comportavam número alto de participantes.

Neste período, a Teologia da Libertação enfraquecia e outros movimentos juvenis vinham tomando força e forma, portanto, a preocupação desta geração era também o de se trabalhar, vivenciar e apresentar a identidade da Pastoral da Juventude, isto era feito nestes espaços de formação.

Investiu também na comunicação, com a recriação de um jornal impresso. A partir da criação das frentes de trabalho dentro da equipe arquidiocesana, foram produzidos vídeos, fotografias e blogs. Neste período foram surgindo as Redes Sociais e esta geração participou da transição do jornal impresso para as comunicações feitas através das mídias digitais e das redes sociais.

Outro aspecto importante era a iniciativa de se criar símbolos que percorressem todos os grupos de base. Esta ação tinha o objetivo de fazer com que todos se sentissem parte das atividades.

Nesta geração foi criada a Escola Arquidiocesana de Formação Integral (EAFIN) que, ao lado do Seminário, passou a ser o espaço de formação de novas lideranças juvenis. Ali eram fortalecidos a identidade e a memória da PJ que, a esta altura, já disputava espaço com as outras expressões de evangelização juvenil.

Foi neste período que D. Luciano faleceu e D. Geraldo Lyrio Rocha²¹ tomou posse como novo arcebispo. Foi momento de apreensão da equipe por não saber da aceitabilidade do novo bispo para com os trabalhos desenvolvidos pelas pastorais sociais.

Como na primeira geração, a partir de reflexões feitas na 10ª assembleia, notou-se um afastamento das bases e a falta de acompanhamento. Foi feito, portanto,

²¹ D. Geraldo Lyrio Rocha foi o 5º arcebispo de Mariana no período de 2007 à 2018. Renunciou em 2018, por completar 75 anos. Seu episcopado manteve a estrutura deixada por D. Luciano. Moderado, encontrou lideranças articuladas e que seguiram os trabalhos sociais deixados pelo seu antecessor. Descentralizou a formação dos seminaristas, mantendo as primeiras etapas em Barbacena e as últimas em Mariana.

uma revisão da estrutura. A partir daí forma-se uma equipe responsável por mapear e escutar os grupos de base para a retomada de um caminho em conjunto.

Destaca-se também, nesta geração, a adoção de passagens bíblicas nas composições dos temas dos eventos promovidos e as atividades ligadas à Dimensão sociopolítica eram implícitas nos temas dos encontros, talvez para demonstrar que, ao contrário do que se falava, a PJ era um grupo, antes de tudo, religioso.

3ª Geração (2014 - atual) – Durante dois anos foi realizado o Projeto de Revitalização da PJ Mariana, acontecido em cinco encontros com objetivo de escutar os jovens dos grupos de base da PJ e seus anseios. Em 2016 realizou-se uma nova assembleia onde foi recriada a nova equipe arquidiocesana, nos mesmos moldes das equipes da 2º geração. Esta equipe tinha como missão a preparação das celebrações dos 30 anos de presença da PJ na Arquidiocese.

Deve-se ressaltar que as tensões com outras expressões juvenis presentes na arquidiocese foram acentuadas. Esta geração, é a que convive diretamente com estes outros modelos de evangelização das juventudes. As gerações anteriores estavam numa posição confortável. Eram privilegiados no sentido de serem legitimados como os responsáveis pela evangelização de toda a juventude da Arquidiocese. Portanto, não havia cobranças e pressões destes setores que hoje são a maioria na Igreja. Na divisão da Arquidiocese a Pastoral da Juventude tinha representantes em todas as instâncias de coordenação. Isto foi questionado e as outras expressões passaram a reivindicar a sua presença nestes espaços. Em 2017 houve o lançamento do documento intitulado “Projeto Arquidiocesano de Evangelização da Juventude” com intuito de orientar o trabalho de Evangelização de todas as expressões juvenis e ser instrumento que congregasse todos os grupos.

Durante este período também houve substituição do arcebispo, com a renúncia de D. Geraldo, por completar os 75 anos de idade, e a posse de D. Airton José dos Santos²². D. Airton comunga da ideia de se organizar todas as expressões de evangelização das juventudes sob a mesma coordenação e estabeleceu um assessor religioso para atender a todos.

Esta geração também investiu na formação técnica dos jovens e preocupou-se em estender esta formação aos assessores nos seminários, nos cursos

²² D. Airton José dos Santos, 6º Arcebispo de Mariana, tomou posse em 23 de junho de 2018, tem se mostrado mais conservador. Centralizou a formação dos padres em Mariana.

arquidiocesanos e na Escola Arquidiocesana de Formação Integral. Durante este período enfrentou os desafios impostos pela pandemia e se reinventaram promovendo encontros virtuais com os grupos de base e coordenações. Destaque para a realização do Seminário Arquidiocesano no formato virtual.

Durante esta geração foi realizada a 13ª Assembleia Arquidiocesana da Pastoral da Juventude onde foi eleita a nova coordenação e foram discutidas questões relativas à Evangelização da Juventude no período pós pandemia.

Ponto em comum de todas as gerações é a atenção dada à organização e realização do Dia Nacional da Juventude²³, momento de reunir todos os grupos em torno de um tema e, em ritmo de festival, fazer uma grande festa com um caráter formativo acompanhado de um encerramento celebrativo.

A partir desta contextualização e de posse do material produzido ao longo do tempo pode-se refletir sobre a forma que cada geração trabalhou as Dimensões da Formação Integral, especialmente a Dimensão Sociopolítica. E, a partir disso, analisar de que forma estas dimensões puderam contribuir para a formação da identidade dos jovens pejeiros e as estratégias estabelecidas para se manterem frente ao avanço de temas conservadores.

Ao longo da história da PJ e confrontando com os temas norteadores dos eventos a serem realizados chama a atenção da necessidade desta pastoral de afirmar a sua identidade enquanto pastoral social. A Identidade é o que identifica, classifica para si e, principalmente para os outros, nas palavras de Appiah (2016): o rótulo. A PJ, portanto, se preocupa com um conjunto de signos que caracteriza o grupo e, principalmente o membro do grupo. Outra questão importante de se debater é a necessidade de manterem os grupos coesos despertando sentido de comunidade nos membros. Mainwaring (1989, p. 237) afirma que “esse sentido de comunidade é importante em termos humanos e potencialmente também a nível político”. No entanto, a PJ procura demonstrar que não é um grupo político embora se preocupa em debater temas relativos às políticas públicas, especialmente, da juventude.

Enfim, a Pastoral da Juventude se forma a partir das CEB's e, como elas, desenvolve um trabalho voltado para a evangelização a partir da conscientização do sujeito enquanto pertencente ao território e, portanto, responsável por ele. Este

²³ O DNJ é uma das três atividades permanentes da PJ e foi responsável por motivar os grupos do Brasil a discutir assuntos como Aids e Políticas Públicas para a Juventude, atualmente não é mais organizado pelas PJ's e traz um viés mais religioso para o evento.

método procura despertar o protagonismo juvenil e motiva a viver o reino de Deus a partir da luta por justiça social. Percebemos que a PJ passa por uma crise, assim como a Teologia da Libertação como um todo, causada pelas novas configurações e modos de viver em sociedade impostos pelo avanço do neoliberalismo.

CAPÍTULO 3

A PJ DA ARQUIDIOCESE DE MARIANA PÓS 2013

Entendendo a trajetória da Igreja Católica no Brasil e o processo de formação da Pastoral da Juventude como uma instituição dentro desta organização maior, passamos a analisar os principais desafios enfrentados pela Pastoral da Juventude no contexto do fortalecimento da extrema direita, no mundo e no Brasil, e das correntes carismáticas e conservadoras no interior da Igreja Católica e que tipo de reações e consequências esse movimento acarretou para a PJ. Pretendemos verificar as estratégias utilizadas pelos seus militantes através das atividades realizadas no âmbito arquidiocesano e paroquial. Sabemos da disputa de poder entre os grupos existentes na Igreja Católica e que estes grupos se organizam a fim de obter notoriedade e legitimidade na comunidade.

No contexto da evangelização juvenil vimos que esta disputa se intensificou a partir da adoção do Setor Juventude como o espaço para deliberação e discussão de assuntos relativos ao trabalho junto à juventude católica. Este movimento de abertura para a participação de representantes de outras expressões juvenis católicas soou como uma perda de prestígio para a Pastoral da Juventude, que se viu obrigada a dividir este espaço que anteriormente era ocupado somente por ela.

Vimos que na Igreja Católica, dependendo do contexto social e histórico, um ou outro grupo recebe maior atenção e apoio. A hierarquia procura sempre se ocupar com aqueles que trazem um certo retorno para a Igreja e este retorno é medido em números de fiéis que aderem ao que o grupo propõe. Neste sentido, na América Latina e, em especial no Brasil, vimos uma igreja conservadora flertar com o progressismo e voltar ao conservadorismo.

Este movimento contribuiu para que a Igreja Católica mantivesse o seu status na medida em que ao dar abertura para os grupos progressistas ela os agrega para o seu projeto. Há que se ter em mente que questões voltadas à moral e a seus dogmas são preciosas para a Igreja e por isso dificilmente veremos uma revolução progressista nestes temas. No entanto, há discursos e ações, como a abertura para a participação dos leigos na Igreja, a defesa dos Direitos Humanos, a promoção da justiça social que são avanços progressistas que merecem destaque.

Vimos no capítulo 1 que há diferentes tendências dentro da Igreja Católica e que cada uma delas abriga grupos diversos. No capítulo 2 recordamos que a PJ se

formou a partir das CEB's, portanto, está inserida, como todos os grupos da esquerda católica, na tendência Radical do catolicismo. Que a partir dos anos 1980 iniciou-se o um processo de perda de relevância dos grupos ligados à Teologia da Libertação e concomitantemente uma maior valorização de grupos conservadores e carismáticos. Há que se levar em consideração que essa perda de fiéis acontece num momento em que a Igreja Católica se afasta das periferias e abre espaço para que os evangélicos se aproximem com uma nova proposta. Para barrar o crescimento das Igrejas Evangélicas, em especial as pentecostais e neopentecostais a Igreja católica passa a investir nos grupos de oração da Renovação Carismática Católica que, em sua forma, difere pouco ou nada, dos grupos neopentecostais evangélicos.

No Brasil, a partir de 2013, com as jornadas de junho, a direita ganhou as ruas e começou um processo de articulação e ascensão. Processo esse sentido em todos os setores da sociedade e a religião não ficou imune a isso, inclusive, ela foi uma das garantidoras e proponentes de várias pautas conservadoras que ganharam as ruas e as redes com maior relevância a partir de então. O antipetismo ganha força e respinga nas pastorais e movimentos da esquerda católica, vistos como comunistas, politizados e braço do partido na Igreja Católica.

Na ICAR, a estratégia utilizada pela cúria romana com intuito de enfraquecer a teologia da Libertação começa a dar resultados, visto que as ferramentas pensadas para atingir este objetivo, como a formação dos seminários, a ordenação de bispos mais conservadores, as transferências de bispos mais progressistas, são colocadas em práticas em várias dioceses. A PJ começa, aos poucos, perder espaço na CNBB com o advento do Documento 85 e a legitimação da participação, neste local de tomada de decisões, das outras expressões de evangelização juvenis. Em 2013 acontece no Rio de Janeiro a JMJ – Jornada Mundial da Juventude – que demonstra a força da tendência modernizadora conservadora na Igreja Católica do Brasil.

Cunha (2013), em seu artigo que repercute a JMJ e a relação entre mídia, religião e política, descreve a passagem do Papa Francisco pelo Brasil, a cobertura midiática dos eventos que aconteceram durante o encontro e os protestos devido o gasto público investido para a realização da jornada, bem como a respeito das pautas conservadoras que a Igreja Católica defende. Sobre as diversas atividades que aconteceram naqueles dias ela afirma que nem tudo mereceu destaque na mídia e cita a Tenda das Juventudes que foi organizada por instituições e pastorais sociais da Igreja Católica como a Pastoral da Juventude, Cáritas Brasileira, Juventude

Franciscana, Comissão Brasileira de Justiça e Paz, Cajueiro - Centro de Formação, Assessoria e Pesquisa em Juventude, REJU – Rede Ecumênica da Juventude, Irmandade dos Mártires da Caminhada, Setor Pastoral da PUC/RJ, com a parceria do PNUD – Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento; da Superintendência de Juventude do Governo do RJ; da Secretaria Nacional de Juventude do Governo Federal; e da Rede Brasileira de Centros e Institutos de Juventude.

“Com o tema “A juventude quer viver”, a Tenda das Juventudes, ignorada pelas mídias, foi espaço de debate e reflexão da realidade juvenil e políticas públicas para a juventude e contou com mesas temáticas, celebrações e momentos de oração, exposições, apresentações culturais. Ali havia o espaço em memória dos mártires, denominado Santuário dos Mártires, local dentro da tenda para aprofundar e celebrar a memória de pessoas que perderam a vida por conta de uma pastoral socialmente engajada.” (Cunha, 2013)

Sobre este apagamento da mídia Rodrigues (2013) reflete que o evento demonstrou “a centralidade do modelo de igreja imposto pela organização do evento, e numa perspectiva mais ampla, pela mídia católica. Outros movimentos eclesiais não tiveram a mesma exposição que aqueles que reproduzem a espiritualidade ou o estereótipo da Renovação Carismática.” (Rodrigues, 2013, p. 265)

Isto deixa claro que a tendência adotada pela Igreja no Brasil e apresentada para o mundo, entendendo que na JMJ estavam presentes católicos do mundo inteiro, é a Modernizadora Conservadora.

Já na Arquidiocese de Mariana, recorte territorial escolhido para a realização desta pesquisa, a Pastoral da Juventude realiza, a partir de 2013, três seminários arquidiocesanos, sendo um deles on line, devido a Pandemia: (1) Em 2013, na cidade de Desterro do Melo com a temática: “Reafirmando nossa identidade, celebrando nossa história”; (2) em 2017, na cidade de Piranga, com a temática: “PJ Mariana 30 anos: Construindo um jeito jovem de ser igreja”, e (3) em 2021, na modalidade remota com a temática: “Sintonizados com os grupos de base”.

São realizadas, também, quatro assembleias: a X Assembleia Arquidiocesana, em 2014, que revê a estrutura e elege uma equipe executiva responsável por escutar os grupos de base e revitalizar a PJ na arquidiocese. A XI Assembleia, realizada em 2016, retornou à formatação anterior e procurou colocar em prática o que os grupos de jovens demandaram num período em que a PJ na Arquidiocese se desestruturou quase que completamente devido o não funcionamento da Equipe Executiva. Em 2019, na XII Assembleia, foi discutido o afastamento da chamada Equipe Central dos grupos de base, um velho problema volta à tona. Já em 2023 com a realização da XIII Assembleia foi debatida a necessidade de trabalhar temas que afetam diretamente a vida da juventude, de resgate à Espiritualidade

libertadora e a manutenção das atividades realizadas periodicamente. Nesta assembleia, também, verificou-se a necessidade de rever a nomenclatura da Coordenação e, neste sentido, ela deixou de ser nomeada como Equipe Central e adotou o termo Coordenação Arquidiocesana.

Em 2014 foi criada a Escola Arquidiocesana de Formação Integral da Pastoral da Juventude (EAFIN) na tentativa de recrutar e capacitar novas lideranças juvenis para as paróquias da arquidiocese mantendo a identidade da Pastoral da Juventude. Percebe-se que, para além da formação de lideranças juvenis, são realizadas várias atividades como estratégias na tentativa de manter a PJ ativa e com prestígio no território arquidiocesano. Isto se deve ao fato de que a partir de 2016 a pressão para que se organizasse o Setor Juventude na Arquidiocese, aos moldes que acontece no Brasil, aumentou. Foi elaborado um documento chamado Projeto Arquidiocesano de Evangelização da Juventude que seria um norteador para os trabalhos desenvolvidos por todos os grupos, de todas as tendências, no território arquidiocesano. Foi o primeiro passo para a tentativa de organização do Setor Juventude da Arquidiocese, hoje chamado de Pastoral Juvenil.

Percebemos na análise dos documentos da PJ Mariana que houve uma significativa mudança de abordagem e na apresentação dos temas trabalhados nos encontros realizados. As primeiras gerações deixavam explícito que se tratava de formações para o exercício da cidadania através da política, como observado nas figuras 1 e 2, que trazem fotos das capas de materiais produzidos pela Pastoral da Juventude para utilização nos grupos de base e foto de uma reportagem sobre um Seminário ocorrido na cidade de Ponte Nova em 2002. Com o passar dos tempos a Pastoral da Juventude passou a estampar em seus materiais de divulgação uma passagem bíblica e os temas são mais ligados ao aspecto da própria pastoral como demonstrado nas figuras 3, 4, 5 e 6, que traz material de divulgação dos eventos acontecidos pós 2013.

Faz-se necessário perceber que esta mudança de apresentação dos materiais atende às mudanças que vêm acontecendo na Igreja do Brasil e que se reflete na Arquidiocese de Mariana. Podemos inferir que ao motivar a reflexão de temas que suscitem debate sobre um projeto de sociedade a partir de passagens bíblicas pode impactar positivamente para a imagem da PJ. A esta altura já existem embates entre os grupos carismáticos e pastorais. E a PJ, ao fazer este movimento, está se apresentando como um grupo que, ao contrário do que é acusada, não está envolvida

somente com questões políticas. Demonstra, nestas imagens de divulgação, que é um grupo religioso, que reza e é orientado pela Palavra de Deus.

Observemos as ilustrações:



Figura 01 – Material de estudo elaborado pela PJ da Arquidiocese de Mariana, década de 90



Figura 02 – Reportagem a respeito do Seminário Arquidiocesano da PJ realizado em Ponte Nova/ MG no ano de 2002.



Figura 03 – Divulgação do Seminário acontecido em 2013. Tema das Oficinas não faz menção direta ao trabalho com Política.



Figura 04 – Divulgação do Seminário acontecido em 2017, trazendo uma passagem bíblica.



Foto 5 – Divulgação de Assembleia realizada em 2019 trazendo passagem bíblica.



Foto 6 – Divulgação do CAL realizado em 2023 trazendo passagem bíblica

Com estas imagens observamos esta mudança na divulgação e apresentação do que seria o enfoque do encontro. No entanto, faz-se necessário ouvir os atores que protagonizaram este processo para procurarmos identificar a percepção deles a respeito do grupo o qual fazem parte. Estes entrevistados são a elite da Pastoral da Juventude na Arquidiocese de Mariana. São jovens e adultos, homens e mulheres que ocuparam cargos de coordenação, Secretaria, Articulação e assessoria na Coordenação Arquidiocesana da PJ. Para identificar cada uma destas funções observamos que a Coordenação Arquidiocesana é composta por coordenadores, representando a região pastoral, secretário, que é uma espécie de coordenador geral, responsável pelas atas, relatório e convocação de reuniões, o articulador, que tem o papel de fazer a ponte entre a PJ e as demais pastorais e organizações, tanto da arquidiocese quanto de outras instâncias a exemplo do regional leste 2 da CNBB, e o assessor, que acompanha os jovens nessa coordenação procurando orientar e provocar reflexões a respeito de variados assuntos que venham a surgir no coletivo.

Neste sentido, procuramos entrevistar militantes das 3 gerações de pejoteiros identificadas na arquidiocese. Considerando a memória como um fenômeno coletivo que guarda fatos relevantes para o grupo social (cf. Halbwachs, 2006) julgamos necessário ouvir aqueles e aquelas que se fizeram presentes durante o processo de formação e efetivação da PJ na Arquidiocese de Mariana, bem como aqueles que

ainda estão à frente dela, a fim de entender esta jornada e perceber as mudanças ocorridas no interior deste coletivo de jovens católicos. Este foi o principal objetivo das entrevistas realizadas, além de, com elas, confrontar os materiais disponibilizados pela Arquidiocese para se ter um resultado fidedigno da questão ora posta, ou seja, analisar os principais desafios enfrentados pela Pastoral da Juventude no contexto do fortalecimento da extrema direita, no mundo e no Brasil, e das correntes carismáticas e conservadoras no interior da Igreja Católica e que tipo de reações e consequências esse movimento acarretou para a PJ.

Para atingir este objetivo foram realizadas 11 entrevistas sendo: 10 individuais e 1 coletiva com a participação de 3 jovens. 2 foram realizadas presencialmente durante a realização da 13ª Assembleia Arquidiocesana da Pastoral da Juventude ocorrida em 2023 na cidade de Ponte Nova/MG. 9 entrevistas foram realizadas utilizando a plataforma Google Meet, devido a distância e o serviço do pesquisador, que não recebeu Bolsa para a referida pesquisa, e os empecilhos apresentados pelos entrevistados que moram em locais distantes e dispersos pela Arquidiocese de Mariana, e até mesmo fora do território dela. De modo geral, as entrevistas remotas não apresentaram intercorrências oriundas de problemas técnicos, o que fez com que a conversa fluísse bem. Com relação às entrevistas feitas presencialmente elas foram realizadas durante o intervalo, entre uma atividade e outra, da Assembleia e em ambas transcorreu tudo bem. Todos os entrevistados se mostraram dispostos a conversar, com uma ou outra demonstração de receio, principalmente ao se tratar da hierarquia. Um entrevistado sentiu necessidade de complementar uma das respostas enviando novas informações pelo aplicativo de mensagens WhatsApp. Todos assinaram o Termo de Compromisso Livre e Esclarecido, cientes que estavam sendo gravados e que seria mantido o anonimato.

Quanto às gerações, identificadas no capítulo 2: (a) 2 entrevistados participaram da 1ª geração, (b) 3 da 2ª geração e (c) 10 da 3ª geração. Procuramos respeitar a paridade de gênero e, por isso, entrevistamos 6 homens e 7 mulheres. Vamos nomeá-los da seguinte forma: Ester, 31 anos, participou da 3ª geração; Eva, 47 anos, participou da 2ª geração; José, 34 anos, participou da 3ª geração; João, 32 anos, participou da 3ª geração; Felipe, 27 anos, participou da 3ª geração; Pedro, 63 anos, participou da 1ª geração; Paulo, 40 anos, participou da 2ª geração; André, 28 anos, participou da 3ª geração; Maria, 37 anos, participou da 2ª geração; Madalena, 57 anos, participou da 1ª geração; Isabel, 20 anos, participou da 3ª geração; Ana, 20

anos, participou da 3ª geração; Verônica, 18 anos, participou da 3ª geração. Vale salientar que para definir em qual geração cada um pertencia foi levado em consideração o tempo de maior atividade na Coordenação Arquidiocesana, visto que alguns transitam pelas gerações mantendo contato em Curso, palestras, seminários, assembleias ou mesmo ajudando na articulação em sua paróquia.

Salienta-se que de todos os entrevistados somente um não reside mais na Arquidiocese de Mariana, os demais mantêm residência nas seguintes cidades e Regiões Pastorais: (1) Região Mariana Sul: Alto Rio Doce, Barbacena e Carandaí; (2) Região Mariana Oeste: Ouro Branco e Conselheiro Lafaiete; (3) Região Mariana Leste: Sericita, Ponte Nova e Santo Antônio do Gramma; (4) Região Mariana Norte: Ouro Preto. Não conseguimos entrevistar nenhuma liderança oriunda da Região Mariana Centro.

As entrevistas foram norteadas por um roteiro semiestruturado dividido em 3 blocos: (1) Perfil, relacionado à idade, estado civil, cor, cidade, relacionamento familiar, escolaridade dos pais e ocupação dos pais; (2) Trabalho e Educação, que versava sobre a jornada educacional e profissional do entrevistado e (3) Atuação política e pastoral que busca traçar a trajetória do entrevistado na Igreja Católica, sua atuação na Pastoral da Juventude e o interesse e participação em questões políticas.

Sobre o perfil dos entrevistados, destaca-se que perguntados sobre a cor/ raça que se identificam, de acordo com o padrão utilizado pelo IBGE, 04 se declaram pardos, 03 se declaram pretos e 06 se declaram brancos. Quanto a escolaridade: (a) 10 possuem superior completo, sendo que destes, 01 possui Especialização em nível de Pós Graduação *Lato Sensu*, 02 possuem Mestrado e 01 Doutorado; (b) 02 estão cursando Curso Superior e 01 concluiu o Ensino Médio e está aguardando o resultado do SISU.²⁴ Todos cursaram a Educação Básica em Escola Pública porém, com relação ao Curso Superior, somente 04 frequentaram universidades públicas. Com relação à educação dos pais: (a) 05 afirmam que o pai possui o Fundamental Completo, 05 o Fundamental Incompleto e 03 o Ensino Médio completo; (b) 01 afirma que a mãe não tem Instrução formal, em suas palavras: “minha mãe não teve nada, não aprendeu nada, só a vida mesmo, muita sabedoria da vida. Não, não estudou, nunca frequentou a escola.” (Pedro, 2023); 05 relatam que a mãe possui Fundamental

²⁴ Sistema de Seleção Unificada. Sistema do MEC por onde são geridas as vagas ofertadas pelos Institutos e Universidades Federais.

Incompleto; 03 que possui o Fundamental Completo; 02 que concluiu o Ensino Médio e 02 que possui Superior Completo.

Interessante observar que diante da pergunta sobre desde quando possuem prática religiosa regular, 12 se declaram católicos desde o nascimento, com prática regular no catolicismo desde pequeno, sendo esta uma tradição é familiar e 01 afirma ter passagem pela Igreja Evangélica, José afirma que

“Para ser sincero, (tem prática religiosa) desde os meus 6 anos de idade. Mas eu tracei um percurso assim, bem diferente nisso. Eu já passei pelo. É, eu já fui evangélico e depois acredito que. meus, que dos meus 6 até por volta dos 12, 13 anos, depois que eu me encontrei na religião católica e permaneço até hoje.” (José, 2023)

Perguntado sobre quem o motivou à conversão ao catolicismo ele afirma ter sido a avó. Sobre o engajamento na paróquia e comunidade, 12 declaram que o maior envolvimento eclesial se deu a partir do contato com os Grupos de Base da Pastoral da Juventude.

A PJ se propõe a ser um espaço em que o Jovem evangeliza outro jovem (cf. Silva e Vieira, 2012) no entanto, 12 dos entrevistados conheceram a PJ através de padres, seminaristas, amigos ou familiares que faziam parte de algum grupo, mas já num contexto de batizados e com prática regular da religião. Quanto à inserção e envolvimento com a Pastoral da Juventude observamos como a presença e o convite de outros jovens foram fundamentais para esta adesão.

Pedro, porém, conheceu através dos livros do Padre Jorge Boran²⁵ que ele lia durante o tempo em que esteve no seminário

“(…) mas eu comecei a conhecer através dos livros que o Padre Jorge Boran mais de um livro, dois. Ler sobre a Pastoral da Juventude, comecei a ler sobre pastoral. Eu quando fui para teologia, comecei a ler tudo o que não era lido no seminário, sobre Medellín, sobre Puebla, sobre Pastoral Operária, Pastoral da Juventude, é Comunidades Eclesiais de Base, para comecei a ler essas coisas e a Pastoral da Juventude me chamou muita atenção.” (Pedro, 2024)

Pedro esteve no Seminário nos anos 1980 e o Seminário de Mariana, apesar da postura conservadora, não proibia a leitura de livros atribuídos à Teologia da Libertação. Pedro foi sacerdote do Clero de Mariana.

Todos os entrevistados têm passagem por diversas instâncias da Pastoral da Juventude, desde coordenação de grupos de base até a coordenação arquidiocesana,

²⁵ Sacerdote da Congregação dos Padres do Espírito Santo. Fundador e presidente do Centro de capacitação da Juventude – CCJ. Assessor Nacional do Setor Juventude da CNBB no período de 1983 – 1990. Escritor, dentre seus livros destaca-se: “O senso crítico e o método ver, julgar e agir” (1975, 1977); “Juventude o grande desafio” (1982); “O futuro tem nome: Juventude” (2003); “Os desafios pastorais de uma nova era” (2004); e vários outros com foco em formação de lideranças juvenis.

e, com exceção de Ester, todos assumiram funções e serviços intraeclesial, seja na Arquidiocese, no Regional Leste 2 da CNBB ou na PJ Nacional. Entendemos estes trabalhos na perspectiva da manutenção da Pastoral da Juventude, organizando eventos, proferindo palestras, assessorando encontros ou promovendo formações. Ester, para além da atuação eclesial fez parte do Conselho Estadual da Juventude do Estado de Minas Gerais – CEJUVE, como representante da PJ. Devido sua inserção num ambiente político concomitante à sua atuação ativa na PJ, por vezes suas falas são destacadas.

O CEJUVE mantém em sua organização representantes de diferentes coletivos, associações e instituições que desenvolvem algum trabalho com e/ou para a juventude e a Pastoral da Juventude tem uma cadeira representando a CNBB. Sobre o CEJUVE ela afirma:

“é um espaço, (...), deliberativo que a gente discute ações e projetos para a juventude juntamente com o governo estadual né e é um grande desafio às vezes porque pra gente conseguir, é a gente sofreu é no ultimo governo, no último mandato do Zema, por exemplo, a gente sofreu muito com isso, sofreu alguns golpes, alguns é, boicotes lá pra juventude e a gente tem que lidar com isso porque tem a juventude né, digamos assim, mais partidária né que é mais, que são, o é os que são mais é ... estão lá representando o governo né e tem os que a gente chama de sociedade civil que é esse pessoal é, tipo, a pastoral da juventude ou as entidades, o CEBI, enfim, o outros, e aí esses são mais, as vezes, é, lutam ali, tem um conflito ali, de ideais né, daí um quer defender a pauta do governo e os outros, meio que oposição assim, defendendo mais a juventude mesmo.” (Ester, 2023)

Perguntada sobre a posição da Pastoral da Juventude frente a questões caras à doutrina e à moral católica como, o aborto, a união homoafetiva, que por ventura surja na pauta do CEJUVE, a entrevistada disse que

“A PJ sempre é a favor dessas pessoas né, que a gente chama que são a parte excluída assim, tanto do governo quanto da igreja, então a Pastoral da Juventude ela se posiciona, é sempre a favor do direito da juventude, no caso, por exemplo, do aborto, que as vezes é muito polêmico né, a gente tá sempre em defesa da vida, seja a vida qual for, então assim, é defesa do feto né, ali, mas também da mulher, ver qual que é o direito, é qual a vida, se a vida dela também importa, então assim, a gente tá sempre do lado dessas pessoas que são, é, as vezes, tão assim, não estão, a sociedade não aceita elas né, estão contra elas, enfim, são as excluídas da sociedade, então, a Pastoral da Juventude sempre preza para esses, para esse pessoal assim, dessa, com um olhar mais humano mais cristão, digamos.” (Ester, 2023)

Embora Ester não nomeie as pessoas LGBTQIAPN+, percebemos um posicionamento crítico a partir da realidade que se impõe, tal qual apregoava o Cristianismo da Libertação e que pretendia ser o mote e o objetivo das Comunidades Eclesiais de Base, que nos permite inferir que os grupos da Pastoral da Juventude continuam a suscitar estes debates à luz dos sinais do tempo e dos documentos da

Igreja, uma vez que, ao considerar o mal menor, no caso do aborto, conclama a um dos pontos da Doutrina Social da Igreja, o da Dignidade da Pessoa Humana.

A respeito das pautas morais, verificamos que uma preocupação da Pastoral da Juventude era o trabalho sobre Afetividade e Sexualidade e a tentativa de acolher os excluídos, os que buscavam refúgio no grupo de jovens. E neste ponto também observamos uma tentativa de deixar subentendida a temática: se os cursos de formação e os seminários promovidos pela Pastoral da Juventude nas primeiras gerações traziam explícito o trabalho com Afetividade e Sexualidade, a partir da 3ª geração vem sendo apresentado de maneira implícita como “Tecendo Relações”. Azevedo (2003) aponta que

“A Igreja continua, por outra parte, a vivenciar, internamente, um déficit democrático, sobretudo com relação à livre investigação teológica, à situação das mulheres, à obrigação do celibato dos padres e a uma moral sexual que muitos consideram ultrapassada.” (Azevedo, 2003, p. 65)

Sabemos que o trabalho de Afetividade e Sexualidade, juntamente com a espiritualidade, é, de certa forma, difícil de ser trabalhado numa instituição que prega o acolhimento e o amor ao próximo, mas ao mesmo tempo exclui e silencia estas pessoas devido à dificuldade de transpor as barreiras da moral católica. A este respeito Madalena, ao se referir ao termo juventudes, diz que ele é usado erroneamente ao se referir às diversas expressões juvenis. Segundo ela as juventudes são representadas pela raça, etnia, classe social, orientação sexual e não pela maneira que expressa sua fé, porque, não importa a maneira, são todos jovens católicos. Ela faz a seguinte reflexão que demonstra a dificuldade da igreja em trabalhar aspectos referentes à Afetividade e Sexualidade:

“(...) outro dia eu estava fazendo essa reflexão. O lugar que a gente mais vê o pessoal, LGBTQI é na igreja e no campo da política. Como tem lá dentro da assembleia, nos espaços, porque são 2 lugares que tem que ter aceitação. No campo da política, porque a gente faz defesas, ou não de políticas públicas e aí as pessoas se sentem acolhidas e elas acabam abraçando e também a luta as empurra para isso. E na igreja, porque na igreja a gente finge que não os vê e eles fingem que têm um espaço que são aceitos. A gente não fala do assunto e quem está com medo se sente acolhido ali.” (Madalena, 2024)

Percebe-se que existe uma preocupação com a pauta, no entanto, Madalena deixa explícito que o assunto não é tocado na Igreja, que finge que não existe este desafio. Recentemente o Papa Francisco vem sofrendo perseguições públicas por grupos conservadores devido a publicação do documento “*Fiducia supplicans*” que, dentre diversos temas, aborda a questão da bênção a casais que estão irregulares de acordo com a doutrina da Igreja, incluindo os homoafetivos. Estes ataques evidenciam

o que Madalena disse sobre a negativa da igreja em acolher e debater o assunto e aponta para o motivo pelo qual Ester não menciona a sigla LGBTQIAPN+, substituindo por “essas pessoas”. Mesmo estando num grupo de caráter progressista, se considerando progressista, a ética católica que é orientada pelo conservadorismo molda os fiéis e estes buscam palavras para amenizar o discurso e não confrontar diretamente a hierarquia.

Ainda sobre a participação e atuação na Pastoral da Juventude Ester afirma ser referencial para a Campanha Nacional contra o Ciclo de Violência contra a Mulher, encampada pela Pastoral da Juventude no Brasil. Sobre esta campanha ela esclarece que surgiu durante uma Ampliada Nacional da Pastoral da Juventude, por volta de 2018, quando algumas jovens perceberam e levantaram o debate sobre a necessidade de se tratar sobre a violência contra as mulheres nos grupos de base. Esta campanha vem na esteira de uma outra que tratava da Violência e Extermínio de Jovens. A nova campanha surge para suscitar o debate sobre as violências diversas que a mulher sofre na sociedade, desde as simbólicas até as físicas. A realização destas campanhas é a concretização da dinamização da Dimensão Sociopolítica da Pastoral da Juventude, como reza o manual *Somos Igreja Jovem*.

3.1 - O ENCONTRO DE GERAÇÕES NA PJ MARIANA

Os entrevistados discorreram sobre a diferença entre o papel do coordenador e do assessor nos grupos da Pastoral da Juventude. Todos têm a mesma percepção de que o coordenador é um jovem que exerce o papel de liderança e referência do grupo, que protagoniza as ações, desenvolve e propõe trabalhos junto aos outros jovens e que o assessor é aquele que acompanha os processos, apoia, faz questionamentos, orienta e motiva o protagonismo juvenil.

A partir destas respostas, foi perguntado se esta definição está na teoria ou acontece na prática e Eva afirmou que devido a pandemia o acompanhamento ficou mais na parte metodológica, pois não aconteceu contato com os grupos devido a não realização de encontros. Já Ester afirmou que acontece mais na Teoria, que existem assessores bons, mas que muitos não compreendem o seu papel e acabam por invadir o espaço do jovem, que no caso seria o coordenador, e por isto ela acredita que fica mais na teoria. Mannheim (1982) aponta sobre a dificuldade nesta convivência entre pessoas de idades diferentes uma vez que os que já tem um tempo

maior de vivência tende a não aceitar a novidade e há a quebra do quadro de referências, da mesma forma que os mais novos têm a dificuldade em assimilar o que já está posto causando este conflito.

Sobre esta diferença de gerações e o trabalho pastoral ao longo do tempo os entrevistados percebem que a forma da PJ atuar mudou. Nesta pergunta houve algumas divergências de opiniões. Ester aponta que

“nas décadas de 90, meados de 2000, era um engajamento político, social, assim, maior. Agora o jovem tem como questões mais pessoais, mais particulares, mais do âmbito psicológico” (Ester, 2023)

Mesma percepção que Verônica tem a partir de estudos de documentos sobre a própria pastoral, que a mesma vem realizando devido a função que desempenha dentro da Coordenação Arquidiocesana. Ela aponta que está atuando na frente de nucleação, responsável por formar novos grupos e devido este trabalho ela precisou estudar

“(...) para entender a história da Pastoral da Juventude para conseguir levar a pastoral para grupos que precisam ser nucleados, e eu tenho percebido que, não que deixou de ser, mas que antigamente, como o caráter da sociedade, era um caráter social, era um caráter pastoral, que era um caráter que você realmente pensava nas outras pessoas, é essa identidade da PJ era ainda mais forte. Mas agora, principalmente num mundo que a gente tá vivendo, o qual eu percebo que talvez seja um mundo muito individualista, talvez isso tenha mudado, né, e não que a Pastoral da Juventude deixou de perder o caráter social, de maneira alguma, né, mas que isso vem diminuindo e acaba afetando a identidade pastoral.” (Verônica, 2024)

João aponta que estas mudanças aconteceram devido a modernização, são tempos diferentes e dinâmicas diferentes e é natural que acontecesse esta mudança porque o modo de se relacionar também foi alterado.

“Ah, sim, sim, muita diferença é a questão do da, da modernização também, né, com o passar dos anos também está mudando a forma com que os jovens vão se reunindo é, antigamente era meio que, é, o jovem gostava mais de ir pro grupo de jovens, era uma coisa diferente pro, pro jovem. Como não tinha tecnologia, não tinha celular é, não tinha essas coisas, muitas vezes por os jovens estudarem em escolas diferentes, a reunião do grupo de jovens era aquele momento que todos os jovens tinham para se encontrar, é isso era prioridade. Hoje, não com a questão da tecnologia, com o celular, eu posso hoje estar conversando com a pessoa é, praticamente o dia inteiro, então, isso que meio que enfraqueceu a questão dos grupos de base, porque antigamente era uma, era uma reunião mesmo, tipo assim, era um momento de lazer do jovem, de ele saber que ele poderia encontrar com, com um amigo dele que por circunstâncias da vida, na semana, ele não tinha tanto contato.” (João, 2023)

Percebemos, nestas respostas, visões diferentes a respeito do grupo de base e a sua função em relação ao jovem. Ester e Verônica apontam que as mudanças aconteceram e demonstram a preocupação na forma de abordagem e do caráter social do grupo. Demonstram que houve um esvaziamento de pautas ligadas à

Dimensão Sociopolítica, com Verônica apontando inclusive que a identidade da PJ era mais forte naquela época. João entende o grupo como espaço de lazer, de socialização, um caráter comunitário do grupo afetado pelas novas formas de se relacionar num mundo cada vez mais dependente das tecnologias.

As tecnologias também permearam a resposta de Ana ao dizer que

“Antes a gente via que os jovens não tinham medo de ir para a rua e lutar pelo que eles acreditavam. Hoje em dia a gente tem muito disso, é, no ser julgado e eu acho que as redes sociais, de certa forma, têm influenciado muito pra isso, porque muita coisa que as pessoas não têm coragem de falar na cara, e que antigamente falava, elas fazem ataques por trás de perfis, muitas vezes falsos. Então, de certa forma, isso vai enfraquecendo um pouco, a gente vai deixando um pouco desacreditado, inseguro. Então, vejo que a nossa maior dificuldade está sendo essa, de adaptar a essa nova realidade que a gente vive.” (Ana, 2024)

Evidenciando o que já discutimos a respeito das Redes Sociais como um espaço importante por dar voz a tantas pessoas que muitas vezes não tinham oportunidade de se expressar, mas que, paradoxalmente, também é um local muitas vezes tóxico, onde muitas pessoas se sentem juízes da história e estão prontos a sentenciar e apontar os erros, principalmente daqueles com quem não concordam e, muitas vezes, fazem isto escondidos em perfis falsos. (cf. Mercuri e Lima-Lopes, 2020)

Ainda sobre esta diferença do trabalho pastoral ao longo do tempo Maria aponta a organização como a principal mudança e que, isto acarreta um enfraquecimento da Pastoral da Juventude. Segundo ela esta diferença é

“Muito nítido (...). Consigo perceber é, eu acho que a pandemia ela intensificou, mas ela, ela não foi o X da questão. Eu percebo que a Pastoral da Juventude vem num movimento descendente assim, sabe, é, eu acho que a gente está num momento de queda, tanto da organização mesmo, por exemplo, na minha paróquia, chegou a ter 4 grupos, com bastante expressão de jovens, tipo, digamos aí, cada grupo tinha aí 20 pessoas. Hoje nós temos 2 grupos de jovens que têm em média umas 5 pessoas. Nem são apenas 2 grupos e com não mais com aquelas reuniões certinho, né? Todo domingo, 18 horas na igreja, não, então ele já reúne mais de forma mais esporádica e uma presença menos incisiva na vida da comunidade. Se antes, né, durante, durante muitos anos que, não era só do grupo que eu participei do grupo anterior também tinha essa participação mais próxima da, da vida da comunidade mesmo, promovendo ações, promovendo formações é, contribuindo na, na, na organização da própria comunidade. Eu acho que é o momento em que eu vejo menor incidência dos jovens na igreja, que na vida da comunidade, onde é que eu tô né. E a gente percebe, também, que a Pastoral da Juventude, é, na arquidiocese de Mariana tem perdido um pouco de espaço. E aí, talvez isso não, não seja que ela está perdendo espaço, seja um reflexo de como que ela está se organizando. (...)Se a base está desarticulada dificilmente você vai ter as outras instâncias. bem coesas, né?” (Maria, 2024)

Madalena faz uma análise sobre esta questão atribuindo à mudança da sociedade e às escolhas feitas no passado como reflexo direto na questão da organização e da

incidência e relação dos grupos de base entre si, que era a responsável por manter a Pastoral da Juventude ativa e articulada na arquidiocese.

Em suas falas, Madalena relata que quando era coordenadora e, posteriormente assessora, da Pastoral da Juventude na Arquidiocese de Mariana, nos anos 1990, a coordenação realizava 05 cursos anuais, além de motivar a realização da Semana da Cidadania nas paróquias, a promoção do mês jovem, no mês de julho com diferentes temas para serem abordados, e a realização do Dia Nacional da Juventude. Estas atividades, segundo ela, mantinham as coordenações, tanto arquidiocesana quanto regionais, ativas e os grupos animados por saberem que, pelo menos a cada dois meses haveria alguma atividade em conjunto. No entanto, foi preciso mudar a dinâmica e nesta mudança os cinco cursos anuais foram incorporados num maior, chamado de Seminário, a sua realização deixou de ser anual e passou a ser realizada a cada 3 anos, intercalando com a realização da Assembleia e do Dia Nacional da Juventude, que também deixou de ser anual. Neste sentido, Madalena aponta que

“É, eu acho que a gente toma determinados caminhos e depois a gente vê os reflexos, né? (...) Eu acho que as mudanças vão acontecendo, porque as mudanças na igreja e na sociedade a gente é fruto da sociedade. Você vê, eu durante todo o meu período de formação acadêmica eu estive em coordenação da PJ, e dava conta. Hoje em dia os jovens são tão absorvidos pela questão da, da educação mudou, a carga horária, a cobrança em cima da Juventude é muito maior. (...) Então, eu percebo assim, os meninos já não davam mais conta de fazer essa quantidade de coisas que a gente fazia e aí foram tomadas algumas decisões, por exemplo, DNJ passou a acontecer de 3 em 3 anos, um ano é assembleia, um ano é seminário, um ano é o DNJ. Só que isso distanciou a base, eu sinto que houve um esfriamento porque aquele agito que a gente fazia isso fazia com que o grupo jovem quisesse ir, motivava e aí deu uma esfriada. (...) A questão financeira também parece que pega mais. Só sei que a gente foi tendo que fazer algumas mudanças e essas mudanças foi dando uma esfriada. E para quem estava na coordenação não percebe, mas foi dando meio que uma relaxada, agora eu só tenho que pensar daqui tantos meses, né? Eu acho que deu uma, vamos respirar. Eu acho que a gente respirou um pouco demais, e aí deu essa relaxada na galera.” (Madalena, 2024)

Madalena continua sua reflexão e aponta também que

“A (...)teologia da libertação deu uma queda, o conservadorismo avançou na diocese, os movimentos, Renovação explodiu, mais ou menos por aí. E tudo isso veio é, fazendo com que as pastorais, e aí não é só a da Juventude, todas as pastorais deu essa queda, né?” (Madalena, 2024)

Vimos que a percepção desta diferença no trabalho e abordagem da Pastoral da Juventude ao longo do tempo se deu a respeito da forma e do conteúdo. A forma como a pastoral se organiza, como se promove as atividades e como as relações humanas se constroem com as novas tecnologias e o conteúdo trabalhado nos

encontros e as ações resultantes deste trabalho. Pedro indica que isto se deve à mudança de teologia e de metodologia. Diz ele

“A questão da teologia e mesmo a metodologia, eu não vejo, eu não vejo o pessoal fazer, é, ouvir. A questão do julgar ela fica deficiente porque a visão da teologia, visão bíblica, está ficando muito difícil, o pessoal está fazendo uma visão, uma leitura bíblica que não está no contexto de libertação, não, não faz isso, então, para mim, isso é deficiente, é uma deficiência. Você lê o evangelho só numa dimensão religiosa, espiritual, mais particular, tem seu valor, mas eu acho que é limitado. E a questão da metodologia, então, está levando a um a um, a um olhar para dentro da igreja. Tá muito parecido com os movimentos mesmo.” (Pedro, 2024)

A partir do que foi dito por Pedro, inferimos que a questão teológica, personificada na falta da leitura específica da Bíblia a partir da realidade dos jovens, causa uma deficiência no Julgar, do método *ver – julgar – agir*, que reflete na ação e inserção do grupo na comunidade. Esta deficiência é causada e, ao mesmo tempo, incide na metodologia do grupo que ocasiona a uma organização e um olhar intraeclesial. Neste sentido, a percepção de Verônica de que antigamente a “identidade da PJ era ainda mais forte” é evidenciada pelo fato de que, com este olhar mais eclesial, ignorando a realidade em que o jovem está inserido, de acordo com Pedro, faz com que a Pastoral da Juventude se confunda com os movimentos, que tem uma organização e metodologia diferentes do que é proposto pela PJ em seus documentos. Pode-se afirmar que, de certa forma, há uma perda da identidade pastoral.

Até aqui repercutimos sobre as diferenças que os entrevistados percebem com relação ao trabalho desenvolvido pela Pastoral da Juventude na Arquidiocese de Mariana. No entanto, esta não é a visão de Felipe. Segundo Felipe a linha de trabalho da Pastoral da Juventude não mudou e isto pode ser um problema porque a forma de fazer pastoral hoje mudou, principalmente após a pandemia, e se a PJ não se adequar ela vai perder cada vez mais espaço e não vai conseguir desempenhar o papel a que se propõe. Felipe diz

“Eu vejo assim, a linha de trabalho não mudou e talvez isso seja um problema, porque devesse ter mudado, ou talvez estamos agora, estamos caindo a ficha para fazer essa mudança. (...) Hoje o fazer pastoral é um pouco diferente do que era, e não é do que era 10 anos, é do que era há 5 anos atrás, há 3 anos, 4 anos atrás. Então assim, se a Pastoral da Juventude não entender essa mudança de tempo, essa mudança de época, vamos dizer assim., ela vai se perdendo e vai se desgastando, vamos dizer assim, vai perdendo, como diz, não vai conseguindo levar sua mensagem.” (Felipe, 2024)

Nesta mesma direção, André completa que “Negar que a gente tem que se atualizar é loucura, né?” (André, 2024). Ele se refere principalmente ao uso consciente das Redes Sociais como espaço onde os jovens estão e que precisam ser evangelizados.

Com relação a esta diferença de abordagem e de trabalho da PJ percebemos que as visões são múltiplas e que cada entrevistado dá ênfase àquilo que considera como importante para a manutenção da Pastoral da Juventude como tal. Os entrevistados levam em consideração aquilo que entendem como o objetivo principal da PJ, seja a conscientização sociopolítica, seja o grupo como espaço de socialização ou como promotor de evangelização da juventude.

Nesta pesquisa iremos focar no conteúdo trabalhado a fim de identificar se houve mudança significativa na abordagem da Dimensão Sociopolítica. Neste sentido perguntamos as principais atividades e temáticas trabalhadas, tanto no grupo de base quanto na arquidiocese. Para facilitar nosso entendimento fizemos esta tabela a partir das respostas dos entrevistados, destacando as principais atividades desenvolvidas e as temáticas trabalhadas.

Entrevistado (a)	Geração	Principais Atividades	Principais Temáticas
Madalena	1 ^a	Jovens na CF ²⁶ , Semana da Cidadania, Mês jovem, DNJ, Cursos de Formação.	Cinco Dimensões da PJ; Afetividade e Sexualidade, Conscientização Política.
Pedro	1 ^a	Articulação da Pastoral da Juventude e desta com demais pastorais da diocese, Assembleias, Encontros de formação.	Afetividade e Sexualidade, Política, Espiritualidade.
Maria	2 ^a	Ciclos/ Projetos de formação, Semana Santa, DNJ, Seminários, Assembleias.	Formação Integral, (Cinco Dimensões da PJ), Documentos da Igreja (Laudato Si, Documento 85)
Paulo	2 ^a	Seminários, Campanha Contra a Violência, DNJ,	Protagonismo Juvenil, liderança, Cinco Dimensões, Organização.

²⁶ Jovens na CF é um material de estudos, produzido pela CNBB, contendo roteiro de encontros de jovens com objetivo de refletir o tema trabalhado na Campanha da Fraternidade.

		Assembleias, Cursos de Formação.	
Eva	2 ^a	Cursos de Formação continuada, Seminários, Acompanhamento aos grupos e coordenadores, produção de materiais.	Dimensões da formação integral.
Ester	2 ^a	EAFIN, Seminários, Assembleias	Dimensões da formação integral, Identidade.
André	3 ^a	Formação, Campanhas, Seminários, Encontros.	Formação Integral (Cinco dimensões), Campanha contra os Ciclos de Violência contra as mulheres, novas masculinidades, machismo.
José	3 ^a	DNJ, Seminários, Assembleias, Nucleação	Temas atuais, temas bíblicos (dependia do momento e da situação)
João	3 ^a	DNJ, Seminários, Assembleias.	Temas variados.
Felipe	3 ^a	Assembleia, EAFIN ²⁷ , Seminários.	Formação Integral (Cinco Dimensões), Vida da Juventude, Violência contra o jovem, contra a mulher, Política.
Isabel	3 ^a	Retiros, Adorações, Liturgia, Novenas, Encontros de formação, DNJ, Seminários,	Temas religiosos, meses temáticos (ex. janeiro branco), Espiritualidade pastoral.

²⁷ Escola Arquidiocesana de Formação Integral é o conjunto de 5 encontros que trabalham as cinco dimensões da formação integral da PJ.

		EAFIN, Assembleia, CAL ²⁸ .	
Ana	3ª	Nucleação, Encontros de formação, DNJ, Seminários, EAFIN, Assembleia, CAL.	Atuação na sociedade, Espiritualidade pastoral.
Verônica	3ª	Quadrilha, Luau Mariano, Encontrão, Encontros de formação, DNJ, Seminários, EAFIN, Assembleia, CAL.	Temas variados de acordo com a necessidade, Espiritualidade pastoral.

Percebemos que as respostas variaram de acordo com a percepção e com a inserção nos grupos. Alguns membros da 3ª geração ainda vivenciam a experiência de grupos de base e por isso deram ênfase aos temas e atividades realizadas em seus respectivos grupos. Aqueles que já saíram da PJ e acompanham de longe recordaram daquelas ações realizadas em níveis arquidiocesanos. Vimos a grande importância que a realização do Dia Nacional da Juventude tem para os grupos, sendo citado pela maioria dos entrevistados e perpassando por todas as gerações.

O Dia Nacional da Juventude é uma das Atividades Permanentes propostas pela Pastoral da Juventude. A temática é sempre ligada ao Tema da Campanha da Fraternidade, realizada pela CNBB. A CNBB nas Campanhas da Fraternidade sempre propõe a reflexão de temas de cunho social e a PJ aproveita esta temática e adapta para a realidade juvenil. São produzidos livretos com encontros para serem realizados nos grupos de jovens nos meses que antecedem o Dia Nacional da Juventude, geralmente o último domingo de outubro. No dia marcado há a reunião dos jovens da arquidiocese, pertencentes ou não de algum grupo de base. Neste evento são realizadas várias ações conectadas com o tema escolhido para o ano. Caminhadas, shows, rodas de conversa, missões são algumas das atividades realizadas no dia. É importante salientar que a nível nacional,

“Nas últimas décadas têm crescido visivelmente outras expressões de juventude em nossa Igreja. Assim, a partir do ano de 2011, com a criação de

²⁸ Curso Arquidiocesano para lideranças é um curso que trata de temas pastorais e/ou utilizado para sistematização das prioridades eleitas na assembleia em que participam todos os coordenadores regionais e a coordenação arquidiocesana da PJ

uma Coordenação Nacional de Jovens, o DNJ passar a ser organizado por ela.” (CCJ, 2018).

Na Arquidiocese de Mariana, no entanto, o último Dia Nacional da Juventude em nível arquidiocesano aconteceu em 2018 e foi organizado pela Pastoral da Juventude. Algo parecido, mas com proposta e metodologia diferente, aconteceu em 2023 e contou com a participação da PJ juntamente com as outras expressões de evangelização juvenil foi a Caminhada à capela da Beata Isabel Cristina, em Barbacena, como relatado por Isabel, Ana e Verônica.

Outras atividades lembradas por todos e que reforça a importância que a Pastoral da Juventude e os grupos ligados à Teologia da libertação dão para a formação são os Seminários e os cursos de formações. Em sua fala Madalena expôs sobre a realização dos cinco cursos de formações que eram ofertados com o objetivo de trabalhar as Cinco Dimensões da Formação Integral e que, posteriormente, estes foram agrupados num encontro só, chamado de Seminário. Vimos que os entrevistados valorizam a realização dos seminários e dos demais cursos de formação por serem espaços em que são trabalhadas as cinco dimensões da PJ, além de servir como local para recrutamento de novos jovens para os grupos e de formação de lideranças. Estes encontros, geralmente acontecem nos finais de semana e reúnem representantes de cada paróquia da arquidiocese e estes têm a responsabilidade de repassar para os demais jovens do grupo aquilo que foi desenvolvido no curso.

As Assembleias também foram lembradas pela maioria. Num contexto dos grupos oriundos das CEB's e que trabalham com a metodologia do *Ver – Julgar – Agir* a assembleia tem um caráter muito especial. Como vimos, a esta metodologia, os grupos que a utilizam acrescentaram dois passos: o Rever e o Celebrar. A assembleia, portanto, é o momento de rever e avaliar os trabalhos desenvolvidos e traçar novas metas a serem atingidas. Sobre as assembleias, Felipe esclarece que

“(…) dentro dessa assembleia são eleitas as prioridades, as prioridades que vão ser trabalhadas no triênio que está iniciando, então, a partir dessas prioridades a equipe de trabalho se reúne e monta as ações e propostas de ações e de caminhada para que possamos contemplar a assembleia, ou seja, a gente não sai assim sem o norte, sem nada, e faz o que a gente quer. O nosso compromisso é dar andamento àquilo que a assembleia aprovou como prioridade, aquilo que a assembleia entendeu ser necessário para trabalhar com a Juventude.” (Felipe, 2024)

As assembleias então se configuram como este espaço em que os grupos avaliam como as ações foram realizadas, se obtiveram resultado, se devem ou não continuar a ser trabalhadas. Caráter marcante da organização da Pastoral da Juventude é este

planejamento coletivo que, assim como os seminários e o DNJ, perpassou por todas as gerações.

A escolha destas três atividades como as principais pela maioria dos entrevistados se explica na fala de Madalena que diz que num determinado momento foi proposto a realização destas três atividades, uma a cada ano, intercalando com as regiões pastorais. Vimos que nos últimos anos foram acrescentadas algumas atividades e que foram evidenciadas na fala de Verônica e observadas nas Redes Sociais da PJ da Arquidiocese: O CAL e a EAFIN. Verônica diz:

“(...) Uma coisa assim, que já é nossa, né, que já é, vamos dizer assim, né, Pré programado seria o seminário, EAFIN, assembleia logo em seguida o CAL. Esses 4 eventos, assim, que são próprios e que é quase uma regra de ter que realiza-los.” (Verônica, 2024)

Lembremos que Verônica, parte da 3ª geração, citou o DNJ como uma atividade importante, mas não a reconhece como sendo uma regra realizá-lo. Isto pode ser interpretado como o reflexo do que acontece nacionalmente em que o DNJ deixou de ser uma atividade realizada exclusivamente pela Pastoral da Juventude.

Sobre as duas atividades incluídas nestes últimos anos, destacamos que: a EAFIN – Escola Arquidiocesana de Formação Integral – é um curso que acontece em cinco etapas e trabalha as cinco Dimensões da Formação Integral. Podemos dizer que é um resgate dos cursos que Madalena citou que aconteciam anualmente com a diferença que a EAFIN acontece a cada 3 anos.

O CAL – Curso Arquidiocesano de Lideranças – iniciou-se como um espaço para que as coordenações regionais juntamente com a coordenação arquidiocesana se formassem e estudassem documentos importantes para a igreja e para a PJ. Este espaço era importante uma vez que as coordenações, por estarem envolvidas na realização dos eventos, nem sempre desfrutavam das formações que elas ofereciam. Ultimamente o CAL acontece após a realização das assembleias arquidiocesanas e é o momento em que as coordenações regionais e arquidiocesanas sistematizam o material vindo da assembleia e estabeleçam as formas de trabalhar as prioridades escolhidas pelos jovens delegados das assembleias.

Sobre as temáticas trabalhadas percebemos que as cinco dimensões da formação integral da PJ sempre estiveram presentes. Observando, em especial, a Dimensão Sociopolítica vimos que alguns dão mais ênfase à formação política e percebemos a realização de Campanhas contra a Violência e Extermínio de Jovens e Contra os Ciclos de Violência Contra as Mulher, que se realizam para além dos

grupos, como ferramentas que podem ser utilizadas na perspectiva da construção de um projeto de sociedade.

Neste sentido, analisando a documentação da Pastoral da Juventude, em especial o Histórico dos Seminários Arquidiocesanos observamos a forma como foram apresentados para os participantes e notamos uma mudança na apresentação. Até a realização do VI Seminário no ano de 2005 os títulos das oficinas vinham nomeados explicitamente: “Política”, “Militantes”, “Conscientização Política”, “Fé e Política”, “Políticas Públicas para a Juventude”. A partir do VII Seminário, realizado em 2010, estas temáticas foram apresentadas de maneira subtendida como: “Se é pra ir pra luta, eu vou!”, “Como desenvolver a participação social no grupo de jovens?”, “A Juventude quer Viver”. Talvez esta mudança seja a forma encontrada pela Pastoral da Juventude para adentrar nas paróquias e comunidades da arquidiocese que, a esta altura já sentia os efeitos da decadência da Teologia da Libertação e do avanço das expressões carismáticas.

Sabe-se que a Pastoral da Juventude era frequentemente acusada de ser uma pastoral política e que não promovia orações. Paulo ressalta que

“De forma geral, a PJ, ela era vista assim muitas vezes com um certo receio por muitos, né. Muitas pessoas da igreja, né, às vezes, pessoas um pouco mais conservadoras, sempre consideraram a PJ um pouco fora dos padrões, né, a gente até se orgulhava disso, né!” (Paulo, 2024)

Neste sentido, podemos inferir que a mudança na nomenclatura das oficinas ofertadas possa ter acontecido numa tentativa de penetrar nesta realidade onde a PJ não era vista com bons olhos.

No período em que houve a mudança a PJ começava a enfrentar, como dito, uma dificuldade em realizar o trabalho. Ester acredita que a dificuldade se dá pela juventude de hoje ser mais conservadora, bem como o Clero, e a Pastoral da Juventude encontra dificuldade em trabalhar por estar passando por um momento de transição e não saber como lidar com ele. Esta diferença no trabalho pastoral, que se acentua ao comparar o auge da PJ nos anos 80/90 com os anos 2000, coincide com o que amplamente vem sendo estudado e percebido entre a ascensão do neoliberalismo ao mesmo tempo em que se cria uma sociedade mais individualista. Observa-se isto também nos ataques que a Teologia da Libertação, e os grupos ligados a ela, passou a enfrentar da alta hierarquia da Igreja, a partir do pontificado de João Paulo II, que contou desde a punições aos sacerdotes, como as sofridas pelo Frei Leonardo Boff, até a nomeações estratégicas de bispos notadamente

conservadores em detrimento dos que tinham uma inclinação progressista, como demonstrou Pleyers (2020). Resultado desta guinada é percebido hoje nas comunidades com a presença de sacerdotes, frutos deste processo de desaceleração das reformas pretendidas pelos presentes no Concílio vaticano II, e um completo abandono do Pacto das Catacumbas.

Fica claro esta mudança ao ouvir Ester falar da relação da PJ com o Clero, especialmente com o da sua paróquia que, segundo ela não incentiva o Grupo da PJ na paróquia e evita falar “Pastoral da Juventude” para se referir ao grupo de base para não o associar a um movimento abortista, comunista.

Sobre a relação com o clero arquidiocesano, os entrevistados da 1ª e da 2ª geração destacam que sempre foi tranquila, especialmente porque na época em que atuavam a Pastoral da Juventude era a referência no trabalho de Evangelização da juventude na arquidiocese. Já os da 3ª geração apontam que nas paróquias onde residem esta relação é tranquila e que recebem total apoio.

Com relação ao clero arquidiocesano destacam que a relação não é conturbada porque muitas vezes a PJ prefere ficar quieta para não criar embates porque se for falar o que tem que ser dito acabam brigando. Eva resume bem dizendo que tem padres que apoiam e acompanham e outros que não dão a devida atenção, já Ester é mais incisiva:

“(...) a gente tem o nosso bispo aí que ele também não é adepto a nossa pastoral não, ele é mais de movimentos, mais de, é, renovado, né, da Renovação Carismática e não gosta muito dessa, da Pastoral da Juventude não, e a relação também, é um pouco conturbada a gente tem que saber como que a gente fala algumas coisas pra conseguir, ainda fazer, com que a Pastoral da Juventude não acabe.” (Ester, 2023)

Perguntada a que ela atribui esta relação ela atribui à

“(...) formação do clero né, que tá, eu acho, que a gente tá cada vez mais, é, perdendo espaço por causa dessa formação deles, eu acho que eles estão cada vez mais conservadores, é, eu acredito também que é a mídia, também, tem colaborado pra isso, eu acho que tá faltando mesmo é uma formação mais cristã nesse sentido, eu acho que falta mesmo, eu acho que é essa questão da extrema direita, enfim, eu acho que tem colaborado bastante com essa, com essa dificuldade de aceitar movimentos como a Pastoral da Juventude.” (Ester, 2023)

Vimos que, juntamente com a atuação da Igreja a partir de Roma, no pontificado de João Paulo II, outros fatores contribuíram com o enfraquecimento dos grupos ligados ao Cristianismo da Libertação como o contexto político, cultural e socioeconômico. (1) O encolhimento do número de pessoas que se declaram católicos, (2) o aumento de evangélicos ligados ao Neopentecostalismo, e que a Igreja católica como resposta passa a apoiar a Renovação Carismática Católica, (3) a saída

da Igreja católica das periferias abrindo lacunas para que as Igrejas Neopentecostais atuassem, e (4) a emergência da Teologia da Prosperidade. Tudo isso contribuiu para reorganizar o campo religioso brasileiro, que, passou a contar com as mídias sociais como espaço para se travar a disputa de poder. E, neste novo espaço, os adeptos da Teologia da Prosperidade conseguem se sobressair uma vez que utilizam a mídia para arrebatar e reter fiéis a partir de eventos de massa e com apelo para as massas, em detrimento aos da Teologia da Libertação que optam por uma mídia mais popular que dá voz aos excluídos e não investem na glamourização da fé.

Com relação a estes outros movimentos, as entrevistadas têm respostas que divergem em alguns pontos e convergem em outros. Enfatizam que há uma relação protocolar, respeitosa, em que cada um respeita o espaço do outro. Sabe-se que a partir do Documento 85 da CNBB, que propunha uma nova forma de organização dos movimentos que tem como foco a evangelização juvenil, a Arquidiocese de Mariana vem tentando organizar estes grupos, no entanto, estas tentativas vêm se frustrando uma vez que cada um tem a sua identidade e sua forma de organização, além da extensão territorial da arquidiocese que representa uma dificuldade para esta organização. Ester diz que nestas tentativas os diferentes grupos são convidados a organizar algum evento de massa em conjunto, mas, ela sente que a Pastoral da Juventude tem mais iniciativa, tanto nas questões de organização quanto na questão do relacionamento, cabendo à PJ respeitar.

Percebemos que nestas questões intraeclesiais a Arquidiocese de Mariana ainda enfrenta dificuldades em se organizar da forma que as expressões de evangelização das juventudes se organizam em nível nacional. Percebemos que há o reconhecimento das diferentes forças que atuam na evangelização da juventude, mas que agregar estas forças num coletivo ainda é uma dificuldade nesta arquidiocese. Esta dificuldade pode ser pela resistência da própria PJ em aceitar ser mais uma dentro de uma coordenação ampliada ou mesmo pela resistência dos outros grupos em compor o mesmo espaço com a PJ, que se apresenta tão diferente deles. O fato é que este empecilho se dá no âmbito das coordenações como frisado por Isabel a respeito da Caminhada à Capela da Beata Isabel Cristina realizada em 2023:

“Acaba que nos últimos tempos foi se criada uma rivalidade muito grande entre os diversos movimentos juvenis, né, tanto Pastoral da Juventude como a Renovação Carismática, dentre outros. Porém, como a gente até foi discutido na nossa última reunião da coordenação, a peregrinação em Barbacena nos mostrou que é possível os movimentos trabalharem em conjunto. Que a peregrinação, né, tinha os mais diversos movimentos e foi

um encontro muito bom, onde todo mundo conseguiu participar junto e a gente vê que tem uma rivalidade, que ninguém sabe de onde surgiu, acabou aparecendo, mas fica só na teoria, na prática não existe ela, pelo menos a gente tem que buscar não existir.” (Isabel, 2024)

Enfim, identificamos pelo menos uma boa vontade em reconhecer que existem os outros movimentos e da necessidade em promover uma organização para que possam trabalhar juntos.

3.2 - A DIMENSÃO SOCIOPOLÍTICA NA PJ MARIANA

Após analisarmos as principais atividades realizadas pela Pastoral da Juventude, bem como as temáticas que norteavam as ações desenvolvidas, percebemos que houve uma mudança na maneira de abordar os temas ligados à Dimensão Sociopolítica. Diante disso, passamos a analisar a atuação política dos entrevistados procurando identificar se existe alguma relação entre a formação recebida na Pastoral da Juventude e o envolvimento com as questões políticas.

Sabemos que dentre as dimensões da formação integral a Dimensão Sociopolítica é aquela responsável por formar o jovem para o exercício da cidadania tendo como valores a moral e a ética católica associada à luta por justiça social. Este trabalho deve ser realizado juntamente às outras 4 dimensões e, acredita-se, que esta dimensão é a responsável por suscitar o desejo no jovem de atuar na sociedade sendo porta voz dos anseios e desejos das juventudes.

Com relação ao interesse por política, 02 frisaram que se interessam por políticas públicas, não demonstrando interesse pela política partidária, 01 demonstra pouco interesse e 10 se interessam. Com relação à filiação partidária, apenas 03 são filiados e todos o são ao Partido dos Trabalhadores (PT), destes 2 são da 1ª geração e 01 da 2ª geração de pejoteiros. Perguntados como se identificam com relação ao espectro político 01 se absteve e preferiu não assumir a sua posição, 01 se declara de direita, 02 de Centro Esquerda e 09 afirmam ser de Esquerda.

Sabemos que a esquerda católica tem estreita relação com o Partido dos Trabalhadores e que frequentemente a PJ é apontada como formadora de militantes políticos, em especial do PT. A respeito disso percebemos que esta formação obteve algum êxito nas primeiras gerações uma vez que 3 dos entrevistados, que são filiados a algum partido, o são ao PT e tiveram atuação pastoral neste início de organização.

Quanto à identificação com as pautas defendidas pela Pastoral entendemos que existe alguma semelhança com as pautas defendidas pela esquerda. Vimos isto

refletido na identificação com o campo da esquerda por quase a totalidade dos entrevistados. Paulo, discorre sobre o trabalho realizado na Pastoral da Juventude e que este trabalho, estas formações, deixam claro as questões sociais que a pastoral defende, relembra os seminários, em especial as oficinas de Fé e Política, em que são debatidos projetos de sociedade e afirma que

“Por mais que algumas pessoas, né, tenham uma visão deturpada, fala, ah, povo de PJ, povo de movimento social, uma coisa, né, tudo esquerdopata, tudo lulista, tudo petista. E não é bem assim, né? A gente nunca teve, né, pelo menos na, nas atividades pastorais que eu participei, nunca teve isso, olha, nós somos isso, somos aquilo. Nós sempre trabalhamos valores, né, valores que a gente buscava, né, num, num governante, num político, né? E esses valores muitas vezes eles caminhavam para algumas opções que eram mais consenso, mas é, e assim, é, e eu acho que, que é um método que funciona, cara. Assim, porque não, não é um negócio para, para, para fazer lavagem cerebral, pelo contrário, é para abrir a mente, né? Então assim, a pessoa que conseguiu vivenciar o processo, né, de enxergar além do próprio umbigo, né, de enxergar a importância da vida comunitária, da organização comunitária, eu acho que automaticamente ela vai tomar boas decisões, né? (...) Apesar que sempre foi muito politizada, né, no sentido de que ela não estava alheia aos problemas da sociedade, né. Então isso aí eu acho que é forte, porque não é assim, nós não estamos fazendo uma escola de formação de políticos, né, não, estamos fazendo uma escola de formação de pessoas que vão entrar nos debates políticos. Nós estamos ajudando as pessoas a ter um discernimento, a entender melhor o funcionamento da sociedade, as injustiças sociais, quais que são os caminhos, né, pra gente tentar combater isso. Então eu enxergo que, que é um é um processo muito legal, né?” (Paulo, 2024)

No entanto sabemos que a Pastoral da Juventude da Arquidiocese de Mariana participou efetivamente do Projeto Desperta Cidadão, em especial no ano de 2001. Este projeto procurou lançar candidatos das bases da Dimensão Sociopolítica da arquidiocese para o exercício de mandatos eletivos, desde então destacamos as eleições de César Medeiros para deputado federal em 2002 pelo Partido dos Trabalhadores, de Padre João para Deputado Estadual em 2002 e Deputado Federal nos anos de 2006, 2010, 2014, 2018 e 2022, também pelo Partido dos Trabalhadores e de Leleco Pimentel para Deputado Estadual em 2022, igualmente pelo Partido dos Trabalhadores. Destes eleitos, Padre João faz parte do clero da Arquidiocese de Mariana e é muito envolvido com a Dimensão Sociopolítica da arquidiocese e, por consequência, com as pastorais sociais; César Medeiros tem passagem importante pela PJ, especialmente por ter sido um dos primeiros assessores da Pastoral da Juventude Rural e ter participação efetiva na PJ. Leleco Pimentel também tem trânsito pela Pastoral da Juventude participando de diversas atividades e é envolvido em inúmeras ações pastorais na arquidiocese. Dito isto, não é necessário declarar

abertamente qual a preferência partidária da PJ enquanto instituição uma vez que a presença deles nos espaços deixa isto, de certa forma, implícito.

Ainda sobre política e o interesse deles pelo tema, a maioria afirma que foi despertado a partir da inserção nos grupos da Pastoral da Juventude onde foi fundamental para que entendessem a necessidade de se falar e se envolver na política. Foi destacado também a importância do local onde residem como variável que influencia e suscita a necessidade em se interessar pela política até mesmo para entenderem as situações a que estão expostos.

Acreditam que os grupos de base ajudam e despertam este interesse pela política através do trabalho desenvolvido neles, despertando a necessidade de debater assuntos que dizem respeito à vida do jovem e sua inserção na comunidade. Explicitam como é importante despertar para o senso comunitário, de olhar para além de suas próprias necessidades. Ester (2022) afirma que ao apresentar figuras como Paulo Freire, por exemplo, a PJ contribui para a sua formação como um todo, desenvolvendo o gosto por leituras, por estudar, para entender a realidade, a sociedade e isto resulta no crescimento como cristãos, mas, principalmente como cidadãos.

Com relação à formação recebida na Pastoral da Juventude, houve relatos sobre a PJ ter aberto os olhos para aquilo que realmente importa na sociedade, Pedro (2024) afirma que a PJ “foi um segundo seminário”, visto que o mesmo chegou a se ordenar padre da Igreja Católica. Madalena (2024) diz: “eu tenho certeza que a PJ é a melhor, a melhor escola de vida que se tem até hoje.” Paulo (2024) destaca que a PJ o ajuda no desempenho das atividades laborais, que na PJ aprendeu a Didática que ele precisa utilizar em suas aulas, que desenvolveu várias competências que são importantes para seu dia a dia e relata

“Hoje eu estou no meio acadêmico e eu já fui, os conhecimentos de organização de eventos, que eu tive, que eu aprendi na PJ, já foram requisitados. Eu já coordenei, né, já presidi um evento aqui por 2 anos seguidos na UFU, né, e usei de tudo aquilo que eu aprendi, né?” (Paulo, 2024)

Estes relatos demonstram que, pelo menos para os entrevistados, a Pastoral da Juventude teve um impacto positivo, que como mencionado, vai para além do campo religioso.

Ao fim da entrevista, deixamos livre para que os entrevistados dissessem aquilo que julgassem necessário. A maioria reforçou o caráter formativo da Pastoral da

Juventude, a necessidade de se valorizar a pastoral. Destacamos a fala de Ester que tem a percepção

“(…) que a Pastoral da Juventude, ela tá passando por um período muito difícil assim, a gente já tava passando por esse período difícil, mas pós pandemia esse período foi, tá sendo assim, essa situação tá pior, então assim, a gente tá com dificuldade de liderança, falta de apoio do clero né, então assim, os jovens estão cada vez mais sendo, mais encantado, se encantando mais com esses movimentos né, que igual eu falei antes, são movimentos que as vezes trabalha o individualismo né, e não o coletivo, então isso tem agradado, isso tem chamado atenção, eu acho que a Pastoral da Juventude se ela não, não, se não, não, procurar entender, conhecer essa realidade né, dessa geração agora, que a gente chama de geração z né, a gente vai ter sérias dificuldades, e a gente corre risco até de ser, de ser extinto sabe, então assim, a gente tem, tem, a gente já tem padres né, o clero que, a gente, já não colabora muito e esses movimentos, principalmente aqui na nossa Arquidiocese, mas eu vejo que em outros lugares também, tem crescido muito, então eu acho que a Pastoral da Juventude, ela precisa entender melhor esse espaço assim, as vezes eu acho que a Pastoral da Juventude ainda tá muito ligada aos anos 90, anos 2000, que foi quando a gente tava mais no auge né, e a gente ainda, eu vejo que a gente ainda tá falando essa linguagem entendeu, não tá conseguindo fazer essa transição para essa geração agora, então a gente vai ter muita dificuldade, tá tendo muita dificuldade, se a gente não mudar o nosso, um pouco o nosso jeito, não o nosso jeito de ser, mas a forma como que a gente chega nesses jovens, a gente pode acontecer de ser excluído aí e ser extinto no caso.” (Ester, 2023).

Nas palavras da entrevistada percebemos a preocupação em atingir esta nova geração a partir de uma nova forma de se relacionar com ela, sem perder a essência da Pastoral da Juventude que ela acredita estar presa a um modelo que já não atinge a juventude que hoje está à procura do imediatismo e das respostas rápidas para os seus anseios.

3.3 - A PJ MARIANA HOJE

Após passarmos pela trajetória da Pastoral da Juventude da Arquidiocese de Mariana a partir da visão dos seus militantes, faz-se necessário entender como está a Pastoral da Juventude hoje e quais são as suas prioridades. Para isto nos valem os do Relatório da XIII Assembleia Arquidiocesana da PJ, acontecida em 2023 em Ponte Nova, e aproveitaremos as entrevistas daqueles que hoje ocupam a Coordenação Arquidiocesana da PJ. Destacamos que das 13 entrevistas, 05 foram realizadas com membros da atual Coordenação Arquidiocesana da PJ.

Hoje a Pastoral da Juventude é composta por 27 grupos de base assim distribuídos pelas regiões: Região Mariana Norte: 06; Região Mariana Sul: 07; Região Mariana Centro: 01; Região Mariana Leste: 09; Região Mariana Oeste: 04. Este é um

número pequeno se observado a extensão da arquidiocese e verificarmos a quantidade de paróquias existentes. Para fins de comparação em 2001, ano da base, quando a PJ Mariana fez a opção por dar uma pausa nas atividades arquidiocesanas e focar nas atividades com os grupos de base, a Pastoral da Juventude contava com 268 grupos²⁹.

É claro que vivemos em outros tempos, que a Teologia da Libertação não atende mais às demandas da Igreja, mas estes dados vêm para demonstrar o quanto a Pastoral da Juventude perdeu forças na Arquidiocese de Mariana. E isto nos aponta para vários fatores que podem ter causado esta queda na adesão ao projeto pastoral e que, de certa forma já foram identificados pelos nossos entrevistados: (1) mudança da postura do clero, (2) a modernização que trouxe novas formas de relacionamento; (3) o aumento de atividades para os jovens e (4) a variedade de opções de grupos religiosos.

Neste sentido, analisando o relatório e as prioridades eleitas na XIII Assembleia para serem implementadas no triênio 2023-2026 identificamos que a principal preocupação dos membros da Pastoral da Juventude são (a) a manutenção das atividades que já existem (CAL, Seminários e EAFIN), (b) o investimento numa comunicação mais efetiva a fim de apresentar a identidade da PJ, (c) o trabalho com temas ligados à realidade juvenil através de campanhas que enfoquem o bullying, a violência, a saúde mental, (d) a realização de formações sobre a espiritualidade libertadora e (e) a efetivação da Campanha contra os Ciclos de Violência Contra a Mulher a partir de um grupo de trabalho específico.

Percebemos que a nucleação, que é a criação de novos grupos, não é prioritária visto que havia esta proposta e ela foi derrotada, vencendo neste eixo a criação de campanhas que abordem a realidade juvenil. Inferimos que a questão da Dimensão Sociopolítica, neste caso, será trabalhada transversalmente nestas ações pontuais sobre a realidade juvenil e na Campanha Contra o Ciclo de Violência Contra a Mulher, indicando um trabalho de formação de valores. Vale ressaltar que as prioridades foram acolhidas em 5 eixos: (1) Formação; (2) Articulação; (3) Ação; (4) Espiritualidade; (5) campanha Nacional contra o Ciclo de Violência contra a Mulher.

²⁹ Os dados referentes a 2023 foram conseguidos com o atual secretário arquidiocesano da Pastoral da Juventude. Os dados referentes ao ano de 2001 foi verificado num relatório produzido pela coordenação arquidiocesana das PJ's em 2001 contendo um cadastro e descrito as cidades, as paróquias e o número de grupos de jovens existentes.

Em nenhum deles apareceu propostas de formação de militância ou de conscientização política explicitamente, como acontecia nas primeiras gerações.

Diferente do apresentado no relatório, os entrevistados nesta pesquisa, e que hoje estão na coordenação arquidiocesana, demonstraram preocupação com a nucleação. Verônica inclusive disse estar estudando, por fazer parte da equipe responsável por este trabalho. Nestas entrevistas, também, deixaram transparecer uma pastoral mais voltada para as questões da espiritualidade. Termos como “coisas do mundo” foram ditos por pelo menos 02 entrevistadas, termo este comum para aqueles que participam de uma experiência de evangelização diferente daquela oferecida pelos grupos que se identificam com a Teologia da Libertação. Ao designar as coisas do mundo, eles estão afirmando que aquilo que está na Igreja é o válido e tem salvação. É um retorno ao pré Concílio Vaticano II.

A partir do que identificamos na PJ Mariana hoje, podemos afirmar que ela está num período de transição de gerações, caminhando para a sua 4ª geração. Esta geração precisa lidar com as dificuldades e as novas realidades impostas pelas novas tecnologias e, mais que isso, pela Pandemia, que apresentou uma maneira diferente de se reunir, encontrar e debater os mais diferentes assuntos. Nesta nova realidade é preciso se reinventar e procurar formas para que as metodologias e a pedagogia de formação se encaixem neste novo modelo.

Percebemos que a Pastoral da Juventude procura se adaptar aos lugares em que se faz presente na Arquidiocese de Mariana, às vezes se calando para não “brigar” e respeitando os outros movimentos a partir de um relacionamento protocolar. Percebemos também que houve uma mudança no modo de trabalhar nos grupos de base e isto se deu pela nova postura do jovem ocasionada pelo seu modo de ser e viver na atualidade.

A postura do clero também é fator importante a se perceber com a presença dos que apoiam e dos que, além de não apoiarem, tentam agir para apagar a identidade do grupo. O que, podemos inferir, não mudou foi a capacidade de formação para o engajamento político, mesmo que este se dê implicitamente a partir de análises, debates e campanhas pontuais acerca de temas sociais que permeiam a realidade juvenil. A Pastoral da Juventude enfrenta problemas para além do âmbito eclesial, agravados pela Pandemia da COVID 19, e estes problemas encontram raízes na incapacidade de se reinventar para se colocar novamente no jogo de igual para igual com os outros movimentos.

Resgatando as tendências presentes na Igreja Católica que foram mencionadas no 1º capítulo concordamos com Sofiati (2012) quando aponta que a PJ deu um passo atrás com relação à sua postura contrastando com o jeito de ser dos grupos pertencentes à tendência Radical. Hoje a Pastoral da Juventude da Arquidiocese de Mariana se aproxima da identidade dos movimentos pertencentes à tendência Reformista, fazendo um trabalho para dentro da instituição, buscando se manter, naquilo que pode ser chamada de pastoral de manutenção, procura um trabalho capaz de resgatar e reafirmar a identidade pastoral, com todos os elementos que a configura e se ocupa, principalmente, de formações para dentro da instituição.

Ao analisar a PJ do Brasil, Sofiati concluiu que

“(...) o processo de formação da PJB sofreu interferência das conjunturas sociais, políticas, culturais e religiosas. Isso pode ser explicado por intermédio do resgate histórico do método de formação da PJB e também pelas próprias características desse método, já que a PJB utiliza a perspectiva indutiva na sua formação. Isso significa que ela parte da realidade interpretada pela ótica materialista para desenvolver sua teoria de ação, tornando o método muito ligado às conjunturas. Desse modo, nos anos 1980, quando havia uma forte presença social no contexto político nacional, direcionava-se a formação para a questão política e, nos anos 1990, com o surgimento no país de tendências ligadas ao pós-modernismo, da conjuntura neoliberal e do desencanto pela atuação política, a PJB assume uma perspectiva mais espiritualista e de valorização do indivíduo.” (Sofiati, 2012, p. 163)

Vimos que a Pastoral da Juventude da Arquidiocese de Mariana seguiu o mesmo caminho. As primeiras gerações trabalhavam e davam mais ênfase à Dimensão Sociopolítica focando na formação de militantes políticos. Com o passar do tempo o foco passou a ser em um cristão que entenda seu papel político, mas sem necessariamente encorajar a sua inserção no meio político através da filiação partidária.

Neste sentido, nossa hipótese de que, para se manter como um grupo reconhecido perante a hierarquia da Igreja, a Pastoral da Juventude se adapta à nova realidade eclesial com os grupos, passando a incorporar elementos de outras tendências e agindo com cautela quando tratam de assuntos polêmicos, que vão de encontro com a orientação da Igreja Católica, se mostra parcialmente correta. Chegamos a esta conclusão através das entrevistas e materiais analisados onde entendemos que: (1) A PJ procurou se adaptar à nova realidade eclesial, especialmente na mudança das nomenclaturas dos cursos e formações oferecidas e na adoção de passagens bíblicas nos cartazes de divulgação; (2) Não foi incorporado elementos de outras tendências pelos grupos, pelo contrário, a PJ vem se preocupando em trabalhar a espiritualidade libertadora e a identidade pastoral; (3) De

fato a incidência no meio político e o incentivo para que o jovem se envolva em partidos políticos, é hoje quase nula, restando um trabalho de conscientização e de formação humana com foco na justiça social e nos Direitos Humanos; (4) Diante das críticas sofridas e ao embate com grupos conservadores, a PJ Mariana recua e prefere não encarar o debate, abstendo de tecer comentários e mantendo uma postura diplomática junto ao clero e aos movimentos conservadores e carismáticos da Arquidiocese.

Entendemos, também, que os entrevistados demonstraram todo o amor e entusiasmo que sentem pela Pastoral da Juventude que, segundo a grande maioria, foi e é responsável pela formação humano cristã de cada um deles e, em alguns casos, sendo responsável pela escolha da profissão. Levamos em consideração, também, as respostas dadas envoltas no sentimento de pertença ao grupo, por isso confrontamos com os materiais produzidos para equilibrar a pesquisa e chegarmos a um resultado honesto.

CONCLUSÃO

Este trabalho teve como principal objetivo compreender como a Pastoral da Juventude se portou diante do aumento do conservadorismo no Brasil, tanto no interior da igreja quanto na sociedade em geral, especialmente a partir de 2013. Para isto se valeu de pesquisa documental e de entrevistas que procurou analisar a trajetória política e pastoral daqueles que fazem parte desta organização católica. Sabemos que a PJ tem seu berço na Teologia da Libertação e que, por isso, uma de suas linhas de ação é o trabalho de conscientização sociopolítica dos jovens. Este trabalho entra em conflito com a igreja quando consideramos que as pautas que permeiam esta dimensão têm um caráter progressista.

A partir de 1922 a Igreja Católica encampa várias ações que a colocava em evidência no campo político, dentre estas ações destacamos o início do trabalho da Ação Católica Brasileira. Credita-se à D. Sebastião Leme a vinda da Ação Católica para o Brasil e a Alceu Amoroso de Lima a sua dinamização e posterior transformação. A Ação Católica encontrou em solo brasileiro experiências peculiares, que a fez tomar um rumo em direção ao progressismo. De inspiração conservadora, motivada pelo Papa Pio XI, a Ação Católica desempenhou um papel primordial no Brasil de orientação progressista. Destaca-se o trabalho realizado pela Juventude Universitária Católica, ramo especializado da Ação Católica, que lutou contra a Ditadura Militar e como consequência alguns de seus membros foram perseguidos e torturados pelos militares.

Vimos que da Ação Católica originou-se diversos grupos que se identificam com a esquerda católica e, conseqüentemente, se agruparam no chamado cristianismo da libertação. Dentre estes grupos citamos as Comunidades Eclesiais de Base e a Pastoral da Juventude. A PJ, em seus documentos, afirma que se originou das especializadas: Juventude Agrária Católica, Juventude Estudantil Católica, Juventude Independente Católica, Juventude Operária Católica e Juventude Universitária Católica.

Percebemos que a organização e funcionamento destes grupos foram estimulados a partir da abertura que a Igreja Católica sofreu após a realização do Concílio Vaticano II. Vimos que na América Latina o concílio encontrou terreno fértil para proliferação e a realização das Conferências Episcopais Latino-americanas,

especialmente Medellín e Puebla, confirmaram isto. No Brasil a opção preferencial pelos pobres e pelos jovens foi amplamente assumido pela igreja e todos os grupos envolvidos na evangelização abraçaram esta causa e desenvolveram inúmeros trabalhos enfocando na realidade pessoal e na libertação da pessoa a partir de sua conscientização.

Este modelo de igreja representado pela Teologia da Libertação, no entanto, começa a incomodar e este incômodo encontra força na hierarquia e, de Roma, vem diversas orientações acerca do perigo em transformar a religião em algo político e subversivo. Vimos que Roma se movimenta e traça estratégias para enfraquecer a igreja da libertação e, de certa forma, esta movimentação dá resultado uma vez que este modelo de igreja veio perdendo forças frente a um modelo que se preocupa mais com a conversão pessoal e eclesial.

Percebemos que a Pastoral da Juventude da Arquidiocese de Mariana se insere nessa história a partir do ano de 1988. Até aqui são 3 gerações de jovens, caminhando para a 4ª, que se formaram nesta perspectiva da luta pela justiça social e no embate com grupos de orientação conservadora.

Esta disputa de poder, que acontece na Igreja Católica, se dá pela presença de grupos e associações de fiéis que possuem diferentes bases teológicas. Entendemos, portanto, que existem diferentes formas de praticar e vivenciar a fé e optamos por agrupar esta diversidade de expressões em tendências. Cada tendência apresenta um modelo de organização, de liturgia e de ação orientado pela visão de mundo da religião que cada um possui. Estas formas antagônicas de perceberem a fé faz com que os grupos se coloquem em rota de colisão na disputa para demonstrar aquele que está correto e, com isto, angariar mais fiéis para as suas fileiras.

Estas disputas ficam evidentes a partir do advento da internet e da popularização das mídias sociais, em que todos têm acesso e liberdade para emitir suas opiniões e descredibilizar aqueles que não pensam e não agem da mesma forma. A PJ se coloca na rota de confronto uma vez que se apresenta com uma proposta de evangelização que parte da realidade juvenil, motivando a reflexão acerca da sua dinâmica social. Este método entra em conflito com de outros grupos e, por isto, a PJ, assim como os demais grupos ligados à Teologia da Libertação, é taxada como comunista.

Sabemos das investidas da Igreja, a partir de Roma, para enfraquecer a Teologia da Libertação no Brasil. A Igreja Católica é uma instituição conservadora e

por isso as forças conservadoras sempre manterão uma posição de destaque. A partir de 2013, no Brasil, houve a emergência de grupos conservadores que teve reflexo também na Igreja. A partir deste evento, conjugado com decisões tomadas pela própria CNBB, estes embates se multiplicaram e tornaram mais frequentes.

A partir destes eventos que surgiram a motivação para a realização desta pesquisa e a nossa hipótese de que, para se manter como um grupo reconhecido perante a hierarquia da Igreja, a Pastoral da Juventude se adapta à nova realidade eclesial com os grupos passando a incorporar elementos de outras tendências agindo com cautela quando tratam de assuntos polêmicos que vão de encontro com a orientação da Igreja Católica, se mostrou parcialmente correta. Para testar a nossa hipótese, utilizamos de entrevistas realizadas e dos materiais analisados e percebemos que a Pastoral da Juventude está preocupada com a sua manutenção e, por isso, adotou uma postura moderada.

Ao iniciar a pesquisa acreditávamos que a PJ tinha assumido uma postura mais intimista, utilizando das ferramentas da Renovação Carismática Católica, em especial as músicas, que têm um forte apelo emocional. Na nossa concepção a preocupação com a justiça social era deixada em segundo plano e, dessa forma, por não abordar temas que possam causar polêmicas o embate não aconteceria. No entanto, no desenrolar da pesquisa, percebemos que existe a preocupação com temas que afetam diretamente a vida da juventude, que existe a realização de campanhas que abordam temas a exemplo da Violência Contra a Juventude e Contra a Mulher.

Ao confrontar as respostas dos entrevistados com os materiais produzidos ao longo do tempo, porém, identificamos que o trabalho é realizado, porém com uma abordagem mais discreta. Esta discrição foi observada também quando os entrevistados afirmam que mantém uma relação protocolar com os demais movimentos e com o clero em geral.

Entendemos que, para melhor compreensão do fenômeno, seria necessário a observação participante, no entanto, devido o tempo para a realização da pesquisa isto não foi possível. A observação participante permitiria que o pesquisador acompanhasse de perto o desenvolvimento das atividades e como as ações dos grupos são realizadas na prática.

Outra dificuldade encontrada também foi o fato do pesquisador ter envolvimento com o objeto estudado, uma vez que o mesmo é católico, igrejeiro, com passagem por diversos grupos católicos, inclusive pela Pastoral da Juventude. Esta

difficuldade foi rompida ao tomar consciência da distância necessária que deveria ter com relação ao objeto. Por outro lado, foi um ganho que facilitou na identificação dos atores a serem entrevistados além de facilitar o entendimento da organização e estruturação da mesma.

Entendemos que a pesquisa com uma pastoral da Igreja Católica apresenta várias nuances, uma vez que deve ser considerada a sua inserção eclesial e sua inserção social, por esta razão, acreditamos ser preciso analisar os impactos dos trabalhos desenvolvidos por estes grupos, tanto na Igreja quanto na sociedade. Para esta compreensão é necessário envolvimento de pessoas da hierarquia da igreja e de agentes da comunidade, tanto que recebem as formações quanto os destinatários das ações que partem destas formações.

Enfim, concluímos que a Pastoral da Juventude da Arquidiocese de Mariana, mesmo que enfraquecida com relação ao número de grupos, desempenhou um papel importante na formação das gerações de pejeiros e, ainda hoje, tem certa relevância principalmente cumprindo seu papel de manter o jovem na igreja. O protagonismo juvenil tão propagado pela PJ é personificado especialmente dentro da igreja na realização das diversas atividades pastorais, cerceado pela presença dos assessores. Existe dificuldade em promover a inserção do jovem na arena política, reflexo das escolhas feitas pela PJ Mariana em abordar temas que versam sobre valores abandonando o modelo das primeiras gerações que desenvolviam um trabalho mais aberto e franco na formação de militantes políticos. Diante disso entendemos que a PJ Mariana realiza seu trabalho de manutenção observando as dificuldades impostas pelas novas formas de se relacionar na sociedade advindas especialmente pelas novas tecnologias. Resta à PJ a tentativa de se reinventar para atender aos anseios da juventude e, ao mesmo tempo, retomar uma postura mais combativa frente às injustiças sociais. E isto se dará na medida em que a Dimensão Sociopolítica tornar a ser mais valorizada, inclusive, pela própria Pastoral.

REFERÊNCIAS

- ALVES, Márcio Moreira. A Igreja e a política no Brasil. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1979.
- BOFF, Leonardo. Igreja: Carisma e Poder. São Paulo: Editora Ática, 1994.
- BOWEN, Glenn A. Document Analysis as a Qualitative Research Method. *Qualitative Research Journal*, v. 9, n. 2, p. 27–40, 2009. DOI: 10.3316/QRJ0902027.
- CCJ. História do DNJ. Disponível em: <<https://ccj.org.br/downloads/dnj/#:~:text=No%20ano%20de%201985%2C%20a,a%20serem%20protagonista%20dessa%20celebra%C3%A7%C3%A3o.>> Acesso em: 15 de jan. de 2024.
- CONCÍLIO VATICANO II. Constituição pastoral *Gaudium et Spes* sobre a Igreja no mundo de hoje. São Paulo: Paulinas, 2007.
- CONCÍLIO VATICANO II. Constituição dogmática *Lumen Gentium* sobre a Igreja. São Paulo: Paulinas, 2007.
- CONCÍLIO VATICANO II. Decreto Apostolicam Actuositatem sobre o apostolado dos leigos. São Paulo: Paulinas, 2007.
- CONFERÊNCIA GERAL DO EPISCOPADO LATINO-AMERICANO. Documento de Medellín: conclusões da II Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano. São Paulo: Paulinas, 1968.
- CONFERÊNCIA GERAL DO EPISCOPADO LATINO-AMERICANO. Documento de Puebla: evangelização no presente e no futuro da América Latina. São Paulo: Paulinas, 1979.
- CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL (CNBB). Campanha da Fraternidade 2019: Fraternidade e Políticas Públicas. Brasília, DF: Edições CNBB, 2019.
- CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL (CNBB). Estudos da CNBB n. 76: Marco Referencial da Pastoral da Juventude do Brasil. Brasília, DF: Edições CNBB, 1998.
- CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL (CNBB). Documento 85: Evangelização da Juventude: desafios e perspectivas pastorais. Brasília, DF: Edições CNBB, 2007.

CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL (CNBB). Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil 2023–2026. Brasília, DF: Edições CNBB, 2023.

DAYRELL, Juarez. O jovem como sujeito social. *Revista Brasileira de Educação*. Nº 24, Set /Out /Nov /Dez 2003.

DERMI, Azevedo. Desafios estratégicos da Igreja Católica. *Lua Nova*. Nº 60. 2003.

DICASTÉRIO PARA A DOCTRINA DA FÉ. *Declaração Fiducia Supplicans sobre o significado pastoral das bênçãos*. Vaticano: Libreria Editrice Vaticana, 2023.

FERREIRA, Reuberson Rodrigues. As opções da Conferência de Medellín, o legado para a Igreja e o Papa Francisco. *Encontros Teológicos*. Florianópolis. v.32. n. 2. Mai.-Ago. 2017. p. 345-360.

FIGUEIREDO, Jackson de. A reação do bom senso. Edição do Anuário Brasil, 1922.

FORACCHI, Marialice. A juventude na sociedade moderna. São Paulo: Pioneira, 1977.

FRANCISCO, Papa. *Laudato Si': sobre o cuidado da casa comum*. São Paulo: Paulinas, 2015.

FRANCISCO, Papa. *Evangelii Gaudium: sobre o anúncio do Evangelho no mundo atual*. São Paulo: Paulinas, 2013.

FUNDAÇÃO SM; OBSERVATÓRIO DA JUVENTUDE NA IBERO-AMÉRICA. Resumo Executivo. Pesquisa Juventudes no Brasil, 2021. Disponível em: <<https://oji.fundacion-sm.org/pesquisa-juventudes-no-brasil-2021/?lang=pt-br>> Acesso em: 02 de março de 2023.

GEERTZ, Clifford. Uma Descrição Densa: Por uma Teoria Interpretativa da Cultura. In: A interpretação das culturas. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1978. Cap. 1, p. 13-41.

GERRING, John; COJOCARU, Lee. Case-Selection: A Diversity of Methods and Criteria. Boston: Department of Political Science, Boston University, 2015. Draft: 6 January.

GODOY, José Henrique Artigas de. Dom Helder Câmara e Louis-Joseph Lebre: Desenvolvimentismo e Práxis Progressista Católica nas Décadas de 1950 e 1960. *DADOS*, Rio de Janeiro, vol. 63(1): 3201720188, 2020.

GRAMSCI, Antonio. cadernos do Cárcere, volume 1: Introdução ao estudo da filosofia. A filosofia de Benedetto Croce. Trad. Carlos Nelson Coutinho. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1999.

_____, Antonio. cadernos do Cárcere, volume 3: Temas de Cultura. Ação católica. Americanismo e Fordismo. Trad. Luiz Sérgio Henriques, Marco Aurélio Nogueira, Carlos Nelson Coutinho. 1. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2017.

_____, Antonio. cadernos do Cárcere, volume 4: Maquiavel, notas sobre o estado e a política. Trad. Baby Livros e Luiz Sérgio Henriques. 5. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2015.

HERMANOWICZ, Joseph C. The Great Interview: 25 Strategies for Studying People in Bed. *Qualitative Sociology*, v. 25, n. 4, p. 479–499, 2002. DOI: 10.1023/A:1021062932081.

HERVIEU-LÉGER, Danièle. *O Peregrino e o Convertido: a religião em movimento*. Tradução de João Batista Kreuch. 2ª ed. Petrópolis: Vozes, 2015.

HALBWACHS, Maurice. A memória coletiva. Tradução de Laurent Léon schaffter. 2ª ed. São Paulo: edições Vértices, 1990.

LIBÂNIO, João Batista. Cenários da Igreja. 3. Ed. São Paulo: Edições Loyola, 2001.

LIMA, Alceu de Amoroso. Política. Rio, Livraria Católica, 1932.

LÖWY, Michael. O que é Cristianismo da Libertação?: religião e política na América Latina. 2. ed. São Paulo: Perseu Abramo: Expressão Popular, 2016.

MACHADO, Jorge; MISKOLCI, Richard. Das Jornadas de Junho à cruzada moral: o papel das redes sociais na polarização política brasileira. *Sociologia, Antropologia*. Rio de Janeiro, v.09.03: 945 – 970, set. – dez., 2019.

MAINWARING, Scott. Igreja Católica e política no Brasil. (1916-1985). Tradução: Heloisa Braz de Oliveira Prieto. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1989.

MANNHEIM, Karl. O problema sociológico das gerações. Tradução: Cláudio Marcondes. In.: Marialice M. Foracchi (org), Karl Mannheim: Sociologia. São Paulo: Ática, 1982.

MERCURI, Karen Tank; LIMA-LOPES, Rodrigo Esteves de. Discurso de ódio em mídias sociais como estratégia de persuasão popular. *Trab. Ling. Aplic.*, Campinas, n (59.2): 1216-1238, mai./ago. 2020

NOVAES, Regina. Juventude e sociedade: jogos de espelhos. *Revista Sociologia Especial*. 2007.

_____, Regina. Juventude, religião e espaço público: exemplos “bons para pensar” tempos e sinais. *Religião e Sociedade*, Rio de Janeiro, v. 32, n. 1, p. 184-208, 2012.

OLIVEIRA, Fabrício Roberto Costa. Religião e mobilização social na Arquidiocese de Mariana/ MG. Viçosa: UFV, 2005.

OLIVEIRA, V. H. N.; LACERDA, M. P. C. de; NOVAES, R. C. R. Juventudes, educação, política: uma entrevista com Regina Novaes. *Educar em Revista, Curitiba*, v. 37, e71209, 2021.

PASTORAL DA JUVENTUDE. Campanha Nacional. Disponível em <<https://pj.org.br/campanha-nacional/>> Acesso em: 15 de jan. 2024.

_____. Campanha Nacional de Enfrentamento aos Ciclos de Violência contra a Mulher. Disponível em: <<https://www.pj.org.br/wp-content/uploads/2020/11/CAMPANHA-combate-ciclos-violencia-mulher-final.pdf>> Acesso em: 15 de jan. de 2024.

PENA, Anderson dos Anjos Pereira; ZIENTARSKI, Clarice. Cristianismo de Libertação, Teologia da Prosperidade e as perspectivas da luta de classes no Brasil. *Revista Brasileira de Educação* v. 27. 2022

PLEYERS, Geoffrey. A “Guerra dos Deuses” no Brasil: da Teologia da Libertação à eleição de Bolsonaro. *Educação e Sociedade*, Campinas, v. 41, e233566, 2020

RIBEIRO, Arthur Rizzi; CARVALHO, Ricardo da Silva; OREIRO, José Luis. A Doutrina Social da Igreja Católica, o novo desenvolvimentismo e a economia social de mercado: diálogos possíveis? *Revista de Economia Política*. 39 (4), 2019.

ROCHA, Roberto Barroso; DUQUE, Eduardo Jorge. Crise da modernidade e ascensão do movimento neopentecostal. *RevEleTeo. PUC SP*. V. 14, n. 26, p. 103-127, jul.-dez. 2020.

RODRIGUES, Rogério Pomponet. Cristianismo profético: esperança e utopia em Helder Camara, Henri Desroche e na JMJ do Papa Francisco no Brasil. *Estudos de Religião*, v. 27, n. 2, p. 249-269. jul.-dez. 2013.

SILVA, Joaquim Alberto Andrade; VIEIRA, Luis Duarte. (org.) Pastoral da Juventude: um jeito de ser e fazer: Somos Igreja Jovem. Brasília, DF: PJ, 2012.

SILVA, Wellington Teodoro da. À esquerda da tradição. *Revista de Estudos de Religião*, vol.1, nº 1, 2010, p. 66-81.

_____, Wellington Teodoro da; BAPTISTA, Paulo Agostinho N. A revolução nas origens da esquerda católica brasileira e a Teologia da Libertação. *Revista Sociedade e Cultura*. 2020, v. 23: e59752.

_____, Wellington Teodoro da. Esquerda Católica: Excerto. *Revista Nures*. Ano VII. N.18. Maio-agosto de 2011.

_____, Wellington Teodoro da. Frei Carlos Josaphat, Catolicismo e Revolução Social. Caminhos. Goiânia, v. 16, n. 1, p. 196-207, jan./jun. 2018

SOFIATI, Flavio Munhoz. Juventude Católica: O Novo discurso da Teologia da Libertação. São Carlos: EDUFSCAR, 2012.

_____, Flávio Munhoz. Tendências Católicas: Perspectivas do Cristianismo da Libertação. Estudos de Sociologia, Araraquara, v.14, n.26, p.121-140, 2009.

SOUZA, Ney de. Ação Católica, militância leiga no Brasil: méritos e limites. Revista de Cultura Teológica - v. 14 - n. 55 - abr/jun 2006

ZUBOFF, Shoshana. A era do capitalismo de vigilância. A luta por um futuro humano na nova fronteira do poder. Rio de Janeiro: Ed. Intrínseca, 2019.